

Table of Contents

01

02

Encaminhamento

03

Prontuário médico

04

05

06

07

Prontuário Médico

08

09

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

Coleção de versos de Maria Lúcia

Agradecimentos

Copyright © 2026 Lia d'Assis
Arqueologia das dores © Editora Reformatório

Editor:
Marcelo Nocelli

Revisão:
Marcelo Nocelli
Elisabeth Guimarães

Imagem de capa:
Obra "Autoescavação", colagem de Samuel Menezes

Design, editoração eletrônica e capa:
Karina Tenório

Livro digital:
Gabriela Fazoli

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Juliana Farias Motta CRB 7/5880

d' Assis, Lia
Arqueologia das dores/Lia d'Assis. – São Paulo: Reformatório, 2026.
2Mb

ISBN 978-65-84041-24-0

1. Romance brasileiro.

D111

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance brasileiro

Todos os direitos desta edição reservados à:

EDITORA NOCELLI LTDA
www.reformatorio.com.br

Não há mais névoa agora, há fatos e retratos, quando pensávamos que víamos juntos as mesmas coisas não era verdade, que os fatos as coisas os retratos o verde o branco coalhado da flor dos limoeiros estava ali à nossa frente e víamos tudo isso com o mesmo olho, ah, nada nada, não víamos, teu limite é distante do meu, as descobertas não serão as mesmas, sofro de sofreguidão, vejo através, difícil dizer aos outros que estou sofrendo de vida, que nunca mais vou morrer porque me incorporei à vida, não é que não te ame mais, mas devo ir, direi assim?

Hilda Hilst, *Tu não te moves de ti*

Tenho ouvido muito o barulho do trem, desde a madrugada, quando o silêncio da casa ficou tão absoluto que até os ruídos do jardim pararam de falar comigo.

Tudo aqui é silêncio.

Ouçõ o ruído da vida distante, o bulício da vida que me provoca de longe, o barulho do trem que segue me exigindo coragem. Eu sei que vou partir. E por isso me demoro a olhar cada canto dessa casa: as cortinas de borboletas que eu mesma escolhi — parece que elas estão só esperando que eu abra as janelas para voarem —, almofadas com meus versos prediletos, xícaras de vários lugares do mundo repousam na cristaleira. Alguns eu nunca visitei, pedia às pessoas que me trouxessem mimos de suas viagens — era uma maneira de me enganar, como se eu pudesse permanecer nessa casa e conhecer o mundo de longe, pelas histórias e fotografias dos outros.

Algumas xícaras estão lascadas, observo a pilha de pratos — um de cada jogo, os demais se quebraram, guardamos os sobreviventes. Não conseguimos nos desfazer de nada, não conseguimos nos desvencilhar do que foi.

Uma casa é também museu.

Colecionamos as peças que valorizam nosso passado, que testemunham que o tempo foi válido, que não o deixamos escorrer na ampulheta dos dias, que seguramos grãos de areia naquelas fotos que nos fazem reviver aquele brinde, aquele riso que ecoa nas lembranças, nos objetos que nos trazem a glória de ter atravessado

mares ou continentes, lido cardápios em língua estrangeira, contemplado paisagens ou monumentos históricos.

Mas um museu é também túmulo.

É tudo o que não é mais: há uma fina camada de morte em cada objeto, sobreposta à poeira e resistente a espanadores. Não se espana a finitude, não se escapa dela. Um túmulo é uma forma de resistir ao desaparecimento — e como resistimos: não houve sequer curadoria em nosso museu. Guardamos aleatoriamente objetos, não descartamos quase nada, sem admitir o medo de perder o que fomos. Construímos nosso museu, mausoléu do amor.

É preciso abrir todas as gavetas, inclusive as emperradas pela ausência do exercício, como nossos corpos no inevitável envelhecer. No meio das quinquilharias, talvez seja possível descobrir alguma verdade sobre nós, como arqueólogos a encontrar um único pergaminho soterrado na pilha de escombros.

Não podemos esquecer as das entranhas (nunca me esquecerei da mulher de Dali com gavetas nos seios e no ventre), as com puxadores invisíveis ou até mesmo quebrados, e aquelas que tememos caírem abertas em espaço público, revelando o inconfessável, o vexatório, o recriminável.

Mas você insiste que só tem prateleiras acessíveis e organizadas. “Não existe uma escultura chamada ‘Homens com gavetas’, Maria Lúcia, deve haver algum motivo.” Não há argumentos contra sua masculina certeza, Alberto, de que você está sempre pronto, seguro e sereno. Não há objetos esquecidos ou escondidos, não há nada a ser descartado, limpo ou organizado. Eu que olhe as minhas gavetas e me resolva sozinha.

Preciso abrir todas, nem que seja a machadadas. “Você não era tão agressiva assim”, posso ouvir sua voz dizendo isso, enquanto

abro todas as estantes, cómodas e armários — como se fossem seres com bocas escancaradas a esperar o vômito.

Entre os discos se misturam as vozes de tantas conversas, mas na escuta sobressai o que calamos. Nem sempre o silêncio é peso, houve também o da compreensão, do amor-fé, do amor-corpo em seu silêncio de saciedade.

Chegou o tempo em que veio o peso, o silêncio caía entre nós esvaziado da plenitude de outrora, e covardes calamos o que poderia ser dito, preenchamos o silêncio com novos discos, canções que ocupavam o vazio.

Eu que tanto amo palavras me acostumei a calar. Mas as palavras guardadas foram preenchendo meu ventre, que, abarrotado, abriu-se de repente com a força de um parto e sua dor inevitável. Sei que te machucaram, embora você não tenha dito nada. Poderia ser diferente se emoções e palavras não ficassem ali guardadas por anos, a gestar a distância entre nós? Talvez. Mas o medo moveu minhas palavras garganta abaixo, o medo de dizer-me toda e matar o encanto, o medo de quebrar nosso pacto tácito de nos aceitarmos, o medo de dizer que poderíamos ser mais felizes — porque esse mais sempre sugere que a realidade é menos — o medo de verbalizar e então não poder mais fingir, pois tudo o que é nomeado passa à existência: no princípio, é verbo, mas o verbo se faz carne.

E *a carne é triste*. A carne deseja, dói, dilacera-se — talvez por isso queiram domá-la. Talvez por isso você cultive essa razão implacável, enquanto eu grito mais um verso: *Razão, de que me serve o teu socorro?* Se estivesse aqui, talvez você me responderia que tampouco os versos que coleciono me socorrem; ao contrário, potencializam minha insensatez. Talvez, Alberto. Eu lhe respondo

com mais um: *meu verso é minha cachaça*. Cada um com seu vício: uns escalam montanhas, outros cheiram cocaína, alguns colecionam versos. Seu erro: não entender que sua apregoadada razão é seu escapismo.

É assim que começa — a gente abre uma gaveta e, de repente, todas as outras parecem apinhadas, prestes a se abrirem por si ou impossíveis de serem fechadas. “Não abra! É caminho doloroso e sem volta”, advertiram-me os sensatos. Você pensa que sabe o que quer encontrar lá dentro, parece apenas uma gaveta, mas é uma caixa de Pandora adaptada ao seu armário e à cor da sua sala. Depois de abertas, ao contrário da de Pandora, não se fecham mais, não há esperança.

Não posso! Não posso mais! — grito eu, que por toda minha vida me senti enchendo gavetas de segredos e mágoas. Agora que já abri as primeiras, não posso fingir que não tirei gavetas do meu ventre e que os vãos ainda doem, preciso ir até o fim.

É preciso coragem para se entrar no inferno e mais coragem ainda para sair. Ou pensa que Cérbero nos deixará sair, que ele não nos enxergará com seis olhos atentos? São suas muitas cabeças que nos mantêm no inferno. “Não, Maria Lúcia, é a sua própria cabeça”, você me diria, Alberto. E com razão: sou meu próprio cão, vigio sem trégua minha porta. Minha cabeça se multiplica e meus tantos pensamentos formam meu exaustivo inferno.

Penso em cortar todas as minhas cabeças, enfileirá-las como um caçador de cangaceiros. Mas não me iludo. Como criatura do Hades, Cérbero nunca morre. Não há como matar a própria morte.



Ultimamente você não conversa, você palestra, Maria Lúcia. Você fala tanto que, quando se cala, já não sei mais o que dizer. Fica esperando que eu dê respostas, mas eu nem entendo quais são as perguntas. Acho que nem você mesma entende.

“Como você se sente?” É sempre essa frustração. Você julga que não digo por que não quero? Não aprendi a fazer isso. Cresci aprendendo a ficar quieto, e isso não foi ruim. Não fazia diferença a ninguém o que eu pensava ou sentia. Você é a primeira pessoa no mundo a exigir que eu me explique.

O rio só corre para frente, Maria Lúcia. Não gosto de ficar ruminando memórias nem projetar o amanhã. O passado já era; o futuro é loteria, e a chance de ganhar, mínima. Mas depois de nossas conversas, sempre surgem lembranças. Enquanto você fala, eu fico quieto, não penso em nada. Talvez tenha desenvolvido isso desde a minha infância. Eu me lembro, vagamente, da minha mãe me levar pela casa, enquanto ela faxinava. Não tinha ninguém para cuidar de mim nessa hora. Eu não parava quieto, devia fazer barulho e até quebrar coisas. “Cala a boca, moleque!”, era tudo que eu ouvia da minha mãe quando falava mais de duas frases seguidas. “Não mexe aí! Fica quieto aí! Não sai daí!” — eram outras frases bem comuns, gritadas de um cômodo para o outro. Tanta coisa interessante naquela mansão e eu só podia ficar olhando de longe, parado, vendo a hora passar, aquele tédio... E aí de mim se eu não

obedecesse, muito cedo conheci a dor dos tapas da minha mãe. Mas tudo bem, o que não mata fortalece, né? E criança põe qualquer um doido, eu mesmo não tenho a menor paciência.

Lembro-me da minha mãe esfregando com fúria os azulejos dos banheiros, mas limpando com toda delicadeza aquelas cristaleiras, aqueles bibelôs e pratos de porcelana de vários lugares do mundo, que ficavam pelas paredes da mansão dos Menezes. Minha mãe me pedindo para eu limpar a biblioteca. Não sei por que, ela detestava limpar a biblioteca, então, quando cresci um pouco, até antes de começar a ajudar o Seu Antônio a cuidar do jardim, da horta e da piscina, ela me pedia para fazer isso. Eu achava legal, você sabe que eu gosto de livros e de ver coisas limpas e organizadas. Era uma biblioteca enorme, estantes de madeira escura cobrindo as paredes até o teto, cheias de livros. Era bonito de ver, eu sempre gastava mais tempo lendo algum livro do que tirando o pó, e assim, semana a semana, lia livros inteiros ali.

Não nos lembramos das mesmas coisas e detalhes, é claro. Cada um vê o mundo com seus próprios olhos, pensa com sua própria cabeça. Não tem a ver com o que você disse: “A gente não se lembra do que não é importante. *O esforço pra lembrar é a vontade de esquecer...*”. Fiquei bem surpreso de você citar essa música, Maria Lúcia, não combina com seu gosto. Eu me lembro de quando a gente se conheceu. Você não prestava muita atenção em mim, estava sempre rodeada de gente, falante, gesticulando, meio elétrica, suas mãos acompanhando as palavras. Eu não entendi por que você chamou minha atenção. Você não fazia o meu tipo — era magra demais, alta, delicada. Vestia saias coloridas e costumava procurar, na sua bolsa, um prendedor para o cabelo que nunca achava, e acabava fazendo um coque com um lápis.

Não sou de falar muito, sou introvertido, mas você não demorou para puxar conversa comigo em um dos intervalos das aulas: “Você

não parece estudante nem professor, moço... Me conta a verdade: você é um espião?”. Eu não tinha uma resposta divertida, então falei que era professor mesmo. “Eu sei, moço, estou brincando”, você disse, sorrindo. “É por causa do terno que eu não pareço professor? Estou me sentindo discriminado!” Acho que falei algo assim para não deixar a conversa morrer. Você sempre foi boa nesse jogo, Malu, emendou logo: “Imagina, moço, é que a sua elegância chama atenção”. Quando disse isso, não pude evitar um sorriso, porque aquilo soava como uma cantada, mesmo você negando todas as vezes que a gente lembrou desse primeiro diálogo. Gostava tanto de quando a gente lembrava essas primeiras conversas, o flerte. Eu te contei que fazia Direito e trabalhava em um escritório de advocacia, e você achou incrível eu ainda dar aulas naquele supletivo aos sábados. Perguntou, em tom de piada, se o escritório de advocacia não estava me pagando bem. Eu tive vontade de dizer que não, de contar que eu trabalhava na Albuquerque & Menezes Advogados Associados desde os meus quinze anos por uma merreca, que essa empresa era também dos patrões da minha mãe, que ela era doméstica e que ela e eu morávamos, desde sempre, nos fundos da mansão dos Menezes; que eles também pagavam a mensalidade do meu curso de Direito, mas sem promessas da continuidade do emprego ou de um aumento real do salário depois que eu terminasse a faculdade. Tive uma vontade de me revelar nunca sentida antes com ninguém. Mas se eu dissesse isso, teria que explicar tanta coisa. Então disse algo sobre eu gostar de dar aulas, principalmente para adultos que não tiveram antes a oportunidade de estudar, como meus pais. Não sei por que eu disse “pais”, assim no plural. Como se eu tivesse conhecido meu pai, como se eu tivesse uma família tradicional. Você se calou, olhando nos meus olhos, parecia um olhar de compaixão, apesar de você dizer sempre que só estava me admirando, que achava meus olhos azuis tão

bonitos. Eu também sempre achei os seus tão lindos, Malu, apesar de você dizer que é comum ter olhos castanhos escuros. Não é só a cor, é o formato dos seus olhos, seu jeito profundo de olhar para as pessoas. Isso me pegou desde essa primeira conversa, você era quase uma desconhecida, mas seu jeito de olhar me rendeu.

Perguntei seu nome, pedindo desculpas por não lembrar. Você respondeu sorrindo: “Maria Lúcia, mas todo mundo me chama de Malu. O teu eu lembro, é Alberto, não é? Alberto, o homem de terno... É quase uma rima!”.

Encaminhamento

Lurdes Maria da Silva, 60 anos, empregada doméstica, analfabeta.

Paciente apresenta confusão mental, formigamento e fraqueza nos membros do lado esquerdo.

Solicito ao setor de geriatria avaliação e acompanhamento, em caráter de urgência.

CID: R41.8

Dr. Chadi Salman, CRM 872093/SP

Aquela caixinha de anéis, lembra? O primeiro presente, o primeiro objeto que você me deu, Beto, com pedidos de perdão, mais de uma semana após o Dia dos Namorados, no qual eu tinha te presenteado com uma blusa verde. Você disse que não tinha o hábito. Hábito? “Sim, em minha casa não nos presentearmos. Não há datas festivas. Aniversários e Natais são dias comuns”. Hoje sei o que me scandalizou: a falta de ser lembrada de forma especial, a ausência de um desejo de me presentear.

Então você chegou com aquele embrulho cor de desculpas, eu tentava fingir indiferença, chateada com a falta de atenção. Abri depressa o pacote, rasgando o papel. Era uma caixinha de madeira — “para guardar seus colares, brincos, anéis, você tem tantos...” Eu gostei mais do bilhete escrito no *post-it* colado na parte de dentro da tampa do que da própria caixinha: “Para a menina do anel de lua e estrela”. Naquela época, eu as tinha desenhadas em cadernos, bolsas, saias, e um anel que tinha uma lua minguante e uma estrela de cinco pontas em baixo relevo. Era meu preferido.

Engraçado ter me dado uma caixa de anéis, porque o anel nunca me deu... Eu te pedia um, sugeria com olhos compridos quando passávamos em frente a joalherias. E você ria, dizendo que eu havia escolhido o namorado errado: pobre, que nunca me daria joias. Eu não queria joias, mas um sinal de eternidade: algo que não perdesse a beleza, o valor. Eu acreditava que seguiríamos com o nosso brilho intacto.

Fui contigo *por sombra e perigo*, sem que você me desse nem *anel*

de vidro. Olho os anéis da caixinha, todos escolhidos e comprados por mim. Com espanto, noto que ainda estou usando aliança, a qual eu também comprei, mandei gravar nossos nomes e a data do casamento. Encontro dificuldade para tirá-la, os dedos estão mais grossos do que há vinte anos. Depois de algum esforço, sigo para o banheiro e, com ajuda de sabonete, consigo removê-la. Fica um sulco leve na pele em que estive por tanto tempo. Seco minhas mãos e passo os dedos sobre essa marca, quase uma cicatriz a me confirmar que não será tão simples remover de mim todos os sinais de você.

Eu trabalhava em um curso de educação para jovens e adultos, quando nos conhecemos no intervalo das aulas, naquela sala dos professores apertada. Chamou minha atenção seu terno, seu jeito sério, a aparente falta de sonhos, a expressão cansada, seus olhos envelhecidos num rosto de vinte e poucos anos. Sua voz amável, seus livros, suas ideias me cativaram.

Era novembro quando sonhei contigo pela primeira vez. Eu estava parada na frente da escola e você chegava, caminhando. Havia muita gente, eu cerrava os olhos a um sol de meio-dia. Então você se aproximou com uma correntinha fina e prateada nas mãos, ficou atrás de mim e a colocou delicadamente em meu pescoço, levantando com cuidado meus cabelos. Surpresa, levei as mãos ao colo, e senti que pendia dela uma rosa branca, muito viçosa. Ao me virar para te agradecer, você desapareceu. No meio da multidão, eu te procurei. Virei-me desapontada na direção pela qual tinha chegado; e quando de novo levei as mãos ao pescoço, a corrente havia se tornado uma corda fina e áspera. A rosa, caída em frente aos meus pés. Acordei.

Assumo minhas assimetrias.

O espelho repousa sobre a cômoda. Enganamo-nos ao pensar que espelhos de mão são como treliças de confessionário: olhamos sem medo supondo que ninguém nos olha de volta, mas por trás das treliças há o olhar que avalia; por trás do espelho, nossos olhos que julgam as linhas, cicatrizes e rugas, evitando o pior, olhar nossos próprios olhos — esse momento perigoso de contemplar as janelas da alma e perceber, se abertas, *o poço de dentro, o incomensurável*; ou a luta para mantê-las fechadas de nós mesmos.

Houve o tempo em que lutava, mas veio o dia em que me olhei no espelho e não peguei o lápis para acertar as sobrancelhas nem pintar os lábios para realçá-los. Apenas contemplei os lados do rosto e vi como eram desiguais. E me gostei assim — sem simetria, sem perseguir qualquer ideal de beleza ou perfeição — e me olhei nos olhos e as janelas por tanto tempo cerradas se abriram e lá dentro eu, a paixão e a sede: *um passeio veemente pela vida*

Vi minha alma sedenta e apaixonada que eu havia trancado na serena promessa de dias mais tranquilos, de tardes sem lágrimas, de um cotidiano em que eu calculasse a possibilidade dos danos e desistisse do salto. Eu me feri tanto menos, mas tinha tanta saudade da alegria delirante do salto, do vento no rosto, mesmo com a incerteza de saber se, no fundo do fosso, haveria amortecimento. Então amorteci a mim mesma.

Amortecida e morta são palavras próximas, mas tão distintas: amortecida se segue uma vida, vive-se até mais na exclusão de tudo o que causaria *movimento demais aos olhos*. Até que a morte nos bate ao ombro com mão bruta ou suave; por mais amortecidos que estejamos, o chamado inapelável da morte é sempre sentido, nunca ignorado.

Quando a vi convulsa, o rosto contorcido, o som surdo de seu corpo franzino a cair sobre o tapete — tudo num instante menos

que ínfimo e mais que eterno, que nunca vou deixar de vivê-lo — é
que fui bruscamente arrancada desse estado de dormência.

Prontuário médico

Paciente: Lurdes Maria da Silva

Sexo: feminino

Idade: 60 anos

Profissão: empregada doméstica

Acompanhante/familiar: José Augusto Albuquerque da Costa Menezes Filho.

Encaminhada pelo Dr. Chadi Salman (CRM 872093-SP) para triagem ambulatorial do setor de geriatria do Hospital de Clínicas.

Quadro clínico: desorientada no tempo e senso de orientação espacial parcialmente preservado, demonstra anosognosia, discurso tangencial e desorganizado. O familiar, em entrevista inicial, referiu flutuações de humor, agitação, comportamentos repetitivos e obsessivos, hiperoralidade (inclusive com fala solitária) e alucinações visuais, que têm se repetido nos últimos 12 meses.

Anamnese: paciente analfabeta, empregada doméstica, apresentando dificuldades de memória recente de início insidioso associada à perda da funcionalidade para atividades complexas como preparo de refeições e cuidados domésticos, com episódios

de desinibição e ideias delirantes nas últimas semanas. Não há outros diagnósticos nem referência a dados de história clínica familiar, a paciente não fez acompanhamento médico contínuo até o momento.

Exame físico: a paciente encontra-se hidratada e com bom aspecto, no geral; pressão arterial 14 X 9; queixa-se de formigamento e fraqueza nos membros do lado esquerdo, especialmente da mão esquerda.

Triagem Cognitiva; Miniexame do Estado Mental (MEEM): 10 pontos.

Atividades Instrumentais da Vida Diária (AIVD): 16 pontos (dependência relativa).

Índice de KATZ: 2 pontos — independente, embora precise de assistência para se banhar e se vestir.

Conduta: medicada com Losartana Potássica 50 mg.

Encaminhada ao setor de neurologia para investigar hipótese diagnóstica de síndrome demencial a ser esclarecida. CID R41.8

Solicitação dos exames: Avaliação Neuropsicológica, Hemograma completo, Perfil glicêmico, Ressonância Magnética do crânio; Angiorressonância de crânio, Líquor.

Dr. Gabriel Santos Gomes, CRM 402579/SP

Sempre falei pouco. Quem fala demais dá bom dia a cavalo, minha mãe dizia. Palavra demais só atrapalha, né, meu filho? Como assim, virei uma velha tagarela? Então... Posso até falar, mas não tenho as palavras bonitas de Maria Lúcia. Afe, eu não fico é enrolando as pessoas com palavreado. Palavra demais só atrapalha, sabe? É, você sabe, meu filho! Você só fala quando precisa, eu te criei muito bem.

Sabe, eu tenho até palavra demais, dentro da minha cabeça, parece que elas não conseguem sair. Sei lá se você percebe, acho que não. Maria Lúcia percebe, tenho certeza. Que mulher você foi arrumar, meu filho! Você sabe, eu sempre te disse: pensa bem, ela é inteligente demais, independente demais, vai pensar mais nela do que em você, ou coisa pior. E você disse que assim que era bom, nunca vou te entender. Mas eu te avisei. Quem avisa, amigo é.

Tá tudo aqui, dentro da minha cabeça. Me acostumei a falar sem boca, sabe? Não tô gritando nada! Tô falando aqui, dentro da minha cabeça. Tem que guardar tudo na cabeça.

Tem palavra demais aqui dentro, mas acho que palavra de menos também é ruim. Eu devia ter te falado, meu filho. Te contado tudo, eu acho que era melhor, agora eu não te deixava tão sozinho. Na verdade, sempre te deixei sozinho, mesmo a gente dormindo no mesmo quarto. Já faz tempo isso?

Beto, espera. Vou falar, mas bem baixinho. Se a patroa escuta, põe nós na rua. Calma, filho, vou falar. Mas só depois que eu terminar de passar a roupa. Não tá vendo a pilha de roupa? Daqui a

pouco D. Magnólia vem ralhar comigo.

Se eu pudesse mudar as coisas... Mas aí você não ia existir, meu filho. Olha, pensando bem, seria melhor. Se eu pudesse mudar, acho que, pelo menos, te falava a verdade, deixava você saber de tudo. Mas teu pai nunca ia deixar. Não tem como mudar mais nada. Adianta dizer pra gente mesma que não se arrepende de nada? Coisa besta! Mentira que a gente conta pra aguentar viver com as besteiras que fez. Mas eu me arrependo, meu filho. Precisa de padre pra dizer isso, não. Quem diz que não se arrepende de nada é besta. Coisa de gente metida, que nem Maria Lúcia.

O que essa pilha de roupa tá fazendo aqui? Meu Deus, se Dona Magnólia pega isso assim! Que não precisa se preocupar o quê! Não preciso passar a roupa? E quem vai fazer meu serviço, Beto? Quem? “Lurdes, cadê meu vestido azul? Lurdes, você ainda não passou meu vestido? Menina lerda, preciso sair!” Cê acha o que, meu filho? Que a madame, com suas mãos de seda, ia lavar e passar o vestido dela? Cê tá é besta!

O quê? Doente? Lá vem você de novo com essa história de que eu tô doente! Eu tô ótima, Beto. Cê já me viu doente na vida? Foi Maria Lúcia que inventou isso, foi não? Presta atenção, moleque: eu tô muito bem! E bora parar com esse papo sem pé nem cabeça e fazer nosso serviço, que a gente ganha mais.

Tá tudo aqui, dentro da minha cabeça, tá tudo dentro da minha cabeça, tem que guardar tudo na cabeça, não pode contar pra ninguém, Lurdes. A patroa não gosta de falatório na casa, se ela souber, põe nós na rua, meu filho. Você é muito pequeno pra entender, Beto. Eita, você tá escutando minha cabeça? As coisas que eu lembro, se você escutar, vai entender. Escuta o que eu calei. Você entende, né, meu filho? Você sempre entendeu meu silêncio,

nunca me perturbou com pergunta. Você sabe, né, filho, tem coisa que é melhor calar, tem coisa que é que nem merda: quanto mais mexe, mais fede.

O que essa pilha de roupa tá fazendo aqui? “Lurdes, sua lerda, já passou meu vestido? Cuidado, não vai queimar, é pura renda francesa. E o terno do patrão, ele tem que ir pro fórum”. Se eu pudesse queimava mesmo, mas não é com ferro não, eu botava fogo nas coisa tudo, na casa inteira, mas a única coisa que ficou queimada foi minha mão, a marca do ferro pesado que escorregou da minha mão, eu assustei quando ele entrou no quarto e o ferro foi na minha mão, a marca não sai mais, ferro em brasa queimando minhas carnes. Não sai mais.

Seu Augusto Filho era um homem bonito. Beleza tem sobrenome, sabia não? E não é Silva nem Souza, é sempre nome grande, aquele monte de sobrenome junto, que nem cabe numa linha só... Tudo gente bonita naquela casa maravilhosa.

Mas casa bonita não leva ninguém pro céu.

Seu Augusto era um homem bonito, era moço, um sorriso de galã de novela. Ele brincava comigo quando me achava pela casa, ajudando minha mãe. Eu ria, minha mãe ralhava: não dê confiança! Eu não entendia minha mãe. Eu era tão menina.

Minha mãe, ô minha mãe... Você não sabe o que é ser mãe, Maria Lúcia, é por isso que você é assim, exagerada. Você não sabe o que é engolir dor todo dia, né, minha filha? O que é mastigar culpa e engolir sem fazer barulho. Ah, minha mãezinha! Ela morreu e não tinha ninguém mais pra ralar com meu sorriso. Eu sinto falta dela, eu só tinha ela no mundo. Talvez por isso eles me deixaram ficar. Como jogar uma menina órfã na rua? O resto da família lá nos cafundó do Nordeste, jurando nunca mais falar com minha mãe, depois que ela engravidou e veio embora pra São Paulo atrás do meu pai. Eu tava sozinha no mundo. Era gesto de caridade deixar a

menina órfã ficar na casa — ouvi as amigas dizendo pra Dona Magnólia quando eu servia o chá. Ela só não contou que a menina pagou caro por aquele teto e pelo prato de comida.

Não, D. Magnólia, nada não, tô pensando alto. Já tô indo! Eu sei, não vou correr com a bandeja e derramar o chá. Nem quebrar a porcelana fina, as xícaras com borda que parece ouro, os desenhos de uma lindeza só. Adoro ficar olhando os desenhos, quando eu limpo a cristaleira: em cada xícara é um diferente, pode ser uma história, né? “Ande logo, menina, tá achando que não tem mais nada pra fazer?” Tô indo, mardita! Eu queria era ver a patroa aguentar um dia do meu serviço. Ver a sinhá limpando de joelho as privadas da família. Ah, eu queria ver essas mãos de seda se rasgando na esfrega da roupa, dos panos sujos que limpam seu palácio. Isso a senhora sempre fez bem, arranjar os panos pra cobrir a sujeira. Tem sujeira que não limpa nunca, Dona Magnólia, a senhora e seu filho deviam saber.

Engraçado quando alguém me elogia por eu gostar de ler. Você mesma diz que nunca se casaria com alguém que não gostasse de livros. Pouca gente entende que eu comecei a gostar de livros por falta de opção.

Essa é a verdade, Malu. Sempre vivi o possível, e o meu possível era bem pequeno. Comecei limpando os livros, depois percebi que era mais interessante ler do que limpar. Aos domingos, o que tinha para fazer? Minha mãe ligava o rádio, eu me deitava no colchão e lia os livros que eu pegava na biblioteca da casa. O velho Augusto me deixava pegar o livro que eu quisesse. Um dia ficou surpreso quando me viu na biblioteca, com o espanador em uma das mãos e um livro de Aristóteles na outra. Não é comum ver um menino de 12 anos lendo a *Política*, ele ficou tão entusiasmado que disse que eu podia ler o livro que quisesse, só precisava conferir antes se os meninos não iam precisar — ele sempre chamava os filhos de “meninos”, mesmo sendo todos adultos. Eu gostava mais dos livros de aventura, era a única forma de viajar o mundo. Era o único jeito de sair da mansão dos Menezes que não fosse a escola. Era um dos meus poucos prazeres, junto com a comida. Mas gostava mais de comer do que de ler. Tiana sempre guardava a sobra dos jantares, mas eu comia também a que ela não separava para mim. Às vezes, quando eu acordava de madrugada, ia até a cozinha e comia o que me negavam. Não conto isso para ninguém, pega mal. Mas não sinto culpa, pelo contrário: eu achava mais gostosa aquela comida que eu pegava escondido. Era um jeito de me sentir vingado, eu ria

por dentro quando ouvia Dona Magnólia perguntar: “Nossa, Tiana, os doces já acabaram?”, ou dizer “Pensei que havia sobrado um pouco do camarão de ontem...”. Comia em pé, com as mãos, na frente da geladeira, depois me deitava satisfeito no colchão, com a barriga cheia. Se, no dia seguinte, alguém comesse o que ainda restava, eu sempre me divertia pensando que nunca lavava as mãos antes de enfiar os dedos nas tigelas.

Você sabe, Malu, eu odeio *shopping centers*. Se no único tempo que temos para ficarmos juntos você tem que comprar alguma coisa, sinto muito. Digo sempre o quanto me estressam as filas para tudo, para entrar, comprar, sair, mas, na verdade, me faz mal aquele templo de consumo onde os que não podem pagar também precisam comprar e se angustiam com isso. Tenho também minhas memórias tristes. Uma excursão da escola. Antes de ir a um museu, paramos em um *shopping* para fazer uma refeição. Minha mãe tinha me dado tão pouco dinheiro, que eu não pude comprar um lanche onde todos os outros alunos comiam. Fiquei sentado numa mesa com colegas que pediam sem nem olhar o preço no cardápio. Eu queria ficar lá fora, mas a professora não deixou — “Quem vai ficar lá com você, Beto?” Depois que uma colega comeu até se fartar, me ofereceu o resto do seu lanche, quase um terço do sanduíche e das batatas do prato. Tive vergonha, recusei e agradei. Depois a professora passou comigo nas Lojas Americanas, peguei um pacote de bolachas e fui comendo no ônibus, não ofereci a ninguém, também não falei com mais ninguém, mas não fez falta.

Outro episódio inesquecível foi quando fomos a uma loja de departamentos comprar roupas, depois que Tiana e minha mãe viram um comercial que anunciava uma promoção. Eu era pequeno, devia ter uns seis anos. Minha mãe foi pegando as peças de que

precisávamos, sem saber direito se o dinheiro que tinha era suficiente. Minha mãe não sabia fazer contas, tinha vergonha de admitir, não pedia ajuda. Na fila do caixa, compartilhamos a angústia de não poder pagar por aquelas peças, nos olhávamos em silêncio, sofrendo na espera. No caixa, o que já prevíamos — o dinheiro não era suficiente. Minha mãe foi olhando as peças, incapaz de escolher do que abrir mão, de transformar o pouco em quase nada. As pessoas na fila começaram a reclamar, ela então tirou as únicas peças que tinha separado para si e deixou um moletom e um tênis para mim, dizendo que não tinha jeito, que logo meus sapatos não caberiam mais nos pés que cresciam, sem ligar para como os seus seriam agasalhados.

De que adianta a gente ficar remoendo o que já foi? O passado não volta, Maria Lúcia, é ilusão da sua parte achar que “abrir os armários” e “elaborar o sentimento” vai deixar tudo mais leve. Enquanto você estiver viva, vai ter que carregar seu fardo com ou sem poesia. Nisso a vida é igual para todo mundo e não vai ser diferente só porque você tenta se explicar com meia dúzia de poemas. Quanto mais palavras a gente põe nas angústias, mais elas crescem. Como não consegue entender isso? Você é tão inteligente, mas nesse ponto é estúpida, teimosa como uma mula! Fica pensando mil vezes em cada fato, cada gesto, cada palavra (memória de mulher é um negócio impressionante!) e fica presa nesse turbilhão de pensamentos. Você cria o seu próprio inferno, e o pior, faz de tudo para não sair dele.

Quando me calo, é uma tentativa de nos poupar desse cansaço. Quando diz que eu me recuso a fazer terapia — como é mesmo que você falou, “encarar meu vazio?” — estou é fazendo um favor: nos poupar de toda minha história triste, mas banal: são milhões de

peessoas que crescem sem pai e sem dinheiro. Já pensou essa multidão se lamentando todos os dias? A maioria cresce sem dinheiro para terapia nem tempo para se lamentar. E a vida é isso. Melhor não tecer expectativas.

Falar das desgraças não leva ninguém para frente. Olha a minha mãe: ela teve uma vida dura, mas eu nem ninguém ouvia essa mulher reclamar. Só agora, ficando velha, que deu pra falar mais que a boca, e conta umas coisas estranhas, desconexas. Também tem se queixado de fraqueza em um dos braços. Ainda bem que Dr. Augusto tem um amigo de infância que é neurologista e professor da Faculdade de Medicina, que encaminhou minha mãe para o Hospital de Clínicas e conseguiu mexer os pauzinhos para ela fazer exames o mais rápido possível.

Estou muito preocupado com o estado de saúde dela. Então, nessa situação, você ainda vem me dizer que a gente se afastou, que eu perdi o tesão por você, que a gente precisa repensar nossa relação, aprender a expressar nossos sentimentos? Olha além do seu umbigo, pelo amor de Deus! Sabe, Maria Lúcia, a mensagem da vida é clara: engole o choro e toca o barco. Parece que você ainda não entendeu.

Roupa velha tem um cheiro peculiar, que não é o das gavetas, o de tecidos há muito guardados. É cheiro de um passado que volta, que toma forma entre fios e botões. Esse vestido tem cheiro de vento. Estava ventando muito naquela tarde. Eu fui te esperar no ponto do ônibus, fiquei lá um tempo porque o ônibus atrasou. Como éramos jovens e tão mais leves: não tínhamos celulares, computadores, carros, nem aplicações bancárias, nem imóveis, nem certidões. Eu saí de casa sem relógio e fiquei ali, sentada no ponto de ônibus vazio, naquele sábado à tarde, Sábado de Aleluia. Enquanto você não chegava, eu pensava no que ia dizer: “Beto, está sendo legal ficar contigo, mas acho que não correspondo aos teus sentimentos, então é melhor...” Refiz a frase em diferentes combinações; em todas, as palavras me pareciam tão infelizes, tão imprecisas para o que eu realmente queria dizer: que não me amasse. Simples assim: “Por favor, não me ame”. Não ser amada não era uma zona de conforto, mas era um terreno conhecido, onde eu pisava desde sempre. *O amor é um grande laço, um passo pra uma armadilha*: eu sabia que logo os laços se tornariam nós e estaria eu *presa por vontade*. Se você não me amasse, eu poderia continuar livre.

“Por favor, não me ame, estamos bem assim, sem rótulos, promessas e exigências que possam levar a contratos e cobranças”. Eu não sabia que isso estava dentro da angústia que mal cabia em mim, nesse vestido azul que eu tenho nas mãos e, agora, percebo, não tem só cheiro de vento, mas de dúvida. O ônibus chegou e te vi

na janela com seus cachos desalinhados, uma camisa verde. Você sorriu quando seus olhos encontraram os meus. E então eu não soube te dizer tudo o que tinha ensaiado antes que percorresse seus dedos lentamente pela linha de botões do meu vestido, abrindo um a um, antes que nossos corpos se conhecessem nus, antes que aconchegados um no outro víssemos a tarde cair, deitados em um colchão na sala do meu apartamento. A luz do fim de tarde mal iluminava o chão de ardósia e a alvura do seu corpo me fez lembrar daqueles quadros em *chiaroscuro* e sorri. Você me perguntou por que eu sorria e no que eu pensava. “Gosto de mulheres misteriosas”, você respondeu ao meu silêncio, e seu olhar se perdeu pelo contorno dos meus quadris. Suas mãos acompanharam a linha do meu corpo — desde o pescoço apoiado no braço, até a cintura, as coxas — “são lindos os teus contornos contra a luz”, você disse, olhos úmidos de desejo.

“Chamei você para sair ontem porque eu queria terminar o que a gente ainda nem começou”, disse eu na manhã seguinte, antes da sua partida. “Queria nada. Com esse vestido azul, você estava bonita demais para quem ia me dar um fora.” Ri como se desdenhasse, mas acreditei em você. Desisti de pedir para que não me amasse. E atendi ao pedido que me fez naquela manhã: “Queria que você ficasse só comigo, porque estou só com você”.

Os móveis não mentem: a cama arrumada, almofadas enfileiradas cartesianamente, a poltrona sem roupas, o chão reluzente e sem sapatos espalhados, a mesa de cabeceira sem copos d’água, sem livros, sem cremes, sem pentes ou fios de cabelo revelam que há muito ninguém dorme aqui. Já não ocupamos esse quarto. Antes disso, já não mais habitávamos a mesma cama nem a mesma pele. O que perdemos primeiro — o leito nupcial ou a pele

de amantes — não sei precisar. É possível marcar em calendário a morte de uma pessoa, mas difícil saber o ano, o dia e a hora em que se declara falência múltipla dos órgãos do amor, mais provável é que um Eros moribundo se arraste por anos, até décadas, a depender do medo de se admitir que ele não existe mais.

Tivemos medo, Beto. Tentamos avivar a velha chama, tentamos usar a memória como afrodisíaco, lembrando a deslumbrante descoberta de nossos corpos, sem saber que isso só esgarçaria o que outrora nos unira e que agora não mais nos puxaria irresistivelmente para o corpo do outro. Não era mais possível disfarçar o desejo ausente, a carne apaziguada sobre a cama, sua pele indiferente à minha. E não adiantam paliativos. Eros é um deus caprichoso que resiste a comprimidos, lingerie, *pole dance*, livros de autoajuda, *sex shops*, narrativas picantes, simulacros de *Kama Sutra*, conselheiros e psicólogos. Eros só fica onde quer.

Menina, tenho que passar a roupa, daqui a pouco escurece e aí é pior. A luz do quartinho é ruim. Você já passou tudo? “Lurdes, você passou direito as camisas, os ternos? Teu patrão é importante, um juiz tem que andar elegante, bem alinhado blablablá...” Grande bosta! Um homem de terno, com palavreado bonito, falando muito de Deus, da família... Vixe! Já fico imaginando o que ele tá tentando esconder. O que será que ele fez que ninguém pode descobrir? Só quem tem medo do Diabo precisa falar de Deus toda hora.

Achou engraçado, é? Uma merda tudo isso. Aqui, os homens tudo usa terno, sabe? Na casa dos Menezes a gente lava e passa os ternos do velho Augusto e dos três filhos, advogado também tem que andar na estica. Gente rica anda tudo bem-vestida, até pra tomar um cafezinho na cozinha. Lembra quando a patroa comprou o ferro elétrico, Beto? Você já tinha nascido, meu filho! Olha só que velha pão-dura, filha da puta avarenta. Dinheiro pros vestidos, pras joias, os perfumes, a mardita sempre teve; pra comprar qualquer coisa pra facilitar nosso serviço, tem não. Eu não tinha nem dez anos, acordava de madrugada, na fazenda, e ia cortar lenha, eu e minha mãe. Ela acendia o fogão de lenha, depois eu pegava as brasas pra colocar dentro do ferro, esperava esquentar e passava aquela ropaiada com aquele ferro pesado, os braços da gente chegava a doer. E quando eles voltam de viagem? Aquele mundo de roupa suja para lavar e passar, ave-maria!

Os Menezes... tem muita roupa suja dos Menezes pra lavar! O

que tá me olhando, menina? Tá me achando ingrata? Mal chegou aqui na casa e já tá me julgando? Tá pensando o quê? Presta atenção: escuta bem que eu não sou de falar muito. Vem mais perto. Vou falar, mas bem baixinho. Se a patroa escuta, põe nós na rua. Eles foram bons pra mim, me deixaram ficar, eu não cuspo no prato que comi. Eu até gostava deles. Eu até gostava do Seu Augusto moço. Ele é bonito, né? Já reparou? Duvido que você não reparou, deixa de ser besta!

Seu Augusto era tão bonito. E eu era tão menina... Já falei? Ele era o único que brincava comigo. Ganhou minha confiança. O único que me abraçou, quando minha mãe morreu. Faz tempo, eu tinha só oito anos, mas eu lembro bem daquele dia: a mãe suando frio, aquele soluço e o sangue, o vômito quente e vermelho e eu só fiquei ali, não sabia o que fazer, um grito entalado na garganta. Nunca consegui gritar, sabe? Eu só fiquei ali, que nem uma pedra, coração batendo tão forte que parecia que eu ia vomitar ele também... Levaram minha mãe e nunca mais ouvi a voz dela. Eles me chamaram e só disseram que ela tinha câncer, que era grave. Depois, me chamaram de novo. O velho Augusto e Dona Magnólia estavam sentados, me esperando na sala. Eles pediram pra mim sentar, isso nunca tinha acontecido, eu conhecia bem cada sofá, cada cadeira da casa, pela mão, não pela bunda — eu só limpava eles, sentar naquela maciez toda não era pro meu bico. Eu sentei na ponta de um sofá, de frente pra eles. Ah, meu filho, uns minutos compridos que só eu sei. O velho Augusto limpou a garganta, olhou pra esposa como que dando permissão pra ela falar, então ela me olhou com firmeza e disse: “Lurdes, sua mãe faleceu”. Eu não disse nada, ela então emendou: “Ela morreu, menina”, como se achasse que eu não tinha entendido a palavra “faleceu”. Lembra, Beto? Cadê ele? Deve ter ido pro escritório, ah, meu filho, tão trabalhador. Mas, menina, quem é você? Tá trabalhando aqui agora? Foi Dona

Magnólia que te deu serviço aqui? Quem? Dona Maria Lúcia? Sei quem é essa, não. Aqui tem só eu e Tiana pra dar conta do serviço.

Tiana, ah, Tiana... Que pessoa boa, tão zelosa, tão limpa! Nunca vi mulher mais limpa. Ela tira às vezes um pouco da comida dos grã-fino, esconde pra mim comer depois. Quando tem banquete, depois que a gente lava aquela loçaiada, limpa tudo, aí a gente senta na cozinha e come escondido as migalhas do luxo. Deixa eu falar baixo, meu Deus! Dona Magnólia não pode saber. Cala-te, boca! Ela manda Tiana fazer outra comida pros empregados, né? Mas ela não sabe que a gente tem o nosso jeito. É bom demais: a gente comendo escondido, aquele silêncio alegre de travessura, o gosto bom de comida de rico fica melhor por causa disso, pela travessura, como se a gente fosse criança.

Cê lembra, Beto? Quando tua vó morreu, eu chorei muito. Não quando Dona Magnólia falou. Eu fiquei parada, meio passada com aquela notícia. Talvez por causa disso ela não tentou me consolar. Ela só perguntou: “Você tem contato com seus avós? Algum tio ou tia?”. Mexi a cabeça, negando. “Não se preocupe, menina, vamos cuidar de tudo. Não precisa voltar para o trabalho hoje, está bem? Descanse, vou pedir à Tiana para cuidar de você.”

Não sabia nem o que era isso, ficar sem trabalhar, com alguém me cuidando. Levantei a cabeça e vi que seu Augusto moço tava ali. Dessa vez, ele não sorriu nem fez brincadeira. Ele chegou perto de mim e me abraçou. Levei um susto, na verdade. Dona Magnólia também ficou espantada, mas disfarçou a cara feia quando viu que eu olhava pra ela.

Prontuário Médico

Paciente: Lurdes Maria da Silva

Sexo: feminino Idade: 60 anos

Profissão: empregada doméstica

Acompanhante/familiar: José Augusto Albuquerque da Costa
Menezes Filho

Encaminhada pelo setor de geriatria para investigação de hipótese diagnóstica de Síndrome Demencial.

Exame Clínico: paciente apresenta-se desorientada no tempo, mantendo orientação espacial apenas em ambientes familiares. Observam-se dificuldades importantes de raciocínio, com necessidade de assistência para cuidados pessoais e atividades básicas da vida diária. Mudança comportamental abrupta recente, caracterizada por comportamento impulsivo e socialmente inadequado, hiperoralidade de caráter agressivo, embotamento afetivo, perda de empatia, confabulações frequentes e presença de ideias delirantes. Apresenta crítica prejudicada, fala estereotipada com episódios de ecolalia e anosognosia, negando comprometimento cognitivo quando questionada sobre seu estado de saúde atual.

Exames Complementares

Exames laboratoriais: Glicemia de jejum: 156 mg/dL,
Hemoglobina glicada: 6,7%

Angiorressonância de crânio: presença de placas calcificadas nos segmentos intracranianos das artérias carótidas internas.

Ressonância Magnética de crânio: discreto alargamento do

sistema ventricular e dos sulcos corticais frontais bilaterais, em detrimento do parênquima encefálico. Presença de múltiplos focos hiperintensos em substância branca periventricular, mais evidentes ao redor dos cornos frontais e átrios ventriculares, de aspecto confluyente, com extensão para os centros semiovais, compatíveis com gliose secundária à microangiopatia crônica. Classificação de Fazekas: grau 3, sugestivo de microangiopatia extensa.

Exame do Líquor: resultado global compatível com ausência de processo infeccioso ou inflamatório do sistema nervoso central.

Diagnóstico: Demência vascular (CID F01), sustentada por achados clínicos, neuropsicológicos e de neuroimagem, associados a fatores de risco vascular.

Conduta: medicada com Ácido Acetilsalicílico 100 mg/dia, Enalapril 10 mg, 2x ao dia, Losartana Potássica 50 mg/dia, Metformina 850 mg, 2x ao dia, Sinvastatina 40 mg à noite, Risperidona 0,5 mg à noite, com ajuste conforme resposta clínica.

Dra. Júlia Seixas Barbosa, CRM 950422/SP

“A gratidão é recíproca: somos gratos a Lurdes por tudo o que fez pela nossa família, e sabemos que ela também é muito agradecida por tudo o que fizemos por ela. Acolhemos sua mãe nessa casa, depois que sua avó faleceu; ela é quase da família, mas entenda, Alberto, não podemos cuidar dela nessas condições. Na ocasião da morte da sua avó, ela não tinha ninguém, fomos generosos em mantê-la aqui, inclusive quando ela engravidou na adolescência — e acolhemos você também. Mas agora ela tem uma família, que são você e Maria Lúcia, então, entendemos que vocês devem cuidar dela”.

Não sou de ficar remoendo palavras, mas tenho me lembrado dessas frases, cada vez que eu escuto minha mãe falando qualquer coisa sobre os Menezes. Muitas vezes, a coitada acha que está na mansão, começa a falar do serviço, que tem que passar as roupas. Uma vida inteira só trabalhando na casa, com muita dedicação e pouco descanso. E foi dessa forma direta que D. Magnólia e o Dr. Augusto me comunicaram que minha mãe teria que sair da mansão. Quando penso nisso, fico com vergonha. Nunca contaria a ninguém, mas eu realmente acreditava que ela continuaria cuidando de D. Magnólia até o fim, e que também seria cuidada pela família. Afinal ela era “quase” um deles. O que é ser “quase da família”? Esse “quase” cruel significa o quê?

Fiquei mais chocado ainda quando fui ao quarto minúsculo onde ela dormiu sua vida inteira e vi que todas as coisas da minha mãe já estavam arrumadas. As poucas roupas dentro de duas malas

pequenas. Alguns objetos em uma caixa. Ou seja, o convite para uma conversa era, de fato, uma ação de despejo. Minha mãe estava sendo despejada de forma pior do que se despeja um inquilino inadimplente. Sem aviso prévio. Sem 30 dias de prazo. Só com um abraço forçado e um obrigado fajuto.

De vez em quando, o Dr. Augusto pergunta como ela está, de forma protocolar. Dona Magnólia pergunta de vez em nunca. Nem um telefonema para saber se minha mãe continua viva. De “quase” ela passou para a categoria de “ex-família”. Mas minha mãe fala dela todos os dias, com um receio e uma raiva enormes — como só se sente mesmo por pessoas da família.

Nos últimos anos, ouvi pouco a voz da minha mãe. Aliás, acho que ouvimos pouco a voz um do outro durante toda a vida. As frases cotidianas eram quase adivinhadas. Não havia muita coisa para contar, os dias eram todos iguais. Então, Maria Lúcia, vê se entende que não é agora que eu vou me sentar para bater papo com ela como se fôssemos duas comadres. Isso nem adiantaria: o diagnóstico foi claro, qual parte você não entendeu? Ela está demente, meu bem, não fala coisa com coisa. Nisso eu não posso reclamar dos Menezes: eles chamaram um médico amigo da família, o Dr. Chadi Salman, um neurologista conceituado, para avaliar minha mãe. Médico de fama, que cobra fortunas, atendeu minha mãe a domicílio. Depois o Dr. Augusto a levou ao Hospital de Clínicas para fazer os exames e ajudou em todos os testes, porque a coitada é analfabeta, mas também porque foram ele e D. Magnólia quem começaram a perceber os sintomas. Quando o médico me chamou para conversar, eles sabiam melhor do que eu sobre as queixas, comportamentos e reações da D. Lurdes.

Demência vascular. Agora damos nomes científicos para coisas

que, antes, chamávamos de nomes menos respeitosos. A gente só falava mesmo que a pessoa envelheceu e ficou gagá. A medicina avançou tanto. Eu já tinha ouvido falar de Alzheimer, achei que talvez minha mãe pudesse esquecer de tudo, é triste, mas parece menos pior do que isso que ela está passando. O esquecimento pode ser uma bênção numa vida com poucas memórias felizes; mas o que acontece é que minha mãe lembra algumas coisas, e inventa outras piores. Não reconheço mais aquela D. Lurdes que falava pouco e sabia se comportar. E vai chegar o dia em que ela, literalmente, não vai nos reconhecer. Dias atrás ela falou de mim para a psiquiatra, disse que eu tinha uns dez anos. É triste, mas minha mãe deixa de existir a cada dia, Malu. Então, de uma vez por todas, põe na cabeça uma coisa: não faz diferença nenhuma se for eu ou outra pessoa qualquer para cuidar dela.

Por quê, pai?! Eu posso te chamar de pai? Imaginava o senhor de terno, numa foto. É, eu acho que o senhor também usava terno. Mas não conseguia imaginar sua cara. Numa foto antiga, dessas amareladas. E no lugar da cara, eu só conseguia ver um buraco. É, um buraco. Toda vez que eu pensava no senhor, era assim. O senhor não falou que é meu pai, mas eu sei. Esquisito? Esquisito é o senhor aqui, na casa do meu filho. É, meu filho é o dono dessa casona, dá pra acreditar?

Por que nunca apareceu antes? Nunca ligou? Nunca mandou carta? Deixou a mãe grávida, sozinha, duvido que não sabia. Nem sei se o senhor dava essa desculpa. Não sei nada sobre o senhor. Nem seu nome! A mãe só te chamava de “mardito”: “o mardito conhecia teu avô e abusou da confiança”, “o mardito era bonito, a fala macia, parecia o cão tentando a gente”, “o mardito marcou comigo na noite de São João”, “o mardito me embuchou e depois sumiu”. Naquela casa, ninguém nunca falou teu nome. A mãe contou que ia te encontrar em São Paulo, então o vô só respondeu, sem nem piscar: “Cê já tá perdida mesmo... pegue sua trouxa e vá-se embora, mas não olha nem volta pra trás”. Ela veio e ficou. Se olhou pra trás, não sei. Nem se ela te encontrou e aí o senhor duvidou que o filho era seu, chamou a mãe de vagabunda e foi embora. Pode ser também que a mãe te procurou por tudo quanto é canto por meses e anos, mas depois cansou — e o senhor nunca ouviu falar de mim. Era melhor pensar assim do que pensar que o senhor abandonou a gente. Mas então, como foi que me achou

agora?

Quando foi que a mãe parou de dizer teu nome, não sei. Como é teu nome, pai? Jorge. Que nome bonito. Se não é meu pai, é quem? Nossa, o senhor é advogado? Eu não sei escrever direito não, mas posso assinar meu nome sim. Dona Magnólia me ensinou a assinar meu nome. É muito serviço aqui, não dá tempo de estudar, sabe, pai? Como é seu nome mesmo? Às vezes a cabeça fica fraca, não consigo lembrar direito as coisas.

Pra mim, além de sem nome, o senhor também era sem rosto. A mãe não guardou retrato. Pelo menos isso eu inventei pro meu filho: um nome e um retrato. Apesar de tudo, ele teve mais do que eu. Muito mais.

O senhor não tinha nome nem cara, mas eu tinha uma saudade sua, como se algum dia eu tivesse conhecido seu abraço ou sua voz, antes de você sumir. Por que tô tão emocionada de te conhecer? Eu tô tomando uns remédios, sabe? Eu já disse pra todo mundo que não tô doente nem nada, mas Maria Lúcia insiste. Deixa eu falar baixo, mas minha nora não gosta de mim. Acho que ela quer me matar, pai. Acho que ela não me dá remédio coisa nenhuma, ela tá é me dando veneno nesses comprimidos. Não acredita em mim? Pois essa mulher é o cão. Pode crer, essas pessoas que leem muito e falam bonito são as piores.

Mas como foi que você me achou, pai? Por que demorou tanto? Ontem eu vi um negócio bonito, era uma foto antiga com um casal, e com um bordado de linha, sabe? Uma linha vermelha que saía do peito de um e ia até o peito do outro. Se isso existisse seria tão bom, né? Se tivesse um fio no meu peito que fosse até o seu peito... Um fio pro senhor me encontrar, dizer que tava longe, perdido, mas veio correndo quando soube que a mãe te procurava. E aí o senhor ia chorar quando eu contasse que ela morreu. Mas ia me tirar na mesma hora da casa dos Menezes. Eu não ia mais ser a menina

sozinha no mundo. Eu não ia mais ser uma coisa na cozinha dos outros.

Beto, cê pensa bem, tem certeza que vai casar com essa moça? Acho que ela não é assim uma moça pra casar. Ela pode ser uma boa pessoa, muito educada, muito estudada. Mas vai te fazer feliz? Muito livro, muito palavreado difícil, muito magra. Um ar de quem sabe tudo. Não aceita nada do que a gente fala, dá pra ver na cara dela, mesmo que ela não retruque.

Tô te avisando, Beto. Engraçado você dizer que eu não falo coisa com coisa. Tô doida, é isso? Ingrata? Me respeita, moleque! Cuidando de mim? Ora, eu não preciso de ninguém pra cuidar de mim. Ela que tá inventando isso, tá fazendo isso pra se mostrar, não por mim.

Tá tudo aqui, dentro da minha cabeça, tá tudo dentro da minha cabeça, tem que guardar tudo na cabeça... Já falei que eu não quero descansar, que merda! Cansada, só se for de ficar o dia inteiro nessa casa olhando pro nada, sol a sol, dia depois de dia. Misericórdia, meu Deus! O que aconteceu com D. Magnólia, que não dá serviço pra nós? Ela viajou pro estrangeiro de novo?

Maria Lúcia, sim, que tá cansada! Ela sempre teve cara de cansada, mas tá pior. Lembra de quando você me contou que tava namorando? Eu quase não acreditei: meu filho, sempre tão quieto, com um livro na mão! Nem imaginava você conversando com uma mulher. Mas Tiana já tinha cantado a bola: “Beto tá diferente, tá se arrumando mais, voltando mais tarde, saindo no sábado...” Ela deu uma risadinha. Eu disse que você era moço, era normal. A primeira vez que você saiu no sábado e só voltou no domingo, ela piscou o olho, cheia de malícia, e falou: “Num disse? Tem rabo de saia aí...”

Quando eu disse que queria conhecer Maria Lúcia, você disse

que não era a hora, e eu respondi na maior inocência: “Pode ser mais tarde”. Você disse que não tinha a ver com a hora do dia, mas com o momento. E que não podia levar ela na casa dos Menezes. “Mas não é aqui que você mora, meu filho? Ela não sabe que a gente mora no serviço?” Você falou um “Claro que não” tão debochado, não esperava. Muito menos esperava que você ia me levar na casa da Maria Lúcia pra conhecer ela, ao invés de trazer ela pra me conhecer.

Cê não entende como isso tava errado, meu filho? Não era eu quem tava recebendo ela, avaliando se ela era ou não mulher pra você. Não, ela que tava me recebendo, na casa dela, no lugar dela, toda senhora de si, com a janta pronta: “espero que a senhora goste de estrogonofe”. Fiquei esquisita desde a hora que atravessei a porta, me sentei no sofá com o corpo duro. Eu não tenho amiga, nunca visitei ninguém na vida, era tudo muito estranho.

A sala cheia de livro. Não gosto de estante alta, cheia de livro, um inferno pra limpar um por um sem tirar da ordem. Um monte de retrato num quadro, na parede. Até você tava no quadro, abraçado com ela. Fiquei olhando, ela percebeu, levantou, chegou perto e me mostrou o pai e a mãe, a irmã e o irmão. Coisa esquisita ela não morar com eles, né? Ela já se formou, então por que não voltou pra casa da família?

Cê lembra, Beto? Aí a gente sentou numa mesinha pequena, quase do lado do sofá, ela foi pegar a comida na cozinha, você seguiu ela perguntando se precisava de ajuda, ouvi vocês cochichando e rindo, depois você foi trazendo as panelas pra mesa, como se fosse dono da casa.

Eu sei, ela tava fazendo tudo pra agradar, mas o que eu posso fazer se não gosto de creme de leite? Falei, ué! Não esqueço o jeito que ela olhou pra você: “Por que não me avisou, Beto?”. O jeito que ela disse “Beto”! Aquela fala meio mole. Não gosto de mulher que

fica reclamando, nem que fala que nem criança. O que é que tem eu falar? Sou obrigada a aguentar tudo quanto é merda sem um pio? Não tá me reconhecendo por quê? Continuo sendo tua mãe. Acho que pro teu azar, como diz o ditado, mãe só tem uma.

Lembro-me bem do projeto da casa. De fato, eu queria um projeto de vida — um futuro desenhado em cada parede, janelas e cômodos. E nesse pacote com futuro tracejado — como aqueles cadernos infantis em que os desenhos vêm prontos e basta preencher com lápis as linhas já traçadas — é evidente que se desenhara o quarto dos nossos futuros filhos, mesmo sem eu estar realmente certa de que gostaria de tê-los. A maternidade nunca foi meu grande sonho, apenas uma possibilidade.

Porém, os traços todos se apagaram, provando sempre que o universo ri dos nossos projetos, e brusca foi a mudança do desenho: se eu nunca sonhei em decorar esse quarto para a chegada de um bebê, tampouco sonhei que ele seria o quarto da sua mãe. A vida é tudo o que não planejam.

Você apenas chegou com sua mãe e suas malas. “Ela precisa de cuidados, Malu, e D. Magnólia não mentiu quando disse que ela tem família”, você disse, diante da minha perplexidade — afinal, você não me consultou, nem ao menos me avisou. Não, D. Magnólia não mentiu, mas me parece que disse uma verdade bem conveniente para ela e sua família, nesse momento em que sua mãe, já envelhecida e doente, não tem mais serventia. Sei que você ficou chocado com esse comentário, pude perceber pelo movimento dos seus olhos e pelo silêncio que se seguiu.

Sua mãe não fazia parte dos meus planos, muito menos dos meus sonhos, nós mantínhamos uma distância segura e respeitosa, mas agora ela faz parte dos meus pesadelos. Você nunca

compreendeu o quanto é difícil cuidar dela, Beto, você sempre minimizou esse esforço: “minha mãe dá pouco trabalho, ela fala demais, eu sei, precisa de ajuda pra tomar banho e se vestir, mas ainda anda, come sozinha”. Se é pouco, por que você mesmo não cuida dela? Ela te chama o tempo todo.

E não é apenas o trabalho do cuidado em si, é também o desgaste da convivência. D. Lurdes diz coisas que me abalam muito, que me agriem diretamente ou me fazem lembrar fatos que eu gostaria de esquecer. Você insiste que ela está demente e confusa, como se nada do que ela diz possa ter de fato acontecido. Enquanto eu, por vezes, duvido se tudo é mesmo um delírio, acho no mínimo estranho que você não lhe dê o proverbial benefício da dúvida e nem queira ouvir direito o que ela fala, alegando que, conforme o diagnóstico, tudo não passa de confabulações. Coisas que ela inventa sem saber que está inventando, como um ficcionista tragado por sua própria história, sem saber que é, ao mesmo tempo, criador e criatura da sua narrativa.

Da ficção entendo eu — isso você não pode negar — e sei bem que todo e qualquer narrador *finge a dor que deveras sente*, uns mais, outros menos. Se você não se permite a dúvida, já classificando como mero delírio o que pode conter fios de verdade, talvez seja porque não suporta a possibilidade do tecido das suas próprias narrativas conterem fios de mentira.

Comecei a pesquisar sobre demência nos últimos dias. Você sabe que tenho o hábito de desconfiar de qualquer diagnóstico ou profilaxia, principalmente das que entopem pacientes de comprimidos, de fármacos inventados simultaneamente à classificação internacional das doenças que prometem curar ou, ao menos, minimizar os sintomas. Quase sempre você desdenha do que

considera uma certa arrogância — a de “querer saber mais” que profissionais de saúde formados em instituições mais confiáveis do que *sites* na internet.

No caso da sua mãe, não sei dizer precisamente se desconfio (nem se acredito) desse diagnóstico. Não foi por esse motivo que comecei a pesquisa; também não foi por mera curiosidade científica — o mais provável é que seja uma tentativa desesperançada de encontrar alguma informação ou experiência que me ajude a passar pelo desgaste de cuidar dela.

Comecei a ler relatos não apenas de profissionais da saúde, cuidadores, mas de familiares de pessoas diagnosticadas com demência. Em vários deles, pareceu-me haver algo tragicômico: as descrições dos comportamentos estereotipados — histórias de senhores tirando as roupas em público para tomar banho na cozinha, ou idosas saindo à rua de pijama e um chapéu com plumas, como uma foliã fora de época se dirigindo a um bloco de carnaval improvisado — aliviavam o peso de sintomas constrangedores e graves, como a agressividade e a libido sem contexto nem filtros, a perda da empatia, da funcionalidade, da linguagem e, por fim, da memória. A triste gradação dos sintomas a depender não de tratamentos, mas da área do cérebro afetada e da progressão da lesão ou atrofia — o corpo a definir sem previsões um destino, sem qualquer possibilidade de cura.

Nenhum desses relatos me trouxe qualquer sugestão de como lidar com tudo isso, apenas a mensagem clara de que só nos resta a paciência, que nada pode ser feito a não ser se adaptar a uma nova vida, com ajuda, claro, dos profissionais e medicamentos corretos, que não resolvem nem curam, mas ajudariam a lidar com as situações difíceis e estressantes.

Nem com ajuda profissional está sendo melhor, nem para nós, nem para D. Lurdes. Quando ela adormece, o súbito silêncio é uma

bênção, eu geralmente fecho os olhos para desfrutar a ausência de palavras, mas ouço ainda sua respiração curta e nervosa. Tenho a sensação de que ela não descansa, nem quando dorme — o corpo parece tenso e está sempre encolhido em um dos lados da cama, como a se proteger de alguma ameaça vinda do outro lado, ou temesse algum monstro que a pudesse puxar pelos pés, caso ela esticasse as pernas.

Nesse momento a vejo pequena, frágil, a menina “sozinha no mundo”, como ela se descreveu há alguns dias, e sinto um pesar, uma compaixão, um desejo de lhe dar colo e ninar como se ela fosse de repente a criança para a qual esse quarto foi desenhado. Como se eu me tornasse a mãe amorosa que nunca fui — e nunca tive.

Cadê Alberto? Vou mandar o moleque limpar a estante de livro — você viu quanto livro, menina? Creio em Deus Pai, pra que tudo isso? O pior é que quase ninguém lê. Só o velho Augusto e o filho mais novo, sabe? O velho vive dizendo que leitura é muito importante. Mas esse monte de livro aí não leva ninguém pro céu.

Chama Alberto pra limpar a biblioteca, por favor. Mas fala baixo, se a patroa escuta, põe nós na rua. Não quero entrar lá, nunca mais. Me manda fazer qualquer serviço, eu prefiro limpar um banheiro entupido, prefiro desentupir uma privada cheia de merda, do que entrar naquela biblioteca. Alberto limpa tudo, e ele é caprichoso, viu? Ele sempre me ajuda.

Mas quando ele era neném, que sufoco! Eu levava ele pela casa enquanto eu fazia a limpeza, junto com balde, vassoura, pano, espanador... Era tanta coisa já pra carregar, minha Nossa Senhora, e ainda tinha mais aquela coisinha que atrapalhava, né, porque chorava, ficava com fome, pedia o peito, cagava... Não pegue barriga nunca, menina! Tinha que parar o serviço pra dar o peito, ficava um tempão ali, ainda tinha que trocar a peste, lavar fralda. Que inferno! E depois, pra dar conta do serviço? O quê? Licença-maternidade? Isso não existia pra doméstica, não, só pra quem tinha estudo, carteira de trabalho. Agora é lei, é? Os Menezes sabem tudo de lei, mas na casa deles, eles que fazem as leis.

Não entendo nada disso que você fala sobre ser mulher, Maria

Lúcia. É muito palavreado pra explicar uma coisa que acontece desde que o mundo é mundo, e não tem nada demais. Nasceu com pinto é homem, nasceu com xoxota é mulher. Tem mais que isso, não.

Eu lembro da primeira vez que veio o sangue. Acordei sentindo um peso nas pernas, uma dor estranha no bucho e nas costas, mas levantei e já peguei no serviço. A dor foi ficando pior, quando deu meio-dia, não tinha nem vontade de comer, engoli o arroz com feijão sem apetite. No meio da tarde, senti um negócio quente entre as pernas. Quando vi que era sangue levei um susto, entendi a dor, achei que tava morrendo igual minha mãe. Foi Tiana quem me acudiu. “Sua mãe nunca te falou nada?”, ela perguntou, desconfiada da minha inocência. Ela me explicou tudo, como devia colocar os panos na calcinha para não manchar as roupas, como tinha que lavar para ficar bem limpo e tirar as manchas. “Agora você é mulher, Lurdes, tem que saber se cuidar. Não vai me aparecer por aqui embuchada, pelo amor de Deus!”.

Então era isso, eu era mulher porque sangrava todo mês e já podia pegar filho. Como eu te disse, é simples, Maria Lúcia. Mas você não tem como saber, minha filha. Você nunca vai saber o que é carregar um menino no bucho. Tem gente que fala disso como se fosse uma coisa maravilhosa. Mentira! Tudo mentira! Eu lembro muito bem como foi, quando parou de vir o sangue já começou o terror, eu sabia que alguma coisa tava errada. E depois a barriga crescendo. As pessoas iam reparar a qualquer momento, não adiantava mais qualquer esforço pra esconder. Então Tiana me disse: “Eu te avisei, Lurdes, que merda você foi fazer, menina! D. Magnólia vai te pôr na rua!”. Eu dormi chorando, toda hora ouvia, na minha cabeça, Tiana dizendo isso, morria de medo de ser arrancada da cama e ser jogada na rua, de noite mesmo — e se o patrão nem quisesse esperar amanhecer?

Ainda demorou uns dias pra patroa me chamar. Tiana foi comigo pra sala, mas D. Magnólia disse, na maior calma: “Pode nos dar licença, Sebastiana?” Ela apertou minha mão e saiu. Eu olhava pro chão, então eu pude ver que D. Magnólia mexia a perna de um jeito meio nervoso.

“Lurdes, você quer me contar alguma coisa?” Ela falou num tom calmo, depois de um silêncio. Eu não conseguia falar nada. Minha garganta começou a arder, achei que ia chorar, mas nada de lágrima, nem na saliva eu sentia água, a boca seca. Não sei como eu consegui levantar o olho pra ela, D. Magnólia me olhava com cara de nada. “A senhora não me põe na rua, por favor”, eu falei sem força, pondo a mão na barriga, que já tava grandinha. Eu sabia que ela já sabia, todo mundo sabia, o que mais eu precisava contar? Ela demorou um pouco pra responder, senti um suador nas mãos. Ela disse, muito séria: “Fazer o que, Lurdes? Claro que você vai ficar aqui! Você acha que eu ia te pôr no olho da rua, grávida? Que tipo de pessoa você pensa que eu sou?” Ela parou de falar e me olhou no olho, como que esperando eu ter a ousadia de responder. “Você vai ter seu filho aqui, não vai faltar teto nem comida para você nem para ele. Mas não quero saber o que você aprontou nem com quem. Acho que isso não interessa para ninguém, está me entendendo? Não quero falatório nessa casa”. Foi assim que ela me calou. E eu respondi, calada, só mexendo a cabeça. Entendi sim, senhora.

Mas não esqueço. Tá tudo aqui, dentro da minha cabeça, tá tudo dentro da minha cabeça, tem que guardar tudo na cabeça, não pode contar pra ninguém.

O menino foi crescendo na minha barriga, esticando minha pele que parecia que ia estourar, aumentando o peso dentro de mim. Eu me arrastava por aquela casa enorme, cada vez mais cansada. Eu tinha só 12 anos, era magrela e sentir aquela coisa mexendo dentro de mim me dava medo. Imaginar o moleque passando entre as

minhas pernas, me rasgando até sair de mim, me apavorava mais que tudo, achava que não ia aguentar, que ia morrer.



Era muito difícil entender algumas coisas quando eu era criança. Por que eu não posso comer as coisas que estão na cozinha? “Porque não é nosso, filho. As coisa tudo ali é da Dona Magnólia”. Mas ela não vai comer tudo mesmo, então por que não posso comer também? “Cala a boca, moleque, vai caçar um serviço”. Você nunca teve paciência de me explicar o mundo, mãe. E eu via Tiana preparando pães, bolos, doces no dia do chá, os chás das quintas-feiras de D. Regina Magnólia Albuquerque da Costa Menezes, que já tinham até saído na coluna social — lembro de D. Magnólia sorrindo, acariciando de leve o jornal sobre a mesa, que eu tinha entregado a ela minutos antes.

Lembro do cheiro dos pães sendo assados, Tiana tirando do forno todas aquelas delícias que eu não podia comer, a saliva se acumulando na boca. “Beto, depois”, ela dizia baixinho e piscava um olho. Sabia que, se sobrasse, ela embrulharia depressa num guardanapo uma fatia de bolo, um doce arredondado e cheiroso, mas eu menino continuava perguntando por que tudo aquilo era só dos Menezes. Por que eu só comia o que sobrava? Por que eu não podia só estender minha mão e pegar um pedaço, já que a comida era tanta que dava para o dobro daquelas convidadas — todas elas reginas, brancas e cheias de modos na forma de pegar as xícaras e os talheres?

Meu lugar predileto na mansão dos Menezes era a cozinha, mãe,

eu preferia ficar lá vendo Tiana cozinhar do que no quarto onde eu e a senhora dormíamos. Eu preferia estudar lá do que naquela cama estreita, naquele quarto abafado. “A cozinha é o coração da casa”, Tiana falava, depois de sentir o cheiro das panelas, provar um pouco da comida estalando a língua, rindo enquanto se elogiava: “Eita! Cozinheira boa tá aqui!”. Se eu pudesse, eu diria: “Não, Tiana, você é o coração dessa casa!”. Eu queria ter dito o quanto ela era importante para mim, mas sempre falei o mínimo necessário. Às vezes, ela cantava músicas de igreja que tinha aprendido com a avó. Contava histórias do interior de Minas Gerais, eu ficava imaginando o trabalho duro na fazenda: os homens colhendo café e feijão guandu; as mulheres socando arroz no pilão, fiando o algodão e fazendo as roupas, costurando retalhos para fazer colchas para se esquentar no inverno.

Tiana era a única pessoa que me contava histórias. Eu esperava esse momento enquanto fazia a tarefa da escola: depois da história, ela colocava, ao lado do livro, um prato com um pouco da comida que estava cozinhando. Ela me olhava, piscava um olho e punha um dedo esticado nos lábios, como se pedisse segredo. Mesmo anos depois, eu já homem feito, ela fazia o mesmo gesto. “Come logo, D. Magnólia pode entrar”. Acho que sentia prazer de me ver comer com gosto. Quando chegava perto para recolher a louça, acariciava o meu cabelo. Eu tinha vergonha de olhar para ela, baixava a cabeça e olhava para o livro. Só quando ela já estava de novo na pia é que eu dizia, ainda com a cabeça baixa: “obrigado, madrinha”.

Acho que a senhora não gostava disso, mãe. Por quê? Ciúme não pode ser! Um dia a senhora entrou na cozinha enquanto eu comia, Tiana me olhando, e disse, num tom de brincadeira que mascarava uma bronca: “Cê tá é estragando esse menino, Tiana!”

Gosto tanto do jardim, de me sentar aqui no pôr do sol, fumando um charuto, em silêncio. Um momento contemplativo, em que sinto que nada me falta. Você já me disse que, nessas horas, eu pareço contente na minha solidão. Neguei, claro, porque soava como uma cobrança sobre como nos afastamos, como não sinto sua falta. Dei duas baforadas balançando a cabeça, sem dizer nada. Mas você está certa, Malu. Eu me sinto bem, não preciso de mais nada.

Como as plantas, eu apenas estou ali, existindo. Sempre gostei de plantas, da previsibilidade da horta e do jardim, desde criança, quando comecei a ajudar Seu Antônio. Era plantar, regar, colher. Uma semente nunca surpreende, ninguém nunca plantou jiló e colheu tomate-cereja. Na vida, ao contrário do ditado, nem sempre se colhe o que se planta. Acho que eu teria sido feliz vivendo na roça. Quando era pequeno, me imaginava nas histórias de Tiana, acordando antes do nascer do sol, cuidando da horta e da criação, tirando o leite fresco da vaca e torrando o café colhido ali mesmo, no quintal. Uma vez falei isso para minha mãe, ela fez pouco do meu sonho bucólico: “Quê? Suas mão fina não aguenta nem uma semana de enxada! Isso é vida dura, meu filho, você tem é que estudar, ser juiz como o velho Augusto! Ganhar dinheiro e respeito!”. No começo, eu só esboçava um meio-sorriso, mas levava a sério o que Dona Lurdes dizia, e ficava feliz de entregar meu boletim e ouvi-la dizer: “Muito bem, meu filho, tá no caminho certo!”. Ela olhava demorado para aquelas notas azuis, como se elas fossem a promessa de um futuro que ela sequer sabia sonhar. Mas, com o passar do tempo, eu ria do delírio dela de me ver formado e rico. Eu entendi muito cedo o quanto o jardim da vida é imprevisível: mesmo que eu plantasse uma boa formação, com muito esforço, nada garantia que eu ia colher um bom emprego, um bom salário. Eu já sabia que, mesmo que eu tivesse notas melhores do que os Augustos juntos, isso não abriria para mim as mesmas

portas. Eu não era um agosto. Eu não era nem serei um Menezes.

Pura ilusão. Pensamos pôr ordem na vida, essa coisa feroz e sem coerência. Começamos pela casa. Naquela gaveta, os álbuns de fotografia; nessa, os blocos de desenho; nesta, as contas a pagar de um lado e as pagas do outro. Pensamos separar as coisas como quem organiza gavetas — cada qual em seu lugar, “e não se esqueça de colocar no mesmo local depois do uso”, você sempre me lembrava quando eu perdia algum objeto ou documento e ficava horas procurando.

Lembra de quando fazíamos planos, Beto? Sinto saudade dos nossos projetos pouco mirabolantes. Quanto maior o voo, maior o tombo, você dizia; então me acostumei a voar baixo e a pousar rápido, e por um tempo me era confortável sentir a terra sob meus pés. Mas veio a manhã na qual olhei o céu com saudade, o sol nascia me convidando para um voo longo e imprevisível.

No bloco de desenhos, passeio pelas linhas dos nossos projetos. Lembra da nossa casa mourisca? Nós nos sentávamos no domingo à tarde a traçar num bloco de desenho o projeto de uma casa mourisca que construiríamos no futuro: a sala ampla com quatro janelas simetricamente dispostas para a rua, uma porta de madeira entre elas, grande, sólida, convidando poucos e seletos à entrada, o pátio — para onde convergiriam todos os cômodos, voltados para o poço, bem ao centro, como um pedaço da Andaluzia em nossa casa.

A cada desenho de uma nova casa mourisca, preenchíamos lacunas de sonhos e exotismos jamais experimentados. Um dia paramos com os desenhos, o bloco ficou com várias folhas em

branco — um branco de vazio, de uma falta que, hoje, vejo não ser apenas o nada da morte imutável, mas o nada que antecede a vida — basta mudar o lado pelo qual se olha. Um dia cheguei em casa com malas novas. Sua reação não foi perplexa quando eu disse que iria à Andaluzia: “Acho que se você quer, deve ir”. *Você*, não *nós*. Mesmo assim, por hábito, insisti que me acompanhasse. E coragem te faltou, creio que também por hábito, de não me acompanhar.

Na volta, você falou repetidas vezes do cansaço das malas, dos voos, dos trens, que te bastava a viagem ao redor do teu quarto. Naquele momento, eu já sabia que trilharíamos estradas diferentes — mas a ideia de não mais segurar sua mão nas encruzilhadas ainda me era muito assustadora.

Tiro as coisas do lugar. Sim, é preciso que eu bagunce tudo, que eu me revire toda, para perceber tudo o que está escondido, amarrado com força em embrulhos que nunca deveriam ser abertos: tiro todos das gavetas, armários, estantes, buracos negros da alma. Abro um por um, não sem medo, não sem angústia. Mas é necessário que não me falem lágrimas nesse momento. Que todas escorram, que todos os soluços engolidos agora se façam ouvir. Eu estou pronta para a arqueologia das minhas dores.

Algumas já foram sentidas e, como pinturas rupestres, mesmo antigas e desbotadas, resistem ao tempo. É como um vazio que volta a doer, como um buraco deixado por novo músculo arrancado, que deixa pulsando a pele ao redor, latejando a falta, deixando inesquecível o que devia estar ali, a carne dolorida exposta sem pele nem curativo. Latejante.

Eu achava que seu silêncio era sábio: não inquirir sobre minhas lágrimas era sua forma de bálsamo. Demorei para perceber que você não sabia lidar com elas; que, no fundo, Alberto, considerava-

as exageradas, excesso de quem não saberia conviver com frustrações. Quando eu quis consolo, apenas disse: “É o mundo. A vida sempre é dolorosa, é melhor não tecer expectativas”. E essa frieza ainda era melhor do que a impaciência que você manifestaria depois.

Você nunca soube lidar com as minhas dores porque nunca se permitiu olhar para as suas. E teme porque sabe bem que, ao enxergar as minhas, seja inevitável enxergar as próprias. É preciso evitar brechas para sentimentalismos, sob o risco de se desfazer a armadura que você construiu por tantos anos. E que tipo de guerreiro será sem suas armaduras? Do tipo que sou, que luta com palavras, coleciona versos e traz buracos no ventre? Ainda assim, sem alguns pedaços e com tantas palavras, eu sei: sou mais forte do que imagina, sou mais forte que você.

Lembra do dia que eu comecei a trabalhar no escritório, mãe? A senhora só me olhou daquele jeito novamente no dia da minha formatura em Direito. Eu lembro que entrei na cozinha, Tiana passava o café. A senhora picava frutas, não disse nada, mas eu vi seu sorriso, seu olho brilhante. Tiana, sim, se entusiasmou: “Meu Deus, Beto, cê já parece doutor! Vou chamar Tonho pra ver!”. Eu tinha arrumado o cabelo com gel, estava de camisa branca, calça social com vinco — a senhora mesma passou minha roupa, com todo capricho, lembra, mãe? Eu lembro como se fosse agora, Antônio dizendo: “Oxe, não é que tá mesmo parecendo doutor, Tiana?”, e riu aquela risada larga, tão dele, apertou minha mão e disse que tinha perdido o ajudante, mas estava feliz por mim, porque eu era esperto demais para ficar cuidando de horta. Ah, Seu Antônio, eu gostava tanto das plantas, o que eu queria mesmo era morar na roça, ser agricultor. Todo mundo me olhava de um jeito estranho, diferente, parecia que eu estava indo viajar para um lugar distante, e não que eu ia voltar no fim do dia.

Não pensei, nesse primeiro dia, que eu ia trabalhar na Albuquerque & Menezes Advogados Associados a vida inteira. Comi depressa um pedaço de pão com manteiga, com medo de perder o ônibus. Eu precisava andar várias quadras até o ponto, isso não fazia com que passasse pela cabeça do Dr. Augusto me oferecer uma carona, nem parecia que a gente morava no mesmo endereço. Ele me tratava do mesmo jeito que qualquer funcionário, sempre com educação, não posso reclamar. A única diferença dos outros

funcionários era a idade. Eu era o único lá que tinha acabado de entrar no segundo grau, que tinha apenas 15 anos, embora parecesse mais velho: eu era alto, usava óculos. Sempre tive jeito de velho, essa é a verdade.

Não foi fácil essa vida não, mãe, mas reclamar não é nosso estilo. Eu saía do escritório no fim da tarde e ia direto para a escola. Estava contente por ter ganhado uma bolsa de estudos para cursar Contabilidade, no Colégio Comercial, lembro de quando eu te contei, expliquei o que um contador fazia. Lembro que a senhora disse que não era “bom que nem ser advogado, juiz”, mas já dava um futuro melhor do que trabalhar na horta (acho que a senhora ficava com medo, quando eu falava que queria ir para a roça). O colégio era longe da mansão dos Menezes, mas era perto do trabalho — então não compensava voltar para casa. Eu ia caminhando até a escola, chegava já cansado, a roupa suada, e via no portão aquele pessoal com cheiro de banho, com aquela cara satisfeita de quem já tinha jantado. Um pessoal animado como eu nunca fui. Eles quase nunca falavam comigo, mas eu sabia que eles tinham me visto logo no primeiro dia. Talvez eles me apontassem, quando eu virava as costas, por eu ser diferente deles, mas eu lá perdia meu tempo imaginando o que eles pensavam ou se falavam de mim? Isso não tinha nem tem a menor importância.

Eu me lembro do primeiro dia de aula, era a primeira vez que eu estudava no período noturno, numa escola onde só tinha jovens e adultos. Fui o primeiro a entrar na sala, escolhi um lugar perto da janela, sempre fui muito calorento, e bem no meio da fileira: eu queria passar despercebido. Quando o pessoal foi chegando, vi que todo mundo que se sentou perto de mim era mais velho, vários homens na faixa dos trinta ou mais, gente que não teve chance de estudar antes. Eu só tinha quinze anos, mas me dei bem com eles. A gente não era só parecido na roupa, no cansaço, por ter vindo direto

do trabalho: a gente falava menos, se empolgava menos. No fundo, eu me sentia da mesma idade que eles. Acho que Malu tem razão quando diz que não tive adolescência. Talvez nem infância: às vezes acho que nunca fui criança, mãe.

Eu era uma das únicas pessoas que levava marmita para o escritório. Enquanto os advogados saíam para almoçar, eu e os estagiários comíamos na cozinha. Tinha uma estagiária, não lembro mais o nome, que levava uns potinhos coloridos, a comida toda separada, dizendo que tinha horror de comer tudo misturado. Ela montava o prato na hora de comer e não conseguia disfarçar que tinha nojo do jeito que eu comia a minha marmita, de colher, engolindo a comida com a pressa dos famintos. Mas tentou disfarçar, eu também me constrangi um pouco, comecei a pegar colheradas menores, a mastigar com cuidado para não fazer barulho.

Também me lembro de uma vez, quando a gente namorava, que estávamos num restaurante que você escolheu sem nem me perguntar se eu podia pagar aquele preço por um prato de comida, era uma cantina italiana e fiquei bem satisfeito quando vi o prato de talharim, estava cheiroso, o garçom perguntando: “queijo, senhor?” Claro, e muito, eu disse sorrindo. E logo me joguei no prato com avidez, estava uma delícia, mas parei com os fios do macarrão metade dentro, metade fora da boca quando vi sua cara horrorizada, suas mãos enrolando com paciência os fios grossos do talharim sobre uma colher que você levou delicadamente à boca.

Você disfarçou, sorriu, mas eu captei num levantar de olhos aquela expressão de desaprovação, terminei de engolir o macarrão e limpei a boca com o guardanapo, meio envergonhado, mas pensei: porra, desse jeito vou demorar um século para comer esse prato,

que se foda. E voltei a comer do meu jeito, talvez um pouco mais devagar.

Você nunca entendeu: quem come com pressa é porque tem fome, e tem hora de almoço apertada, isso não sai da pessoa. A gente prefere comer a marmita de colher porque é mais fácil raspar o fundo e as beiradas, para pegar todos os grãos da comida, não deixar nenhum. Tem uma lógica nisso, a lógica da privação — que você não entende porque não viveu, simples assim. Você tem esse discursinho de esquerda, se diz do proletariado, mas você é uma planta de estufa, Maria Lúcia.

Você tem razão, Maria Lúcia, eu poderia ter tentado fazer coisas diferentes ao longo da vida. Engraçado como seus elogios, na verdade, são críticas disfarçadas. Você disse que, com a minha inteligência e capacidade, eu poderia ter feito um concurso público para juiz ou promotor. Então, no fundo, você está jogando na minha cara que eu sou uma pessoa acomodada, que *poderia* (interessante como essa palavra se repete nas nossas conversas) ter feito algo mais do que permanecer no meu primeiro emprego, que se tornou o único. Sim, Maria Lúcia, eu poderia ter procurado outro emprego. Mas nunca senti vontade nem necessidade, afinal, eu cresci dentro dessa empresa, eu alcancei uma boa posição, que me permitiu ter um bom rendimento, e sou respeitado pelos meus patrões e colegas. E, sim, eu me sinto grato pelas oportunidades que os Menezes me deram. Eu sou filho de uma mãe solteira, pobre e analfabeta, não teria a menor condição de estudar em bons colégios, se o Dr. Augusto não tivesse conseguido uma bolsa de estudos para mim em um colégio de elite, quando eu era criança. E depois, eles pagaram minha faculdade e minha especialização. Claro, nada é de graça, eu trabalhei muito também, no início com salário bem baixo. Mas eles

me deram a oportunidade. Me ensinaram a pescar. Tá bom pra você essa lista de motivos? Ou você precisa de mais alguma explicação? Você aponta sua carteira de trabalho e diz: eu trabalhei em oito instituições de ensino diferentes, como se isso fosse um mérito, como se isso fosse uma competição e você fosse vencedora. Se liga, meu bem: você foi pulando de um lugar para o outro porque nunca estava satisfeita, nem com o salário, nem com a sua chefia — aliás, todos os seus chefes eram sempre burros, sempre incapazes. O problema realmente eram eles ou a sua arrogância? Fico também pensando de onde vem esse seu problema com hierarquia, você tem uma dificuldade imensa de aceitar pontos de vista diferentes do seu e de seguir ordens. Você não vai trabalhar isso na sua terapia, investigar seu passado? Talvez assim você descubra também por que não está mais satisfeita com a vida que a gente sempre teve, porque, pra mim, o nosso casamento continua igual.

Teu pai não morreu, Beto. É tão difícil falar. Mas calar também é. Tá tudo dentro da minha cabeça, tem que guardar tudo dentro da cabeça, não pode contar pra ninguém. Mas eu tenho que te contar, enquanto ainda tô viva. Tô calma, meu filho. Não, não quero dormir agora. Daqui a pouco tenho que levantar, quem vai fazer meu serviço, Beto? Tem tanta roupa suja pra lavar. Mas quero te contar. Te pedir desculpa. Pra Deus já pedi muito perdão, mas tem coisa que não tem perdão. Não, não é só por ter sido mãe solteira. Tem coisa que é que nem merda, quanto mais mexe, mais fede.

Não lembro tanta coisa, mas não esqueço o nome inteirinho do teu pai. Nome grande, de gente importante. Gente rica tem um monte de sobrenome. Não esqueci não: José Augusto Albuquerque da Costa Menezes Filho. Eu sei que esse é o nome do patrão, filho. Não tô confusa merda nenhuma, nem quero dormir. Eu vou falar. Não precisa chamar enfermeira nenhuma! Vou falar baixo. Se a patroa ouve, põe nós na rua, meu filho, me escuta.

Teu vô se fingiu de cego quando tudo aconteceu. O velho Augusto não queria confissão. Claro que ele sabia, foi por isso que não me mandou pra rua! Podia ser pior, eu podia abrir o bico, falar pra todo mundo o que o filho dele tinha aprontado, fazer um barraco. Minha palavra valia menos que nada, claro, palavra de mulher nunca vale nada, ainda mais de doméstica. Eu não ia conseguir provar nada contra teu pai, nem fazer ele te reconhecer. Mas eu podia dar trabalho, eles iam ter que suportar o olhar de acusação da esposa, a fofoca... fingindo que não tava acontecendo

nada, com cara de quem tá por cima, mas, por dentro, mastigando a chateação daquela baixaria.

O velho Augusto preferiu se fingir de cego, e eu, reconhecendo a titica de galinha que eu era, fingi também. Aceitei a esmola que ele me deu sem me oferecer, era melhor do que nada, era melhor pro teu futuro, Beto. Não queria nem olhar na cara do mardito, mas fui ficando naquela casa, não tinha jeito. Ninguém me prometeu nada, mas Seu Augusto pelo menos pagou teu estudo. E duvido que fez isso porque tinha a consciência pesada, era mais pra posar de bondoso, porque ele contou pra tudo mundo. Parecia que ele não lembrava de nada, muito menos do que tinha me feito. Parecia que ele nem sabia que era teu pai.

Claro que eu sei do que eu tô falando. Me respeita, moleque. Foi assim, tô te contando tudo. E você sabe que eu faço tudo muito bem-feito. Plantar uma mentira não é fácil, mais difícil ainda é fazer ela vingar. Não tem só que regar, tem que colher os frutos e suportar os espinhos. Se a gente precisa da mentira, tem que ser assim. Tive que arrumar um pai pra você nunca desconfiar da verdade, pra mim ter o que responder, sem gaguejar, quando a pergunta viesse. Seria melhor você nem perguntar, pra não ter o risco de eu gaguejar na resposta. Eu tava comprando roupa pra nós no bazar da Igreja e vi um porta-retratos com uma foto em preto e branco, um rapaz tão lindo. O rosto era parecido com o Seu Augusto moço, achei que você podia ficar assim quando crescesse. Então eu tive a ideia da foto. Comprei, entrei na casa com o embrulho na bolsa, pra ninguém ver. Guardei numa gaveta, deixei você achar a foto, fiquei espreitando pra ver quando essa hora ia chegar, pra você topar com meu olhar falso de surpresa. Não te expliquei nada na hora, a gente não falou nada, nem na hora de dormir. No dia seguinte, quando você chegou da escola, o retrato tava numa mesinha de canto, no nosso quartinho. Você pegou,

olhou a foto, virou pra mim. “Pois é... é teu pai. Ele morreu. Não queria te mostrar porque ele não seria teu pai de qualquer jeito. Eu errei, engravidei solteira de um homem casado. Eu não queria te contar minha vergonha. Mas é isso: sou viúva de um homem com quem nem casei”. Foi tudo o que eu disse.

Nem sei por que tô contando o que eu te disse, duvido que você tenha esquecido esse dia. A história é mentira, mas a vergonha é de verdade.

Foi o que bastou. Você percebeu minha vergonha e nunca me perguntou nada, filho. Você também se calou, e calado a gente continuou olhando aquela foto de quem nem sei. Nós dois com saudade de uma coisa que nem viveu.

Sinto a visão embaçada, mas não me levanto para pegar os óculos. Nessa casa, há tantas caixinhas de óculos dentro dos armários. Você costumava guardar essas caixinhas para colocar outras coisas. Então, onde a gente achava que encontraria um par de óculos velho, deparava-se com moedas ou cliques, às vezes, enferrujados — denunciando a quanto tempo você desenvolve sua mania de guardar tudo. “Pode ter alguma serventia, não vamos desperdiçar”. Onde se esperava encontrar algo que nos fizesse enxergar melhor, encontramos cliques ou grampos para páginas, é melhor prender os olhos do que abri-los — enxergar pode ser muito trabalhoso.

Durante anos, fui míope de minha própria vida. Um quadro embaçado da minha família era mais suportável; era melhor do que olhar e ver nítidos os contornos da omissão. Cresci na zona rural, isolada do mundo — ainda me lembro de que isso te causou inveja, quando nos conhecemos, você que tinha seus sonhos de agricultor. Cresci até certo ponto, depois acho que diminuí, numa solidão sem apelos. Se alguém me lesse agora, pensaria que fui uma dessas crianças a quem foi negado o direito de estudar. Mas, não, você sabe que eu frequentei a escola, Beto, o que de forma alguma fazia com que eu me sentisse mais próxima das pessoas, era como se eu andasse com paredes ambulantes ao meu redor. Queria mesmo que essas paredes existissem, para que eu pudesse não ser vista nem encontrada. Eu já era invisível para os meus pais, desde criança — então, por que não a benesse de não existir para o resto do mundo?

Brincávamos de esconde-esconde — “que divertido, em um sítio há muito espaço, que crianças felizes”, alguns pensariam, nesse ingênuo imaginário da infância como oásis de alegria e afeto. A casa era muito espaçosa, muitos quartos, banheiros, salas, biblioteca, ateliê de pintura, dispensa e armários, inúmeros armários, arcas, gavetas — tudo o que se pode imaginar para guardar e esconder. De fato, o sítio não era imenso, mas no olhar de uma criança era todo um mundo.

Brincávamos de esconde-esconde. E de gato-mia. Você já brincou de gato-mia, Beto? Fechávamo-nos num quarto escuro, uma das crianças era escolhida para ser o gato, aquela que caçaria — o que consistia em perseguir as demais, que circulavam pelo cômodo, e conseguir segurar alguém. Quando isso acontecia, o gato dizia: “Gato-mia”, e a criança que tinha sido agarrada tinha que responder: “Miau”, para que ele tentasse adivinhar quem era. Se ele acertasse, ela passava a ser o próximo gato. Sempre que encostávamos em alguém, fazíamos de tudo para fugir, o mais rápido possível, ninguém queria ser o gato — então estranhei quando alguém encostou em mim e não fugiu. No começo, achei que era o gato, mas, não. Ele encostou e foi me puxando para perto da parede. Aí me segurou ali e passou a mão no meu corpo. Eu fiquei me sentindo esquisita. Não sabia o que pensar nem o que dizer.

Nunca consegui te contar, Beto. Por quase toda a minha vida, eu não queria dizer nada a ninguém, nem a mim mesma, eu só queria esquecer de tudo — eu apenas fechava os olhos e rezava, quando vinham lembranças perturbadoras. No desespero, eu pedia a um deus em que eu pouco acreditava para tirar aquilo — que tanto me assustava que eu nem conseguia nomear — de dentro de mim.

Brincávamos de esconde-esconde. No começo, eu gostava: um contava e os outros saíam correndo, procurando os lugares mais

improváveis — aqui, ninguém vai me encontrar, eu pensei quando entrei na dispensa. Até que ouvi um barulho na porta, senti o coração batendo, mas depois relaxei. “Junior, vai embora. Já tem eu escondida aqui”. “Não tem importância, quero ficar aqui, com você”. “Mas aí você corre mais do que eu, e vou acabar perdendo”. “Não, eu deixo você ganhar, Malu”. Ele se sentou ao meu lado, naquele cômodo escuro e apertado, eu podia sentir a respiração dele mais forte, não sabia se ele tinha corrido muito ou se era a ansiedade de ser pego. Eu mal sabia que sim, mas de ser pego em algo que realmente não podia ser visto por ninguém. Senti sua mão passando nas minhas pernas, e depois ele pegou a minha, e colocou sobre seu sexo. A Malu de dez anos não sabia o que fazer. Fiquei com a mão parada ali, sentindo meu corpo duro como se houvesse sido congelado. Ele pôs sua mão sobre a minha e disse: “Mexe assim, que é gostoso. Depois vou fazer em você também”. Eu não queria, mas obedeci. Ele começou a gemer baixinho, aí eu disse: “Junior, assim vão achar a gente, a gente vai perder”. Ele riu. Eu não entendi. Eu só queria que acabasse, não estava gostando daquilo, sabia que era errado. Não consigo precisar quanto tempo ficamos ali, parecia que o dia já passara, até que ele disse: “acho que a brincadeira já acabou, vamos?”.

Ele saiu primeiro, não consegui segui-lo — eu tão obediente, mas não as minhas pernas, paralisadas como se a vida tivesse fugido do meu corpo, como se eu nunca mais fosse me mexer. Ouvi a voz da minha mãe: “Filho, o que você estava fazendo na dispensa?” “Estou brincando de esconde-esconde com as meninas”. “Você não está meio grandinho para isso, não?” “Deixe, Francisco, ele é tão carinhoso com as irmãs! É tão raro um adolescente de 15 anos que tem a paciência de brincar com as irmãs mais novas”. Lembro como se eu fosse ainda uma garotinha, abri a porta, vi minha mãe abraçando o Junior; meu pai olhava, sorrindo, essa cena, e ninguém

olhou para mim, quando saí da dispensa. Andei devagar procurando uma saída, sentindo-me meio perdida na minha própria casa, então minha prima gritou: “Maluuuuu” e saiu correndo para o pique. Eu a olhei como se ela tivesse surgido de um planeta distante. “Malu, você perdeu! Você perdeeeeeeu!!!” Ela gritava, fazendo uma dancinha engraçada. Todos riram. Sim, prima, eu perdi. Eu perdi.

Brincávamos de esconde-esconde. Eu não queria mais brincar, mas era sempre vencida pelos argumentos das outras crianças. Procurava os lugares mais distantes, menos imaginados, não queria ser encontrada, nem na brincadeira nem nunca mais. Mas ele sempre me procurava, entrava no meu esconderijo e dizia: “Vamos brincar, só eu e você?”. Não era uma pergunta, de fato, era uma senha, um aviso. Eu não respondia nada. Ele pode tudo, não é? É o filho mais velho. É meu irmão querido. Eu o adorava, mas o que a gente fazia me deixava mal, confusa, o meu corpo pulsava e depois vinha um vazio estranho por dentro. Era como se alguém tivesse me arrancado os órgãos, eu sentia só o vazio dentro de mim, enquanto ele me tocava ou me fazia tocar, lamber, chupar seu corpo. Tudo com voz mansa, com mão de afago, depois me olhava nos olhos e dizia que eu era sua preferida. As mesmas palavras que eu ouvia a mãe dizer para ele, o mesmo olhar com que o pai olhava para ele, o filho bom. O melhor. O único varão.

Brincávamos de esconde-esconde, eu nem queria mais, mas me deixava novamente vencer; nem procurava mais um lugar distante, nem tentava mais desaparecer, na certeza de que ele me encontraria. E depois de tantas brincadeiras, ele nem me perguntava mais nada, não era necessária a senha, nem pretextos, nem faz de conta. Na primeira vez que ele tirou minha calcinha e subiu em mim, disse suavemente: “Abre mais as perninhas, meu amor”. “Tá doendo”, eu disse, chorei um pouco, mas não gritei. “Tadinha, não chore. Já vai passar”, e passou a mão pelo meu rosto.

Depois, o vazio, a vida que me abandonava o corpo — eu não sentia mais nada, não importava o que ele fizesse.

Nunca consegui te contar, Beto. Eu sempre gostei do seu beijo, do seu toque. Mas, no sexo, em algum momento, vinha a sensação de vazio. Antes de começar a terapia, inconscientemente sentia que talvez esse fosse o meu destino, que estava amaldiçoada para sempre, que havia sido banida do país dos prazeres ao permitir o interdito em todas as culturas.

Tentei te contar, Beto. Mas você nunca me deixava chegar a esse ponto, logo que eu começava a falar sobre o início de nossa vida sexual, querendo saber como foram suas experiências antes de me conhecer — tática para que, oferecendo a escuta, você me desse a sua, me desse o espaço que eu precisava para me confessar — você fugia do assunto. Eu queria que você me conhecesse, Beto, que me ajudasse a entender minha história, que eu pudesse te contar sobre o vazio, ao invés de fingir um gozo que nunca senti. Mas eu tinha medo. Medo de que você me julgasse imunda, que se afastasse horrorizado, olhando as próprias mãos com medo de ter sido contaminado.

É o cúmulo, a essa altura da vida, você me dizer que lamenta que a gente não tenha se relacionado com mais pessoas. Que talvez as coisas fossem diferentes entre a gente se tivéssemos experimentado mais. Que eu podia ser uma pessoa mais... qual era a palavra mesmo? Não lembro, porra... mas que eu podia ser mais aberto, se tivesse tido outros relacionamentos. Parece que você não se dá conta das coisas absurdas que me diz em nome dessa suposta honestidade que você considera essencial. Depois você reclama que eu não respondo, que eu fujo do diálogo e o cacete. O que eu vou responder a isso, minha senhora? Puxa, desculpa ter empatado mais de duas décadas da sua vida, um tempo precioso que você podia ter usado dando para outros homens? Você parece que perdeu o bom senso, Maria Lúcia! Quando me pediu pra te contar das transas que eu tive antes, tive certeza disso. Eu não quero saber das suas, faça-me o favor!

Nunca fiz o tipo pegador, você sabe... Sempre olhei mulher bonita na rua, no ônibus, na escola. Mas, quando elas olhavam de volta, eu desviava o olhar. Eu era um adolescente muito tímido. Nunca fui bom nesse negócio de paquerar, de chegar na mulherada. Se tinha uma garota olhando pra mim, eu logo checava se não estava com a camisa do avesso ou suja. Se elas estavam sorrindo, eu achava que estavam rindo de mim, e não para mim, ao contrário dos meus colegas, que achavam que mulher sorrindo para eles era a

senha de que já queria abrir as pernas.

Eu não prestava muita atenção em nenhuma menina em particular, até conhecer a Marisa. Pele clara, cabelo liso e comprido. Ficava só imaginando eu me perdendo em meio àqueles seios fartos. Começamos a conversar por acaso, ela me perguntou, na aula, se eu tinha entendido uma equação; eu disse que sim, e ela pediu: “Me explica, por favor! Tô mais perdida que cachorro em mudança!”. Eu fiz isso na maior simplicidade e ela falou, em voz baixa, para o professor não ouvir: “Cara, você devia dar aula no lugar dele!”. Fiquei meio encabulado, eu não estava acostumado a receber elogios. Como ela falava baixo, aproximei meu rosto dela e pude sentir um perfume bom. Foi a primeira vez que o cheiro de uma mulher me deixou perturbado, voltei para casa com a memória daquele cheiro — um perfume já fraco misturado ao odor da pele. Fiquei com vontade de chegar ainda mais perto, de tocar seu corpo. Eu nunca tinha ficado excitado daquele jeito, só com atrizes provocantes, ou mulheres desconhecidas, que vinham na minha cabeça. Sentir meu corpo querendo alguém que eu conhecia e estava ao meu alcance era novidade para mim.

Naquela época, nem meu próprio corpo estava tão ao alcance das minhas mãos. Tinha poucos momentos de solidão e menos ainda de privacidade. Banhos precisavam ser rápidos, o banheiro era compartilhado com os outros empregados da casa, então era sempre um gozo rápido ou incompleto. Quando eu conversava com a Marisa, quando ela se aproximava e eu podia sentir de leve seu cheiro e imaginar o calor do seu corpo — mesmo que rápido, com um beijo no rosto — meu corpo pedia o dela. Depois que eu chegava em casa, deitado no meu colchão, preocupado que minha mãe pudesse acordar, eu batia punheta no escuro, fantasiando que eu apertava o corpo de Marisa. Era tudo o que eu podia, porque ela não estava ao meu alcance.

Tem marca que não sai não, senhora. Essa marca na minha mão, o ferro fritando minhas carnes. Essa marca que eu tenho na testa foi um tombo na escada. Eu tava na biblioteca, limpando os livros das estantes mais altas. A senhora sempre me dava esse serviço, que raiva! “Você é magrinha, é esperta de corpo e é nova — se cair, recupera fácil”. Se cair! Como se não tivesse nada demais eu cair duma altura daquela! Tava mais preocupada se um dos pratos que a senhora comprava nas viagens caísse da parede. Mardita! Mas eu subia naquela escada meio bamba, tirava o pó daqui, tirava o pó de lá, sentava no alto da escada e ficava ali pendurada, com livro na mão. Era tanto livro, meu Deus! Quando era menina eu quis estudar, mas nunca me deixaram ir na escola. Eu queria ler, achava bonito aquele monte de livro, agora eu não gosto mais. Tinha dia que eu enrolava mesmo, ficava um tempão limpando a biblioteca, como a senhora não tava ligando se eu podia ou não cair da escada, não ia ficar vigiando, né?

Que susto quando vi ele na porta. Senti o coração na boca. Eu tava sentada na escada, vendo um livro cheio de pintura. Pedi desculpa, pus o livro no lugar. Desatei a limpar tudo com pressa. Ele não disse nada e continuou encostado no batente da porta. Vi que ele tava sorrindo. Não sei explicar por que, mas era um sorriso estranho, sorri de volta, de nervoso.

Ái ele entrou na biblioteca e fechou a porta. Por quê? Até parece que a senhora não sabe, mas naquela hora eu não sabia, a estranheza virou um aperto no peito que eu não sabia explicar. Ele

parou bem do lado da escada e perguntou que livro eu tava lendo, fiquei sem graça, dei o livro sem olhar na cara dele, me desculpando: “Ó, Seu Augusto, eu nem sei ler, tava só vendo a capa, não vou atrasar o serviço”. Ele não disse nada, só foi virando as folhas do livro bem devagar. Continuei tirando o pó da estante, colocando os outros livros no lugar que tava antes, aí de mim se eu não colocasse tudinho de volta do mesmo jeito, no mesmo lugar. Seu Augusto ainda ali, sem tirar os olhos de mim; aí puxou uma cadeira e sentou bem embaixo da escada. Fiquei sem jeito, eu tava de saia, a senhora sabe, sempre obrigava a gente a usar uniforme. Ah, que vergonha, eu podia sentir o olho dele se intrometendo, querendo ver onde o pano cobria. Comecei a limpar tudo de qualquer jeito, pra descer mais depressa. Ele nem virava as folhas do livro mais, nem disfarçava mais que tava olhando minha calcinha. Quando ameacei descer, ele falou: “Acho que você não estava tão preocupada em atrasar o serviço quando estava lendo, né? Limpe um pouco melhor os livros daquele canto”. Voltei pro último degrau da escada, tirei os livros que ele tinha mostrado e ele ainda falou: “Pode limpar beeem devagar”, e se curvou, pra ver melhor o que a saia mostrava.

Ah, pensa que isso não é nada demais? Hoje em dia qualquer uma acha que isso não é nada demais, essas vagabundas do inferno. Eu, não! Eu me dou o respeito, sim! Minhas mãos começaram a tremer tanto que tinha medo de derrubar os livros. Fiquei ali até que ele cansou e foi embora. Aí comecei a descer devagar. Num susto e suada como se eu tivesse corrido o dia inteiro.

A tarde cinzenta, as horas se alongam tediosas e olhamos as nuvens estáticas pesadas de gotas vindouras. A mesa do café ainda posta às três horas da tarde, com as xícaras intactas. Nenhum relógio parece mais fazer sentido nessa casa. Os sapatos no corredor como passos que se fixaram, eternos, no piso, nossos corpos estáticos sobre as cadeiras da cozinha, sem coragem para dizer nada.

E se pudéssemos mudar tudo? A pergunta ficou suspensa na minha boca. Se pudéssemos voltar ao que éramos, voltar ao minuto que antecedeu o *de repente, não mais que de repente, fez-se de triste o que se fez amante...* E se pudéssemos? Você voltaria para a morna satisfação da caverna, Beto, onde se vê sombras e se pensa ver a realidade? Eu não vou voltar. Mas mesmo que quisesse, acho que não seria possível. A consciência é um caminho sem volta. Depois de sair da caverna, desver não é uma opção.

A máquina de escrever. Discos de vinil, vitrola. Seu gosto por coisas antigas. Eu brincava que você mentia a idade, que tinha nascido em 1900, mas encontrou o elixir da longa vida, lendária busca de alquimistas, e seguia com aparência jovem. Você respondia sempre: sim, eu sou velhinho! Eu achava que tudo não passava de uma brincadeira. Eu devia ter desconfiado por seu ceticismo precoce e por seu olhar envelhecido.

Quando nos conhecemos, eu também era velha. A vida me

envelheceu de repente. Roubaram-me décadas: fui dos dez aos 60 anos em horas, quando aprendi o quanto o amor pode ser cruel e a proteção, violência. O quanto a inocência é um estado que, quando se perde, é para sempre.

Na época em que te conheci eu começava a rejuvenescer. Talvez por isso você me olhou — gostava da minha alegria misturada com cautela, da busca pela segurança das coisas certas. Por isso sei que não foi fácil para você quando continuei rejuvenescendo, a passos largos, passos que começaram a dançar. Aquela velha ia se despedindo de mim e uma adolescente surgia depois dos 40 anos. Aquela adolescente que impediram de sorrir, em quem colocaram o medo de sentir, de querer saber, de gozar. Fomos apresentadas, depois de tanto tempo.

Cheguei aos 17 anos, *después de vivir um siglo*. E a vida explodia em mim. Queria ouvir novos acordes, conhecer outras praias, dançar ritmos diferentes. Queria amar com fúria. E você não me acompanhava. Eu me ressentia por você ter envelhecido tão rápido. Ressentido, em seu silêncio gritante, você dizia que sempre fora velho.

Por longo tempo precisei conter meus passos para estar ao seu lado. Um dia, uma música no rádio elucidou a minha maior angústia, num único verso (vê como é importante colecionar versos, Beto): *eu não sei dançar tão devagar pra te acompanhar*

Não consigo alcançar o que você quer de mim, Malu. Tenho saudade do seu sorriso. Quando a gente namorava e eu ia à sua casa, e você abria a porta e me abraçava soltando o peso em mim, rindo. Eu ria também, dando passos para trás com seu peso, dizendo que não aguentava mais, e aí você dizia: “melhor, vamos cair e eu caio por cima”. Seu olhar de malícia, me convidando para me perder na sua boca.

Sinto falta da sua alegria, de você cantando enquanto cozinhava (você sempre teve ótima memória para letras). Adorava quando você se deixava levar pela música numa pista de dança imaginária e me rodeava mexendo os braços e os quadris, desengonçada, me fazendo rir.

Como era bom o silêncio confortável das tardes. A gente, às vezes, só precisava deitar e ficar junto. Não sei quando isso mudou e você começou a apontar meus defeitos, parece que tudo o que eu fiz na vida foi errado. Você parece outra, Malu. Mesmo abraçados, a gente já não se toca mais.

Gostava do nosso encontro fácil, sem palavras, mesmo que eu não expresse isso. Você me acusa de não te enxergar, não sentir sua falta por não chorar nas nossas conversas. Autocentrado, eu? Uma pessoa não chora as lágrimas que não consegue, não fala as palavras que não tem. A outra insiste em não enxergar que nem todos sentem da mesma forma. Você está tão autocentrada que acha que todo mundo tem que fazer tudo do seu jeito, o jeito certo, né? Tô cansado da sua falta de senso de você mesma. Da sua verborragia.

Não é verdade que não me importo. O que é se importar? É chorar, ficar se lamentando? Isso resolve alguma coisa, Maria Lúcia? Claro que eu fico triste ao ver minha mãe piorando. Não foi fácil vê-la tendo uma convulsão, no meio dessa sala. Nunca vi minha mãe reclamar de nada, nem se queixar de dor alguma, nem pedir ajuda. Você acha que não foi um choque para mim ver minha mãe caindo no chão, sem controle do corpo, babando, tremendo, se debatendo? Você acha que é fácil passar por cima disso, pôr a cabeça no lugar, chamar o SAMU, responder às perguntas, entrar em uma ambulância, esperar em uma sala de hospital, receber a notícia do AVC, sem tremer nem chorar? É treino de uma vida inteira.

Mas, ao invés de considerar isso uma qualidade e me agradecer, tudo o que você faz, ultimamente, é dizer que eu sou indiferente à minha mãe, a você, aos seus sentimentos. Acho desnecessário você ficar me acusando de não dar atenção para minha mãe. Eu dou a atenção que eu posso. Você, como professora, tem horários mais flexíveis, trabalha bastante em casa, então fica mais fácil para acompanhar em médicos, exames, dar os remédios. E eu não contratei a cuidadora, quando você reclamou que estava muito cansada? E quando você me pede alguma coisa, eu não faço? Casamento é isso, Maria Lúcia, é parceria, “na saúde e na doença”, como disse o padre. Você sabe que eu sou ateu, mas para mim, essa frase faz sentido. Mas talvez você não esteja convencida de que eu acredite nisso, senão não diria que “A minha mãe é minha, a sua mãe é nossa”. Uma acusação elegante. Aliás, você é boa nisso. Não falei nada na hora, não queria dar corda para a sua lamentação. Quando sua mãe precisou de cuidados, você já estava lá, e quem melhor do que a própria filha para cuidar? Mulher já tem um jeito

natural para cuidar, acho que tem a ver com o instinto materno. Mas isso não significa que eu não cuidaria, se ela precisasse, afinal, desde que eu casei com você, ela também é minha família. Agora, a pergunta que eu honestamente te faria, se isso não fizesse você engatar de novo nessa ladainha: qual é o problema da minha mãe ser nossa? Quando a gente se casou, entrou para a família um do outro, então, é claro que ela é nossa. Qual é o problema em ela ser nossa? Você reclama que a gente não transa mais — casamento é só isso, para você? Para mim, casamento também é dividir os perrengues, e cuidar um do outro. Cada um cuidando de uma forma diferente — mas sem deixar de cuidar.

A gente não vai almoçar? Eita, a gente já almoçou? Mas quem é que tá lavando a louça? Eu preciso trabalhar, minha filha. Eu não tenho pai nem mãe, nem marido que me sustente, e tenho um filho pra criar. E o moleque come, viu? Precisa de ver. Qual é teu nome, você também trabalha aqui? Maria Lúcia! Já ouvi esse nome, alguém me falou esse nome ontem mesmo. Tu é parente de dona Magnólia, é? Já te vi várias vezes aqui na casa, mas nunca te vejo pegando em uma vassoura, nem lavando nem passando roupa. Então, empregada não é! E com essas mãos branquinhas, tão fina, parece mesmo mão de patroa. Desculpa, peguei na sua mão, mas é que você me lembra alguém, sabe? Como se fosse da minha família. Mas eu nem tenho família! Só Alberto, meu filho.

Mulher do meu filho? Não, não.... Você é engraçada, hein? Alberto, meu menino, deve ter uns 10 anos. Esperto, viu? Acho que puxou o pai, porque eu sou ignorante, não tenho estudo nenhum. Mas meu menino foi pra escola, e precisa de ver, aprendeu a ler depressa, e aí não queria mais largar os livros. Tinha que ralhar para ele me ajudar no serviço. Eu detesto livro. Falo mesmo. Aqui tem livro demais. Aquela biblioteca enorme pra gente limpar, livro por livro, e sem tirar da ordem, vai pra puta que o pariu. Mas tem coisa que não limpa não. Tem gente que lê muito, fala bonito, mas só faz merda. E é um povo metido, que acha que me engana com palavreado. Esse monte de livro aí não leva ninguém pro céu.

Moça, você é quem mesmo? Maria Lúcia. Que nome bonito, tudo quanto é nome que tem Maria é bonito, né? Desculpa eu perguntar

de novo, minha cabeça tá meio fraca, é coisa demais dentro da cabeça, tem que guardar tudo na cabeça. Você tem pai, Maria Lúcia? Que beleza! Eu não conheci meu pai, nem Alberto. Então ele nem sabe que é esperto que nem o pai. Vou te mostrar o retrato, tá dentro de uma caixa de madeira, lá no meu quartinho. Daqui a pouco vou buscar e te mostro. Eu guardei segredo, até hoje tenho vergonha. Ele é médico, desses que faz operação nas pessoas, sabe? Ele tinha acabado de se formar quando a gente se conheceu, eu era tão menina. Mas não podia contar pra ninguém, ele era casado, já pensou que escândalo? Cê acha que ele ia largar a mulher dele, aquela mulher linda, rica, pra ficar comigo? Cê é besta! Um dia ele apareceu e me deu uma foto, com porta-retrato e tudo. “Pra você nunca esquecer de mim”. Mas ele me esqueceu. Nunca mais eu vi o mardito. Depois, o sangue começou a falhar. Eu tinha pegado filho, meu Deus, que medo da patroa colocar nós na rua. Não fiz barulho, fiquei quieta, aceitei meu destino de mãe solteira. Nunca procurei ele pra contar que ele tinha um filho. Cê quer ver o retrato? Vou pegar, mas não lembro como faz pra ir no quartinho dos empregados. Essa casa tá mudada, será que Dona Magnólia mudou toda decoração de novo? Rico é assim, minha filha, não sabe onde enfiar o dinheiro, então fica comprando tudo de novo: sofá, mesa, tapete, cortina, louça... Aí faz um chá da tarde na mansão pra apresentar a decoração nova, chama jornalista também, é aquela farra do boi! Mas quem leva no lombo somos nós, a gente trabalha mais ainda, quando as patroas inventam essas coisas. Meu Deus, você deve ser parente da patroa e eu falando isso! Não conta, por favor, se você contar, a patroa põe nós na rua. Você não vai contar nada? Agradecida, moça! Você parece que tem um bom coração. Mas eu vou lá no quartinho, vou pegar o porta-retrato e te mostrar o pai do meu menino, mas primeiro, a gente pode almoçar? Tiana já deve ter posto na mesa o almoço da patroa, e a nossa comida de

pobre também já deve estar pronta, Tiana é sacudida, precisa de ver.

O dia correndo solto e nós aqui, sem fazer nada? Beto, Beeeeto! Você já limpou a biblioteca? Não posso subir na escada para limpar os livros que ficam perto do teto. Duvido que alguém vai subir lá pra conferir se eu limpei! Se bem que é capaz da mardita fazer isso só pra fazer o inferno comigo. Adianta reclamar, Beto? Engole o choro, moleque! Ou então vou te dar uns tapas pra você ter motivo de verdade pra chorar!

A gente não vai almoçar? Ainda é cedo? Mas quem é você? Cadê meu filho? Tá no trabalho? Não, ele trabalha aqui, mulher! É mocinho já, daqui a pouco deve arrumar serviço fora. Me fala uma coisa, quem te chamou pra trabalhar aqui? Foi D. Magnólia? Não, não conheço essa tal de Maria Lúcia. Mas e Tiana? Cadê Tiana? Por que ela não trabalha mais aqui? Você vai me desculpar, moça, sua comida dá pra matar a fome, e só. Então, não entendo essa tal de Maria Lúcia! Pra que dispensar Tiana, que fazia aquela comida maravilhosa, e dar serviço pra você, que só sabe fazer essa gororoba? Saudade de Tiana!

Beto, Beeeto! Vem almoçar, meu filho! Eu sei que você gostava muito da comida de Tiana. Eu acho mais: no fundo, você gostava tanto de Tiana que queria que ela fosse tua mãe. Eu também queria. Acho que ela também queria. Quantas vezes peguei ela te olhando enquanto você comia. Uma vez, entrei na cozinha e ela tava acarinhando teu cabelo, e senti assim que nem um susto. Beto, espera. Vou falar. Não era ciúme, parecia assim... um grito sem voz, sabe? Senti um negócio estranho. No fundo, eu não queria que ela te tratasse bem pra você não perceber o quanto eu era dura, pra você não cobrar o que eu não te dava. A gente não sente falta do

que nunca teve, né? Pra que ficar dando beijinho, carinho no cabelo? Eu não cumpri minha obrigação? Eu te criei, mas quando olhava pra sua cara, eu via a sujeira que nunca vai sair do meu corpo, nem com todo sabão desse mundo. Homem quando cai é só bater o pó do paletó que tá limpo, mas mulher, não, filho. Uma mulher, quando cai, tá na lama pra sempre. Nunca vou esquecer. Tá tudo aqui, dentro da minha cabeça, tá tudo dentro da minha cabeça, tem que guardar tudo na cabeça, não pode contar pra ninguém.

Beto, escuta, não sou de falar muito, mas escuta: a culpa não é sua, a culpa é minha, mas eu te olho e vejo minha desgraça. Então é difícil te abraçar. Na verdade, não gosto mesmo. Eu tentei, juro, meu filho, eu juro por minha Nossa Senhora de Lourdes, ela sabe o quanto eu tentei, misericórdia. Era um custo te segurar no colo, pra dar o peito. Não tinha berço. Eu não conseguia dormir com você do meu lado na cama, então te colocava num colchão, no chão. “Do chão não passa, né? É melhor do que rolar em cima do menino e machucar ele!” Era isso que eu pensava, que eu falei pra Tiana quando ela me perguntou por que eu não colocava você pra dormir na cama. Eu podia falar a verdade? Ninguém gosta de ouvir a verdade. Falar a verdade também não é fácil, não.

Aí você começou a rolar, era tão pequeno que conseguia rolar para fora do colchão, mas não conseguia voltar, então ficava no chão até eu perceber. Dava uma dó... Às vezes eu te achava embaixo da cama, dormindo no chão frio, pegava você no colo e sentia seu rostinho gelado, mas logo colocava no colchão de novo, embrulhava você nas cobertas pra se esquentar.

Beto, escuta, tá tudo dentro da minha cabeça. Eu não sabia o que fazer. Eu era tão menina. Se você chorava, eu também chorava. Você berrava, não sei se era dor ou se era fome — e eu não queria levantar, te pegar no colo, que inferno. Mas de jeito nenhum eu te

quero mal, meu filho, acredita em mim, ah, minha Nossa Senhora de Lourdes, valei-me...

Moça, a gente não vai almoçar? Dona Magnólia já mandou fazer a comida dos empregados? Mardita, come do bom e do melhor, mas pra nós a comida é diferente. E nunca dá pra repetir. Sabia não? Mas eu e Tiana, a gente tinha nosso jeito de comer comida de rico. Eita, deixa eu falar baixo, se a patroa escuta, põe nós na rua. Mas isso antes do meu filho nascer, já faz tempo. Esse menino veio pro mundo só pra me desgraçar. E não parava de chorar de madrugada, e tinha que dar o peito, eu não quero pegar ele no colo, que inferno! Mas aí todo mundo foi reclamar com a patroa, o choro do menino acordava todo mundo de madrugada, então não tinha jeito, eu tinha que ninar até ele parar de chorar. Foi um alívio quando meu leite secou, misericórdia! Aí eu descobri uma maneira melhor de calar a boca da peste sem dar mais o peito: “Dona Magnólia, meu leite secou”. “Mas já? Você teve parto normal, é tão novinha, devia ter muito leite.” “Não sei o que aconteceu, patroa. Mas sei o que fazer pra matar a fome do moleque. A senhora pode comprar uma mamadeira pra ele?”

Beto, quando você chorava, eu punha a mamadeira de leite com um pouquinho de cachaça na sua boca. Nem levantava: era só estender o braço e alcançar sua boquinha, ali embaixo, no colchão. Dava certo, você sempre dormia de novo. Foi assim toda a vida: se chorava, se tava triste, eu procurava algo pra te dar de comer. Era um jeito de te agradar. Não gostei quando Tiana começou a guardar comida pra você. Ficava tudo pra você, ela não guardava mais pra mim a comida dos banquetes. Mesmo que sobrasse pra mim, não tinha aquele brilho no olho que eu via quando ela levava a comida pra você, aquela voz meio melosa, aquele dengo todo. Precisava nada disso, minha mãe nunca foi assim. Mas cumpriu sua obrigação. Deus sabe que custo foi, mas eu também cumpri minha

obrigação.

Alberto não gostou quando eu disse: “a minha mãe é minha, a sua mãe é nossa”. Ele me respondeu que a partir do momento em que nos casamos, éramos uma mesma família, então, todos eram “nossos”; e que teria cuidado de você, se fosse preciso, se eu não pudesse. Percebo agora que minha frase contém um erro: a mãe de Alberto é nossa, mas você não é minha. Podemos ter cuidado uma da outra em alguns momentos, mas talvez ser mãe e ser filha seja algo além disso.

“Quem melhor do que a própria filha para cuidar?” “Sua mãe cuidou de você, então nada mais justo que você cuide dela”, é o que toda a gente pensava e dizia. “E as filhas fazem isso com tanto amor, não é?” Com que amarga ironia eu escrevo isso. Porque jamais poderia te dizer, mãe.

Nunca consegui te dizer o quanto você me magoou, a dor mais funda não tem palavras, não existe como articular nem sílabas, som algum dá conta de traduzir meu desamparo, a sensação de estar largada, sem braços que me envolvessem, a sensação de ser sempre a última a ser enxergada, meu choro menosprezado como fraqueza, coisa de criança que reclama por coisa pouca. Foi assim todas as vezes, tentei te dizer, mãe, do que eu precisava, foi tão difícil dizer o quanto a vida era um peso, mas que eu poderia saber o dia da minha morte, e você apenas me respondeu: “Pare de bobagem!”. Eu esperava, mãe, que você finalmente me enxergasse. Que você me aconchegasse no seu colo como talvez nunca fizera. Você não me deu seu peito. Dizia sempre que amamentar, além de deformar seus

lindos seios, era uma prisão para qualquer mulher, que era muito melhor dividir o trabalho de alimentar uma criança com qualquer um que soubesse segurar uma mamadeira. Não só de leite se alimenta uma criança, mas de carinho, e não tenho lembranças de um beijo ao me acordar, um abraço na hora de dormir, uma história compartilhada.

Afeto não se mendiga, essa é uma lição que aprendi na minha vida, não adianta querer um amor a que nunca pertencemos. Isso eu aprendi bem, e me afastei. Aprendi a amarrar sozinha os meus cadarços e, principalmente, a desamarrar os nós da minha vida, ou pelo menos fazer de conta que eles não existiam, quando era impossível desatá-los. E não adianta rezar, mãe, que é o que você sempre me incentivou a fazer. Nossa Senhora Desatadora dos Nós não vai desatar o nó que eu tenho na garganta toda vez que eu penso que nunca fui uma prioridade para você, no máximo, mais uma das pessoas que, enquanto não crescessem, você tinha que alimentar, banhar e dar remédio quando doente. Aprendi a fazer minha cama, a limpar minhas coisas, a arrumar minha bagunça, a criar dentro de mim mesma um espaço habitável — aprendi a ser sozinha e a não contar com você. Assim era mais fácil. Quase nunca te pedia algo, quase nunca solicitava sua atenção. E por isso me doía tanto quando você me dizia não. Porque vinha na minha memória todos os esforços que você fazia pelos outros, e sua incapacidade de fazer algo simples por mim. Eu nunca te pedi para atravessar um deserto para me dar uma gota d'água, eu sei que eu morreria de sede. E você parecia sempre contar com minha capacidade de cavar um poço com minhas próprias unhas. Pensando bem, mãe, acho que eu sou mesmo capaz. O problema é que sentir meus dedos em carne viva doeria menos do que a sua ausência.

Trago em mim um buraco que nunca fecha, mãe. Eu me lembro dessa sensação desde quando eu era pequena. No meio da tarde, a criança que eu era estava sozinha no quarto iluminado e quente pelo sol. E eu sentia entre a garganta e o ventre esse buraco. Uma sensação estranha de vazio, então eu dava pequenos socos na barriga para ver se ele sumia. Nunca some. O melhor que eu consigo, às vezes, é não prestar atenção. Eu finjo que ele não existe. Eu tento andar firme como uma pessoa inteira, para não denunciar que tenho um buraco dentro de mim. Que me falta um pedaço e, portanto, por mais que tente ser igual a todo mundo, eu conheço meu segredo. Sinto-me muito só com meu segredo.

“Até parece que eu fui uma mãe omissa!”, você disse uma vez, defendendo-se, dizendo que nós reclamávamos muito do quanto você só dava atenção ao Junior, seu filho predileto, o único, seu bibelô, o que precisa de você mais do que todas nós, porque “não é que as mães amem mais ou menos o filho X ou Z, elas atendem mais os que mais precisam”. Ele te manipulava o tempo todo. E você é burra demais para perceber. Eu me controlei para não dizer: nossa, finalmente você percebeu, você usou a palavra exata: o-mis-sa! Você se omitiu nos momentos mais agudos da minha vida, mãe. Você não me protegeu. Ao contrário, você protegeu quem tirou a vida do meu corpo. E o pior, eu continuava viva, carregando um corpo inútil, um corpo abjeto. Você e ele nunca me amaram. De você, eu sempre tive uma certa indiferença. Dele, o falso afeto de um algoz afável, *a mão que afaga nem sempre apedreja* — na maior parte das vezes, a mão que abusa, devassando roupas infantis, faz antes carinhos, festinhas e cócegas. Ele gozava em cima da minha fragilidade, do poder que exercia sobre mim, do meu desespero por qualquer migalha de amor — o qual ele dizia sentir por mim, sua

irmã preferida, mas que não foi suficiente para que ele abrisse mão desse lugar de gozo e de poder. Ele tinha tudo o que eu queria ter: seu amor, o amor do pai. Projetei nele tudo o que eu queria ser. Eu o adorava e queria tanto que me amasse. E por isso eu faria qualquer coisa que ele propusesse. Ele dava as ordens, e eu obedecia. Não era assim? Eu tinha que ser obediente para que me amassem um pouquinho. Olha que boa menina eu era: ele mandou que eu o chupasse e eu fiz. Ele respondeu que a gente não ia à missa do domingo à tarde para ficar deitados na cama, no meu quarto, no escuro — era a “brincadeira de dormir”, ele te disse, rindo. Janelas fechadas em plena tarde, nós dois sobre cobertas em pleno verão. Você não desconfiou, mãe? Você não achou nada estranho? Sua cegueira, sua ingenuidade me parecem inadmissíveis para a mulher de mais de 40 anos que você era. Nós não vamos à missa, ele disse. E no meu coração, um peso enorme, como um pássaro pousando, para ficar preso ali para sempre. No quarto havia uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, para a qual eu devia rezar todas as noites. Eu senti tanta culpa por não ir à missa para ficar ali com ele, fazendo pecado. Mas eu me calei. Eu não queria, porque eu sabia que era errado, mas eu não consegui dizer. Nesse jogo, era ele quem falava; eu obedecia. Era isso o amor, não era? Se eu fosse boazinha, podia ser que alguém me amasse. Mas eu estava ali fazendo pecado, então eu não era mais boazinha, e não mereceria mais o amor. Eu nunca consegui falar, mãe. Aquele pássaro pesado ficou preso no meu coração.

As coisas aqui mudaram muito, antes a gente acordava e só parava com o serviço na hora de dormir. Essa casa tá muito diferente, hoje nem vi D. Magnólia, acho que nem ontem. Deve estar no estrangeiro, gente grã-fina é assim, vai pras Europa e volta mostrando foto com casaco de pele. Coisa besta! O que cê tá fazendo com esse livro aqui, menina? Imagina, ler uma história pra mim — a gente lá tem tempo pra essas coisas? Quem é que vai passar a roupa? Se a patroa pega nós assim, sem serviço, põe nós na rua. Não, já disse que não quero livro aqui, tira isso daqui. Não gosto de livro, pra que serve esse monte de letra no papel? Quem lê demais fica louco, sabia? Não conheço ninguém que ficou mais feliz porque estudou, só mais metido, isso sim. Você mesmo, Beto, já era calado e ficou mais ainda. Quando começou a estudar na faculdade, já quase doutor, ficou metido. Aí, conheceu tua mulher. Vixe, Maria Lúcia é a própria metideza em pessoa, sempre com livro na mão, sempre falando alguma coisa que leu. Mas esse monte de livro não leva ninguém pro céu.

Que sorriso besta é esse, menina? Cê tá rindo de mim, tá achando que tô louca, né? Tô velha, mas não tô louca, as ideia tá tudo aqui fervendo, eu sei bem do que tô falando. Teu sorriso lembra o dele, Beto. Ele sorria pra mim. Eu nunca mais sorri pro Seu Augusto moço, mas ele continuava sorrindo pra mim, parava no batente da porta, enquanto eu limpava os livros. Me dava um aperto nas entranhas, na hora que ele entrava e fechava a porta. Eu punha os livros no lugar, ia começar a descer, “vou dar licença pro

senhor estudar, seu Augusto”. Ele me parou no meio da escada, segurou uma das minhas pernas: “Não precisa, Lurdes. Fique exatamente aí”. A voz macia, mas eu sabia que ele não tava pedindo. Tudo bem, seu Augusto, como o senhor quiser, o senhor é o patrão. Manda quem pode, obedece quem tem juízo.

Eu nem conseguia olhar pra ele, meu rosto esquentando de vergonha, o coração pulando que parecia bater no lugar onde ele segurava minha perna. Por que o senhor tá parado aí? Sai do lado dessa escada, vai embora. “Se ficou ali, parada, é porque queria”, o senhor disse, depois. Eu podia ter saído? Eu não tinha coragem nem de mexer a cabeça pra olhar pro senhor, quanto mais de sair correndo, mas sabia que tava olhando pra mim. Não conseguia mexer as pernas, eu só sentia o coração batendo ali, onde ele apertava, depois a mão foi subindo pela minha coxa. Eu tremi quando o dedo dele chegou na minha calcinha. Por que eu, seu Augusto? Por quê? E quando ele enfiou o dedo na minha xoxota, eu tive vontade de gritar, de dor, de desespero, mas a voz também não obedecia...

Na cama, na simetria das almofadas, é que nossos silêncios se fazem mais audíveis. Sento-me constrangida entre elas. Estranha essa sensação no lugar onde por tantos anos dormia, despertava e via teu vulto ressonando, na companhia da minha insônia. Talvez o constrangimento seja o sentir-me não pertencendo mais, como alguém que vive tanto tempo fora que se sente estranho em casa paterna, estrangeiro em sua própria terra. Não são só os dias e meses mensuráveis que não dormimos juntos. São os incontáveis momentos em que, juntos, estávamos já sozinhos.

A cama cresceu, se tornou um espaço em que, seguros, podíamos permanecer sem nos tocarmos. Tornava-se maior a cada dia em que nossos corpos se uniam na obrigação conjugal. Penetrando meu corpo, me negava o seu, a sentir sozinho o gozo que nunca soube compartilhar.

Um abismo se abriu em nossa cama no dia em que te disse sem metáforas como eu desejava que você me tocasse. “Não acredito que você tem coragem de pensar estas coisas com minha mãe ali, morrendo”. É que tua mãe morre há anos. E eu também, deixando tudo em suspenso, mantendo, nessa casa, apenas as funções de cozinheira e cuidadora, vendo na finitude da vida alheia a minha própria urgência. A morte assusta não pelo fim do outro, mas pelo nosso próprio, que antevemos.

Ainda não sei se por susto ou tristeza, mas seus olhos se fizeram cinza e você desviou o olhar. A cada tentativa de me dizer, o abismo se fazia mais fundo, mas você não queria encará-lo, e diante

do meu corpo insatisfeito e da minha alma triste, só sabia dizer: “Isso é tudo o que posso oferecer...” E essa reticência parecia conter uma ameaça: se não está satisfeita, Maria Lúcia, faça o que quiser, mas vá embora antes e se lembre de que não sou homem que volta atrás

Um silêncio tomou nossa cama quando percebi, finalmente, que você não se moveria um milímetro de si mesmo em nome de nós. Um silêncio entrecortado de soluços e lágrimas que olhava atônito: “Por que está tão triste? Você quem mudou, Malu, não sei como nem por quê. Eu continuo aqui, igualzinho, suportando teus surtos...” Alberto e sua certeza de que está pronto e correto, afinal, sempre foi assim. O que você não suspeita, meu bem, é que essa insistência em se dizer exatamente igual denuncia a mudança.

Eu tinha urgência de vida e você queria que eu esperasse que a morte se retirasse — sem entender que ela nunca se retira, somos nós que fingimos não a ver, pois onde a vida se contorce a morte espreita sem trégua.

Sabe, Maria Lúcia, nem tudo precisa ser falado. Tem coisa que uma mulher nunca devia falar. Você disse que eu não “recebi bem” quando você tentou me explicar que não estava sexualmente satisfeita. Como é que é? Quem “recebe bem” uma coisa dessa? Fala pra mim: quem é esse homem cuja mulher não está gostando de transar com ele, fala na cara dura que não está gozando e ele ainda “recebe bem”?! Tenha paciência, Maria Lúcia, eu acho que você devia é me agradecer por eu não ter te xingado naquela hora. Isso de você sempre querer conversar depois que a gente transa, dizer que a gente poderia tentar outra coisa e ainda querer me dizer como eu poderia fazer isso ou aquilo... me incomoda. Parece que eu não dou mais conta do recado, o que era bom não é mais, o que eu faço não é mais suficiente. Falar sobre sexo não vai adiantar. Você insiste nisso, mas já disse que essa conversa não me interessa.

Você fala tanto de coerência, mas não percebe o quanto está sendo incoerente. Todo mundo diz que homem “só pensa em sexo” e, por isso, “nenhum presta”, mas, quando não pensa nisso o tempo todo, sofre uma pressão do cacete. Complicado. A maioria pensa que a gente nasce sabendo transar e que é só querer que o pau sobe. O meu pau nem sempre me obedece, Maria Lúcia! Você, que se diz feminista, que fala tanto que mulher só é vista como um pedaço de carne, hipersexualizada e o escambau, não pensa que fazem o mesmo com a gente?

Não sei o que você espera. Que eu reconheça que sou ruim de cama? Você sempre soube que eu não sou nenhum garanhão, mas

isso não parecia ser tão importante pra você.

Difícil não cair nos clichês. Não consigo não pensar em como as mulheres são complicadas. O homem só tem um jeito de gozar, que eu saiba. Vocês, não, são tantos pontos, curvas, cavidades. E pra mim a coisa tem que ser intuitiva, por isso não achei graça quando você quis me ensinar sobre o seu corpo, que eu conheço há tanto tempo. Fala sério: transformar a foda numa aula de anatomia é bem brochante.

Sua coleção de relógios. Eles estão em todos os cômodos dessa casa. Há, inclusive, vários que não mais funcionam, mas que são guardados como relíquias quase religiosas, representações do tempo, *um dos deuses mais lindos*, mas comumente ao lado da beleza está uma de suas companheiras mais assíduas, a crueldade. Antes eu fazia piadas: dizia que era relógio demais para apenas dois braços, ou parede de menos para relógio demais — hoje olho aqueles ponteiros imóveis como prenúncios, como oráculos a me apontar seu desejo de imobilidade, de segurar o tempo. Ou de medi-lo meticulosamente.

Nenhum desses relógios traz a extensão exata do cansaço, da angústia da espera. Tampouco as unidades de tempo, que também não é medido pelos (im)pacientes dos hospitais, apenas pelos médicos e enfermeiros, para quem existe (além da necessidade de contar as horas entre os diferentes medicamentos, ou de preencher os atestados com a hora exata do nascimento ou da morte) um *lá fora*, um amanhã diferente do hoje.

A você também faltou a dimensão do tempo: marcou o dos relógios, o dos calendários — não o de dentro. Não sabe que vivi anos em alguns dias, no hospital, décadas em meses, aqui em casa, cuidando da sua mãe. Assim como não sabe precisar quanto significa cada hora em que nos afastamos. Cada dia põe entre nós mais alguns metros: você não estranha mais minha ausência. Não há abraço que me alivie quando percebo que apenas recebe o meu carinho: nunca é sua a iniciativa do abraço, do beijo, do sexo. Eu

sempre em busca de migalhas de afeto.

Um dia cheguei da rua silenciosa e te vi na varanda. Você fumava tranquilamente, um copo de conhaque nas mãos, parecia feliz ao aproveitar sua própria companhia. Então entendi, Alberto: você estava pleno na sua satisfação de estar só. Quando falei isso, deu um sorriso balançando a cabeça, dizendo sem dizer o quanto minha ideia era estapafúrdia. Mas eu soube.

Canções ecoam na minha mente enquanto limpo nossos discos. A maioria são seus, Beto. Curioso pensar que você gosta tanto dos discos, dos músicos e suas biografias, mas não tem memória musical — não reconhece às vezes uma canção conhecida, quando começa a tocar no rádio, nem memoriza as letras das suas canções favoritas. Já eu não sei o nome dos compositores, dos cantores, dos discos e seus arranjadores, mas canto de cor os versos que julgo mais bonitos — também coleciono letras de música.

Entrar na máquina do tempo e de novo encontrar você... Quero viver o mesmo sonho e de novo encontrar você. Essa canção ressoa agora na minha cabeça. Você sempre riu do meu costume de escolher discos para cozinhar certos pratos, como se as canções fossem ingredientes da receita, ou de quando eu dizia que a música tal fazia parte da trilha sonora do ano de 1993. Vida também tem trilha sonora.

If I could save time in a bottle/ the first thing that I'd like to do/ is to save every day 'til eternity passes away/ just to spend them with you... Outra canção. Aos poucos vou formando a trilha sonora da minha partida, é o ritual tomando forma. É preciso marcar que se nasce, que se casa, que se morre: em todos esses momentos há música, ainda que não sejam canções.

Mas não preciso mais descobrir, *no último momento, um tempo*

que refaz o que desfez, que recobra todo o sentimento, que bota no corpo um outra vez. Estou tentando partir a tempo de poder a gente se desvencilhar da gente e não sei se te encontro mais no tempo da delicadeza

Ouçõ o rádio e me dou conta de que fala de nós. Isso não é muito comum em mim, eu não costumo prestar atenção em letras de música, ainda mais enquanto dirijo. É uma música do Legião Urbana que eu conheço há muito tempo, desde a minha adolescência: *Uma menina me ensinou quase tudo que eu sei... ela fazia muitos planos, eu só queria estar ali, sempre ao lado dela, eu não tinha aonde ir...* Mas parece que escutei hoje pela primeira vez, ela nunca tinha feito tanto sentido.

Nunca fiz planos, Malu. Como diz minha mãe, a gente nasce careca, sem dente e pelado, então tudo o que vier é lucro. Eu só fui vivendo o que aconteceu, e quando me perguntam sobre escolhas e futuros sempre respondo “tanto faz”. Você sabe. Quantas vezes me disse que falta movimento, que eu me acomodo muito, que eu devo mudar de emprego, conhecer outros ambientes, fazer novos amigos, viajar para lugares diferentes? Nada disso importa, meu bem... Tanto faz, nada será tão melhor assim, mas pode ser pior. Não me aflijo. Seja o que for, teremos de viver, tudo passa. Melhor levar as coisas sem grandes comoções, choro ou euforia. Melhor evitar a fadiga.

Não é justo você dizer que eu considero nossa relação na mesma régua. Como nem sempre faz o que prega, você diz que a gente não deve generalizar nem julgar, mas você tem feito bastante isso. Não é justo você concluir, porque eu não digo que preciso de você, que, para mim, “tanto faz se a gente está ou não está junto”. Se fosse assim, Malu, eu já teria ido embora. Nem sempre é fácil, você faz

planos demais, sem se perguntar o que eu quero. E eu só queria me encaixar em você. Eu só queria estar ali, do seu lado. Ainda quero. Eu não tenho aonde ir. Foi sempre você que me convidou ao movimento. No amor, você me ensinou quase tudo o que eu sei. Mas agora estou na dúvida se aprendi. E não sei como te dizer isso.

Nunca vou te deixar. Jamais disse isso, mas você sabe. Lembra quando eu te disse que você era a companheira da minha solidão? Seremos sempre sozinhos, meu amor, nisso a vida é igual para todo mundo. Algumas pessoas aceitam a solidão sem uma busca frenética por outros seres, igualmente solitários. Mesmo sem ter vivido sozinho, sempre tive a consciência de estar só.

Você entende isso, Malu. Porque você também sempre teve consciência da sua solidão, embora essa condição cause em você uma melancolia, ainda quando está contente. Era reconfortante não explicar para o outro que precisava estar sozinho, ou em silêncio. Sabíamos que estaríamos ali para os momentos em que o encontro fosse possível.

Ninguém além de você me conhece, Malu. Talvez por isso só você me questione assim. Eu fui o bom filho, o bom garoto, o bom aluno; eu sou o bom genro, o bom cunhado, o ótimo colega de trabalho, o excelente advogado, o melhor profissional. Só para você eu não sou bom o bastante. Pelo visto, em nada. Pior é que eu sei que já fui o melhor homem para você. Eu me lembro de você cantando para mim uma música do Kid Abelha, que dizia que eu fui o seu *melhor namorado* e a gente ria, porque eu tinha sido o único... Agora, ouvindo essa música no rádio, sinto vontade de chorar. Respiro fundo e me controlo para não passar vergonha no trânsito.

Você continua sendo a minha *melhor namorada*. Mesmo com todos os problemas, mesmo com essa falta de alegria que te abate.

Eu não podia esperar que você estivesse feliz, já são três longos anos cuidando da minha mãe. Eu seria ingrato se não admitisse que você tem se dedicado, interrompeu projetos e trabalhos. E que não tem sido fácil para você ser tolerante com os valores antiquados e as críticas que ela faz ao modo como você pensa, cuida da casa e de mim.

Mas casamento é assim, a gente não casa só com uma pessoa, casa com a família dela também. Estou com você, quero seguir com você. Depois que todo esse pesadelo passar, espero que a gente se reencontre para aliviar a nossa solidão.

Eu limpo direito, sim. Os azulejos, tanta água sanitária pra tirar as manchas. Mas tem coisa que nem adianta esfregar. Tem sujeira que não sai nunca, a senhora deve saber, D. Magnólia. Sabe tudo o que acontece nessa casa, mas é sonsa, nasceu treinada pra fazer essa cara de nada e nunca perder a elegância. Sua vaca! Eu vi que a senhora viu! Eu vi e senti um medo tão grande, senti o bucho derretendo de pavor, o grito preso na minha garganta.

“Daqui a pouco eu volto pra ver se você esfregou direito”, e a senhora saiu pra fazer sei lá o quê. Eu estava lá, agachada dentro da banheira, esfregando com força pra ver se saía aquela mancha. Devia ter algum produto de limpeza que podia ajudar, mas parecia que a mardita queria era que eu esfregasse até minha mão sangrar. Então seu Augusto moço entrou no banheiro e fechou a porta, já abrindo o zíper da calça. “Vem aqui não, seu Augusto, a cândida pode manchar seu terno”, eu ainda disse antes dele colocar o pau na minha boca. Arregalei os olhos no desespero que começou a tomar conta de mim, queria que aquilo acabasse logo, minha Nossa Senhora. Então engoli a porra tudo, uma vontade de vomitar, mas foi pior quando ouvi o barulho da porta, me tremi inteira, comecei a chorar. Seu Augusto fechou depressa a calça, ainda disfarçou e disse: “Então, Lurdes, ainda precisa esfregar mais”, e saiu. Eu não conseguia parar de chorar e a senhora ficou ali parada, não falava nem saía dali, olhando pra mim, aquela cara de nada, enquanto eu tentava enxugar o rosto, morrendo de medo e de vergonha.

Você diz que eu desisti muito fácil de te entender, mas a verdade é que nunca tentei entender mulher nenhuma, Malu. Não havia meninas na casa dos Menezes, Dona Magnólia se orgulhava de só ter dado ao velho Augusto filhos homens, e mesmo se houvesse, eu não conviveria com elas. Tiana era mulher, mas era minha madrinha, como uma mãe para mim, e a nossa mãe, mesmo, a gente nunca enxerga como mulher. Mãe é mãe, é como se não tivesse corpo nem sexo.

Também não convivi com primas nem vizinhas. Marisa era a única com quem eu conversava; ainda era meio menina, mas eu não tinha dúvida de que ela já era mulher, dois anos mais velha do que eu. Todo dia esperava o namorado na frente da escola, no fim da aula. “Ele não quer que eu ande sozinha de ônibus, à noite”, disse ela, na primeira vez em que perguntei para onde ela ia. Eu só queria conversar e me ofereci para ficar ali, esperando, para ela não ficar sozinha. Ela me olhou com carinho, agradeceu e sem graça, disse: “Obrigada, Beto, você é tão gentil, um cavalheiro. Mas o Márcio é meio ciumento, sabe? Melhor você ir embora”.

Nunca entendi o ciúme. Eu gostava da Marisa, sentia tesão por ela, mas tinha certeza de que um monte de homens (talvez todos da nossa turma) sentia a mesma coisa. Quando ela passava, eles demoravam os olhos nos seios fartos e na bunda dela. Não estava nem aí pra isso. Não sou de paixões, Malu, você sabe. Nessa época, eu era meio menino, mas um homem, mais prático e racional do que a maioria dos colegas da minha idade. Me lembro do dia que

Marisa apareceu na escola com uma aliança na mão direita. As meninas fizeram uma roda em torno dela, parecia que ela tinha evoluído para um ser superior. “Parabéns!”, foi o que eu disse quando ela me contou do noivado, mostrando o dedo com a aliança. “Márcio já queria casar. Falei pra ele que quero me formar antes, é muita coisa trabalhar, estudar e ainda cuidar de uma casa e de um marido, né?” Ela se calou por um instante, esperando algum comentário. Eu não disse nada, apenas continuei olhando para ela, ouvindo. “Ele quer que eu pare de trabalhar depois do casamento, Beto, mas vamos resolver isso, ah, eu vou conseguir convencer ele...” Falou, com um suspiro desanimado. Duvido que ela conseguiu. Como namorado, ele já a controlava “porque ele era meio ciumento”, então, por que mudaria depois de casados, quando ela fosse sua mulher?

Nunca sei o que fazer quando alguém começa a chorar na minha frente. Por isso eu evito determinados assuntos. Não sou o tipo consolador, você sabe. Cresci com gente que vivia a vida como ela é, sem lamentação. Não me lembro de ter visto minha mãe chorar. Nem quando Tiana morreu. Aquela ali é que era mulher forte.

Então não sei mesmo o que dizer quando você começa a chorar, Malu. Eu só ficava perplexo diante dos seus soluços e achava que ficar em silêncio e esperar você se acalmar era melhor. Confesso que chegou o momento em que eu perdi a paciência, fico de saco cheio quando você começa a falar as mesmas coisas. Eu já vi esse filme e conheço o final: você reclamando que eu não falo nada e eu sem saber como me desculpar por alguma coisa de errado que eu fiz, ou pior, que eu deixei de fazer, mas nem sei o que é.

Nunca imaginei que eu fosse pensar isso, mas essa conversa repetitiva era melhor do que a forma distante que se tornou nossa convivência. Seu silêncio é insuportável. Lembro como foi chocante a primeira vez que você se calou. A gente tentou transar, mas não

estávamos bem, foi uma merda. Eu já esperava que você começaria com suas reflexões e análises sobre o fato, mas você não fez isso: se levantou sem dizer nada, entrou no banheiro, voltou, se vestiu. Eu só acompanhava seus movimentos, esperando que você fosse dizer alguma coisa. Você saiu do quarto, sem dizer nada, sem sequer olhar para mim. Esperei um pouco porque achava que voltaria.

Depois de um tempo, me vesti também e desci as escadas. Não imaginava te encontrar sentada à mesa de jantar, colorindo um desenho. Você achava tão banal essa moda dos livros de colorir, mas acabou ganhando um. E depois de tanto falar mal deles, uma vez te flagrei contente, pintando. Mas, nesse dia, você estava séria. Fiquei te observando um bom tempo, até que perguntei se você não queria conversar. Não sou de me lembrar das palavras exatas que as pessoas falam, mas não vou esquecer o que você respondeu: “Para que falar daquilo que não estamos dispostos a resolver?”. Foi a resposta mais improvável vinda de você, que sempre queria conversar sobre tudo. Ali eu percebi que você tinha mudado, era o primeiro sinal de que a Malu que eu conhecia estava indo embora.

Tiana, eu juro, não queria nunca que tivesse sido assim. Eu juro por minha mãe mortinha. Já te disse que eu tava quieta, encolhida na cama, eu tinha ido dormir cedo porque tava doente, nem te ajudei a lavar os trens depois da janta e você reclamou. Tava todo mundo lá dentro ainda, só eu lá no fundo, no meu quartinho, tava todo mundo ainda no trabalho — a gente começava o batente cedo e terminava tarde, todo dia. Eu tava quase pegando no sono quando ouvi um barulho na porta. O quarto não tava tão escuro, a luz de fora entrava pela fresta da janela e aí eu vi um vulto. Fechei os olhos com força e fiz uma oração muda, pedindo pra ele ir embora. Quando eu abri o olho, ele tava em pé, do lado da minha cama. Levei um susto tão grande, queria gritar, me esgoelar, mas junto com a pouca saliva eu engoli a voz. Nunca consegui gritar, sabe?

Ele deitou e se encostou em mim. Meu medo foi crescendo quando eu ouvi o barulho dele abrindo a fivela do cinto. Afastei um pouco o corpo, o quanto a caminha estreita deixou. Ele se achegou mais e me abraçou por trás. “Lurdes, você sabe que eu gosto muito de você, não é?” Ele falou sussurrado, com a boca colada no meu ouvido, senti uma coisa estranha, um arrepio no corpo e mais vontade de gritar. “Lurdes, não conte a ninguém que eu estou aqui, certo? Vai ser um segredo nosso, tudo bem?” Ele parou de falar, mas eu sabia que ele não tava esperando uma resposta. Aquilo não era uma pergunta, era uma ordem, eu não sou burra, seu Augusto, nunca fui na escola, mas não sou burra. Comecei a chorar, as lágrimas escorrendo e eu quieta, dura, rezando para alguém chegar

ali de repente. Ele foi passando a mão nas minhas costas e senti ele puxando pra cima minha camisola, depois tirando minha calcinha. Eu tentei ficar com as pernas fechadas, mas ele não falou mais nada, só senti o negócio duro na minha bunda. Que vergonha, Tiana, nem sei como tenho coragem de te contar. Mas tô com medo, Tiana, medo de pegar filho. Ele enfiou na minha bunda e na hora doeu tanto que eu gritei, aí ele colocou a mão na minha boca: “Calma, Lurdes, não grita. Não vou te machucar, é só você relaxar que não dói e você vai gostar”. Continuou apertando minha boca para eu não deixar escapar um pio. Uma hora começou a gemer e eu senti uma coisa escorrendo em mim. Só então ele tirou o negócio de mim, e tirou a mão da minha boca. Se limpou na minha coberta, fechou o cinto e se achegou de novo, e disse na minha orelha: “Lurdes, não pode contar pra ninguém. Pra ninguém, entendeu? É o nosso segredo”.

Só quando senti que eu tava de novo sozinha, é que tive coragem de me mexer. Acendi a luz com pressa, eu esperava que meu corpo tivesse cheio de sangue, de tanta dor que eu sentia. Passei a mão na pele molhada, mas nada de sangue, só aquela gosma meio branca. Apaguei a luz. Me encolhi de novo. E chorei muito, mais do que quando minha mãe morreu.

Difícil acreditar que justo esse quarto hospeda a morte — a mais cruel, a que visita de passagem, mas não leva quem veio buscar, deixando-se temer e desejar na tortura dos dias. Difícil crer que justo nesse quarto, o que tem a vista mais bonita, a das árvores da praça e uma cruz distante no morro acima, instalou-se a agonia. Difícil lembrar que justo esse, o mais ensolarado, deveria ser o quarto que celebraria a vida, em que velaríamos o sono das crianças, e não um cadáver adiado; onde se guardariam fraldas, mas não geriátricas; onde se espalhariam brinquedos e risos, nunca medicamentos, paliativos da dor infinita.

Da dor desse mundo, cada um tem seu quinhão, digo, depois de longa pausa. Você concorda comigo, apenas movendo levemente a cabeça, olha para mim com espanto. Imóveis no sofá há minutos, olhamos a tevê sem vê-la.

Há pouco voltamos do hospital. O dia se arrastou como tantos outros, eu com um livro nas mãos sem mover uma página por horas. Estas escorriam lentas em uma luz alaranjada, que entrava pelas persianas semiabertas. Estava bonito o dia. A enfermeira entrou para limpar a sonda. Eu me levantei para o caso dela precisar de ajuda, como sempre fazia, menos por generosidade do que para ver os minutos passarem mais depressa em alguma atividade. A enfermeira também mexeu na agulha presa no braço, por onde tua mãe recebia a medicação. Estranhamente, Dona

Lurdes abriu os olhos, contrariada, eu pude ver pela contorção de seu rosto, embora não sentisse dor nem sequer o toque da enfermeira.

A enfermeira saiu, e ela voltou a dormir um sono inquieto. Continuei em pé, a seu lado, olhando os membros inertes sobre a cama, aquele corpo ainda quente em sua imobilidade quase cadavérica, com a cabeça ainda insistindo em pensar; a mente confusa, mas intuindo cada dia inútil, cada minuto de impotência. E em mim uma dor violenta subiu do peito à garganta, num soluço mudo para que ela não acordasse, ao pensamento de que qualquer dor física deveria ser melhor do que aquela ausência dos sentidos, Hades sempre tão mais assustador em seu nada do que o inferno com todas as suas labaredas e suplícios.

Dolorosa demais a consciente ausência da dor física, uma cota larga, eu incapaz de julgar se merecida, que não é a lei da justiça que distribui a dor pelas gentes. E ninguém escapa, porque *eis sucumbe a Natureza escrava ao mal, que a vida em sua origem dana.*

O que o senhor tá fazendo aqui, seu Augusto? Não, seu Augusto, eles podem acordar. Melhor ir embora, me deixa aqui, hoje tá frio, por favor, não tire minha coberta nem minha roupa. Por favor, seu Augusto, vá-se embora, me deixa em paz... Por que eu tô chorando? Ah, não se faça de besta! O senhor prometeu que não ia me machucar. Mas dói. Dói todo dia. Toda hora. E se nada disso tivesse acontecido, ah minha Nossa Senhora, e se... se eu tivesse fugido? Da primeira vez? E se eu tivesse gritado quando o senhor enfiou o dedo entre as minhas pernas? Ah, se eu soubesse gritar, o que ia acontecer? Eu ia ser jogada na rua e outro qualquer ia me pegar à força? Eu ia virar uma puta, num lugar qualquer? Duvido que eu ia encontrar um moço bom, confiar, casar... Amor é luxo demais pra uma pessoa como eu!

Vai embora, seu Augusto, os outros vão escutar, os quartos dos empregados é tudo pequeno e colado um no outro. Antes do senhor chegar eu já me encolho embaixo das cobertas, quem sabe assim o senhor não me vê e vai embora. Antes do senhor entrar eu já tremo, antes do senhor tirar minha coberta e minha roupa, não é só frio, é medo, medo do senhor entrar no quarto e fazer essas coisas. E eu sei que vou pro inferno, ah, valei-me, minha mãe, minha Nossa Senhora de Lourdes! Por que eu sinto essas coisas? Esse medo, esse nojo, esse calor, esse comichão nas partes, meu coração batendo ali embaixo, é tudo horrível. Por que eu tô chorando, seu Augusto? Aqui pelo menos eu posso, é só pôr a cara embaixo da coberta, ninguém vai ouvir, ninguém vai saber. Mas eu não consigo me

mexer. Queria gritar, fugir, morrer... É pecado querer isso, eu sei, é pecado! Nossa Senhora de Lourdes, minha madrinha, valei-me, eu sou uma mulher perdida, nem a senhora vai me defender no inferno, eu sei, eu não defendi minha pureza, mãe. Estou no inferno de qualquer jeito, e o Diabo nunca se farta.

Arre, não consigo enxugar esse choro. Meus braços não levantam, não sei por quê. Não consigo, quero levantar e o corpo não vai. Quero falar e a língua não obedece. O que tá acontecendo? Como é que vou passar a roupa assim? Por que que eu tô chorando, dona? Toda de branco assim, só pode ser doutora. Eu tô no hospital, eu sei, me trouxeram pro hospital, quando viram aquela água no chão, Tiana disse: sua bolsa estourou, valha-me Deus, vai nascer. Cadê meu filho? Não tô sentindo nada, dona, nem parece que aquele menino enorme saiu de mim, me rasgando por dentro, me fazendo pagar todos os meus pecados, minha Nossa Senhora... Por que eu tô chorando? Ah, a senhora é tão boa, a senhora parece é um anjo, enxugando meu choro assim. Eu morri? Deus me perdoou, eu morri? Ah, meu Pai, misericórdia, até que enfim. Não, não quero, Seu Augusto, vá-se embora. Vai pro inferno, seu Augusto, agora não moro mais aí, nessa casa maldita, agora vou pro céu, minha Nossa Senhora de Lourdes, minha madrinha vai me levar... ela já tá aqui de branco pra me levar... esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei advogada nossa a vós suspiramos gemendo e chorando nesse vale de lágrimas mãe de misericórdia para que sejamos dignos das promessas de Cristo eu que não sou digna de que entreis em minha morada eu que não sou digna mas dissei nesse vale de lágrimas uma palavra esperança nossa, salve os degredados filhos de Eva nesse vale de lágrimas gemendo e depois desse desterro perdoai-nos e livrai-nos do fogo do inferno levai as almas todas lavai as almas todas de branco para me levar vá-se embora seu Augusto o senhor pôs o demônio no meio das minhas

pernas, ele pôs no meio das minhas pernas vá-se embora seu Augusto tá ficando escuro tá ficando tudo muito escuro.

FUNERÁRIA PAZ E BEM

Serviço de Plantão de Óbitos da Comarca de São Paulo – SP

Conforme Portaria 08/2003

Guia de Sepultamento n.º 4599393

Declaração de óbito n.º 390020

Aos vinte e cinco de agosto de dois mil e dezenove, neste Serviço de Plantão de Óbitos da Comarca de São Paulo, Estado de São Paulo, compareceu: Alberto Carlos da Silva (filho do “de cujus”), brasileiro, RG 30.973.021-90, casado, advogado, residente e domiciliado à Rua Paulo Araújo Novaes, 15, Parque América, São Paulo, portando atestado de óbito firmado pelo Dr. Márcio Duarte de Souza Lima, CRM 40921/SP, no qual consta que aos vinte e quatro de agosto de dois mil e dezenove, às 22:30 horas, no Hospital Beneficência Portuguesa de São Paulo, causa mortis acidente vascular cerebral hemorrágico, faleceu Lurdes Maria da Silva, nascida aos 13 de junho de 1955, do sexo feminino, de cor parda, profissão empregada doméstica, solteira, natural de Ituverava, estado de São Paulo, com 64 anos de idade, residente e domiciliada à rua Rua Paulo Araújo Novaes, 15,

Parque América, São Paulo, filha de Ana Francisca da Silva e pai desconhecido. O sepultamento será no Cemitério Parque dos Girassóis. Deixa o filho Alberto Carlos da Silva. Não deixa testamento nem bens a inventariar. Não era eleitora. Documentos apresentados: RG 7.085.127-1; CPF 012.594.302-80.

Obs: nada mais.

Lido e achado conforme, assina o declarante. A competência e lavradura do assento do óbito é do Cartório Oficial De Registro Civil Das Pessoas Naturais — Liberdade, São Paulo. Eu, Marcelo Braga dos Santos, RG 30.685.938-8, redigi e conferi.

Declaração de óbito. “Sim, daqui a gente já agiliza e envia direto para o cartório.” Curioso precisarmos de uma certidão quando nascemos e de outra quando morremos. E no meio dessas duas pontas da vida, uma quando nos casamos.

“Caixão, não, senhora, não se diz mais assim, é urna.” Que assim seja, então (malabarismos linguísticos não enganam a morte, meu senhor). “Vocês vão querer o embalsamento do corpo? O plano funerário de vocês não cobre, são três mil reais e eu só aceito pagamento em dinheiro.”

Mas, meu senhor...

“Veja bem, eu aconselho a fazer, viu! Ela tá muito inchada, e aí o líquido vai começar a sair do corpo no meio do velório, pode até feder, e vocês vão ter que fechar a urna” — descrição bem crua para quem estava preocupado com o uso da palavra caixão, que é muito forte.

Mas a gente...

“Vocês querem ver o corpo? Entra lá...”

Não! Nós estávamos com ela no instante em que ela morreu, sabemos do estado do corpo. Se você não me interromper de novo, eu só quero dizer que são duas da manhã e não tem caixa eletrônico que permita o saque de três mil reais a essa hora. E que ninguém normalmente anda com uma quantia dessas na bolsa!

“Ah...” — olhar de espanto — “pois é... aí é problema, minha senhora, eu só aceito em dinheiro porque...” — dedos nervosos coçando a cabeça. — “Tá bom, eu aceito um cheque! Só que põe o

telefone atrás, tá bom?” Como se ele pudesse saber se o número de telefone que anoto é meu, quiçá se é verdadeiro. “E não cruza nem coloca nominal, tá bom?”

Eu não tenho mais forças para explicar para esse cidadão que, nesse momento da história, depois da invenção dos cartões de crédito, também não andamos com cheques na bolsa. Sorte que você está aqui, Beto, e me surpreendo com a sua calma. Você negocia com ele, convence-o de que voltará amanhã com a quantia que ele pede — como se não fosse a sua mãe que tivesse acabado de morrer.

“Pode deixar que ela vai ficar bem bonitinha na urna, vocês vão ver”.

Diante de nossos olhares perplexos, seu sorriso cordial vai se desfazendo e ele nos acompanha até a porta da funerária. Respiro fundo o ar da madrugada, tentando não pensar, tentando tirar da mente os acontecimentos do dia, sentindo o cansaço dos trâmites burocráticos da liberação do corpo. Você disse que eu podia ir para casa, Beto. Mas não quero te deixar sozinho neste momento, de jeito nenhum.

Em minhas mãos, a declaração de óbito. Como um passaporte, ou uma passagem só de ida para um lugar muito distante, nunca almejado.

A mão da morte é suave aos que morrem de repente, ainda que em situações trágicas — o portão é único e o voo, direto. A mão da morte é bruta para aqueles que ela não leva, para os que permanecem com pesadas bagagens e passagens sem datas definidas, a olhar o lugar vazio daqueles que tiveram a audácia de partir antes e deixá-los sozinhos com todas as sacolas, malas e baús que, com o passar dos dias, semanas, anos e décadas, ganham mais

peso. A mão da morte é também bruta com aqueles que ela não leva de uma vez, mas que atravessam muitos portões de inumeráveis hospitais e casas de repouso; uma mão cruel que espeta, raspa e corta em mil procedimentos clínicos e cirúrgicos; que entrega comprimidos que podem aliviar momentaneamente a dor, mas não o cansaço imenso da sobrevida que nunca finda, Sísifo a eternamente subir com suas pedras a montanha da medicina.

Ao entrar em seu quarto, sinto mais que o cheiro da velhice — eu aspiro incontáveis medicamentos, banhos de leito, refeições à boca, soro gotejando lento como a dizer que a vida e o tempo ficaram lá fora, ali não havia mais um nem outro, que me conformasse, enfim. Eu hesito em entrar aqui para não sentir esse odor da morte que ensaia, com a desculpa de que não há nada a se lamentar. Ela descansou, dizem sem criatividade as pessoas que me abraçam. Ela descansou e eu também preciso descansar — era tudo o que eu conseguia repetir para mim mesma, sendo abraçada em silêncio, sem mover meus braços em direção a ninguém.

Um velório sem choro. “Para essa choradeira e escuta, meu filho! Tá ouvindo? É a vida te dizendo: engole o choro!” Mas aqui não preciso engolir, mãe. Não sinto vontade de chorar e isso parece errado. No hospital, o médico me pediu para sair do quarto, para desligar os aparelhos. Eu não quis. Eu disse: pode desligar. Você também quis ficar, Malu, pegou minha mão e segurou forte. O médico olhou o relógio, anotou na prancheta a hora do óbito. “Sinto muito!”, foi o que ele disse olhando para nós, sem parecer que sentia qualquer coisa. Você me abraçou e disse: “Pode chorar, Beto! Não se faça de forte, não agora”. E você chorou, me abraçando forte. Eu só dei um soluço seco.

Nem sei o que senti, que alívio você não me pedir para falar nada. Parece que fiquei noites em claro. Estou lerdo, alheio; ainda bem que não é preciso prestar atenção, todos dizem as mesmas coisas: “meus sentimentos”, “meus pêsames”, “ela descansou”... A única variação foi: “Deus sabe o que faz”, que o Dr. Augusto disse antes de ir embora. Foi a única fala que fiquei com vontade de responder. Sabe mesmo, Dr. Augusto? Foi ele quem pôs minha mãe trabalhando na sua casa de domingo a domingo? Que Deus irônico é esse que fez com que ela ficasse velha e doente sem direito à aposentadoria.

Esses pensamentos vieram com a constatação da banalidade dessas frases feitas. Eu não sentia revolta, nem raiva, nem tristeza, nem nada. Era como se tivesse tomado um anestésico ou um sonífero e, como efeito, ficado lerdo. Você também parecia assim,

Malu. Olhava para o caixão e para mim, o rosto exausto, se deixava abraçar pelas pessoas, apática.

Quase ninguém aqui veio se despedir de você, mãe. São amigos da Malu e meus colegas de trabalho. D. Magnólia não veio. Só três pessoas que te conheciam: Antônio, Dr. Augusto e Eliana, sua cuidadora no último ano. Há tantos anos não via Antônio, está tão envelhecido. Não digo que foi surpresa para mim o Dr. Augusto ter vindo, todos da empresa vieram — acho que isso te faria feliz, mãe. Você sempre quis tanto que eu fosse doutor, bem-sucedido. Pode se orgulhar, mãe, sou um dos melhores advogados tributaristas do Brasil. Todo mundo aqui me respeita. Até o Dr. Augusto. Mas isso não explica por que ele ficou te olhando no caixão um bom tempo. Não me lembro de ele ter feito isso no velório de Tiana ou de qualquer outro empregado falecido. Ficou sem graça quando percebeu que eu olhava para ele, veio até mim, me abraçou — o que seria estranho, mas não naquele dia, pois todos me abraçavam — e disse: “Meus sentimentos, Alberto. Sua mãe era uma mulher honesta e trabalhadora. Eu e minha família somos muito gratos pela dedicação dela no cuidado da nossa casa, por toda uma vida”.

Palavras formais, nada inesperado para uma fala de condolências, mas estranhei o tom hesitante e aparentemente triste. Todas aquelas histórias absurdas que você repetia naquela falação delirante dos últimos tempos me vêm à cabeça, inclusive sua voz o chamando de “mardito”.

Despedidas são precárias. É o que penso durante o velório, enquanto te vejo ao lado do caixão de tua mãe. Ela morria já há muito, então você pensava que era tempo suficiente para se despedir. Nunca é. Há sempre um gesto ou palavra pendente quando julgamos que amanhã, na semana seguinte, no próximo aniversário, em qualquer próximo em que nos encontremos, retomaremos o fio da narrativa, diremos o importante que fica soterrado na banalidade das conversas. Só quando o fio se parte — Átropos ágil com sua inexorável tesoura — é que queremos reatá-lo a qualquer custo, recuperar as horas que não compartilhamos, dizer às claras as mágoas e o amor que nos marca mais que ferro em brasa. Não há meios, e se iludem os que pensam que se despedem, segurando as mãos e beijando a fronte fria daqueles que não mais carecem de beijos.

Só eu sei que teu olhar demorado sobre o corpo de tua mãe é um monólogo — diz a ela tantas coisas que você não foi capaz de falar. Sei que nem sua morte lenta te proporcionou a chance de dialogar — afinal, você agia como se ela não estivesse ali. Não que tenha sido um filho desnaturado, longe disso. As palavras do padre são claras: “filho único e exemplar, cuidou da mãe até o último minuto”. O que poucos sabem é que cuidava sem cuidar. Que você e sua mãe eram solitários convictos. A imobilidade dela, seguida pelo silêncio, não te afetou tanto. Você via sua mãe todos os dias, mas se mantinha longe ao lado, como em toda a vida. As palavras eram raras entre vocês. Aposto que nunca perguntou sobre teu pai.

Provavelmente, ela sentia-se grata por isso e, ao longo da vida, manteve as palavras e as emoções reprimidas, era preciso evitar uma intimidade que trouxesse perguntas, às quais se sucederiam confissões inconvenientes. Era melhor manter tudo às escuras. A claridade pode ser insuportável aos olhos. Até o momento em que a demência soltou sua língua, desfez todo e qualquer filtro inibitório, e as palavras todas vieram aos borbotões — só não podemos a essa altura saber quais delas carregavam verdades. Você nem se deu ao trabalho de duvidar.

Sua mãe vestia uma viuvez que lhe caía tão bem, tanto que prescindia o casamento. O amor teria morrido antes de florescer e lhe dar a suculência do fruto? Poderia dizer, olhando-a no caixão, que agora ela não mais poderia nos contar, mas sabemos que antes disso o alívio da palavra já lhe tinha sido roubado, e ela morreu sem se confessar. Uma viúva sem núpcias. Sinto ser a melhor descrição que jamais fiz de Dona Lurdes — e nunca tinha pensado que seu nome também a descrevia perfeitamente, não pelo que ela gostava de relatar — que se chamava assim pela grande devoção de sua mãe à Nossa Senhora de Lourdes —, mas pelo peso que carregava na alma, que nem a morte parece aliviar. A cada um que me repete os clichês “Ela finalmente descansou” e “Ela está em paz”, eu tenho vontade de dizer: “Acha mesmo? Olha a expressão dela no caixão: parece que ela está descansando?”. Vejo o mesmo peso, o rosto levemente contraído de desgosto, o silêncio em seu luto sem começo. Teria saído do ventre assim — uma menina enlutada? Mas eu nada respondo; a princípio, agradeço; depois, apenas movo a cabeça num gesto lacônico que eles podem interpretar como concordância, mas que para mim é apenas o enfado por ouvir a repetição de ideias sem sentido.

Ainda bem que você se lembrou de chamar um padre, Malu. Eu só me liguei nesse detalhe quando vi o homem entrando aqui de batina e Bíblia na mão. Nunca me senti tão esquecido na minha vida. Logo eu, tão pragmático e organizado. Mas como não ligo para essas coisas de religião, não ia me lembrar mesmo. Você me diz que fez isso por Dona Lurdes, que ela teria gostado que fosse assim.

Mal escuto o que o padre fala, o silêncio entre as poucas pessoas presentes fala mais alto. Ouço palavras ou frases esparsas e me perco nelas. “Filho exemplar” e “último minuto”, por exemplo. Discurso padrão. Ele realmente acha que isso vai confortar alguém? Se fosse eu que estivesse no caixão, ele só substituiria a palavra “filho” por “esposa”, falando para você, ou por “mãe”, se falasse para Dona Lurdes. Mas o “exemplar” continuaria ali. O que esse cara sabe sobre o exemplo de filho que fui? Para qual exemplo de mãe?

Importa, mãe, seu último minuto? Foi mais importante que o primeiro, ou qualquer instante no curso infeliz da sua vida? Embora tenha te visto sorrindo algumas vezes, acho que nunca te vi feliz. Nem agora a senhora parece em paz, sua expressão no caixão não mente. Se a Bíblia estiver certa, se “felizes são os desafortunados, os pobres, porque deles é o Reino dos Céus”, acho que Deus te sacaneou. A senhora, que era tão amiga dele, que rezava todo dia pedindo perdão de não sei o quê e dizia que a gente tem sempre que agradecer. Uma pessoa do trabalho que nem te conhecia me

disse: “Ela cumpriu sua missão”. De onde as pessoas tiram essas bobagens? Que missão? A de passar a vida esfregando privadas, lavando roupas, limpando do assoalho ao teto até ficar gasta como aqueles panos de chão que depois Dona Magnólia jogava no lixo?

Não consigo parar de te olhar, com uma sensação que não sei definir. Sinto falta de ter te olhado mais. A senhora também não olhava muito para mim, então me acostumei. Talvez meu raciocínio tenha sido: se eu não olhasse para a senhora, não ia perceber que a senhora não olhava para mim. Mentira, nunca parei para pensar nisso. Só segui a vida. Não sei se teria sido diferente se eu tivesse te olhado mais, chamado sua atenção, pedido seu olhar, seu carinho.

De repente meu nome soa como um chamado, não é sua voz, mãe, não estou a ponto de delirar. Levanto os olhos do caixão e todos me olham, inclusive o padre. Entendo que ele me chamou, e então olho para ele, que me diz: “Alberto, tenha fé, meu filho! Sua mãe partiu para a paz de Jesus e Nossa Senhora de Lourdes, a quem ela era consagrada, mas Deus, em sua misericórdia, nunca nos deixa órfãos! Oremos”. Ele faz a oração final. Já vejo os homens do cemitério entrando sem cerimônia e pegando a tampa do caixão. Um deles olha o relógio. Eles devem estar ansiosos para fazer logo o enterro e sair para o almoço. Como um carteiro que quisesse entregar logo as correspondências e ficar com a bolsa leve. Como um juiz sem paciência para a apelação das partes, ansioso por ditar o veredito, bater o martelo, ir para casa, abrir uma cerveja e assistir a uma partida de futebol.

Então termino nossa última conversa muda, mãe. Talvez eu tivesse muito ainda o que dizer, mas isso não importa mais. Será que a senhora disse o que precisava, no meio daquele falatório delirante, antes de perder até as palavras? Também não importa mais, assim como não importa quantas pessoas veem seu corpo descendo na cova, nem que os coveiros assobiam ao jogar as

primeiras pás de terra sobre seu caixão.

Eu não precisava arrumar as coisas dela, você disse, mais de uma vez. Mas quero fazer essa gentileza. Ou talvez seja mesmo um pretexto para que eu me despeça dela. Foram tantas horas, dias, meses ouvindo-a falar sem parar, até sua respiração ficar ofegante e ter acessos de tosse que quase a sufocavam. E tantos pensamentos lamentáveis de por que não era aquele o último? Não lhe queria mal, compreenda, Alberto — só queria que ambas descansássemos. Que ela pudesse completar sua morte para que eu completasse minha vida. Precisávamos sair daquele limbo.

Vou ajeitando as roupas, cuidadosamente, como se Dona Lurdes ainda estivesse aqui para reclamar que eu não sei dobrá-las e por isso ficam amassadas como se guardadas em garrafas. Exigente, sua mãe. Em cada gaveta um sachê, para deixar as roupas cheirosas. Era necessário também limpar os armários e gavetas com frequência — Dona Lurdes via sujeira em todos os lugares, detestava um “bodum” (era assim que ela chamava qualquer cheiro que considerasse ruim) e queria tomar vários banhos por dia. Eu sempre estranhei esse temor ao imundo, essa busca incansável pela limpeza. Um dia te contei, mas você disse que ela sempre tinha sido assim, que só tinha piorado com a demência, mas que não havia nada de errado com isso, que asseio é virtude e nunca é demais.

Dobro com cuidado a última peça e insiro carinhosamente na mala sobre a cama. Agora a senhora pode partir, Dona Lurdes. Sua bagagem está pronta, falta só despachá-la para a senhora seguir um caminho diferente do meu. E para que eu também possa arrumar a

minha bagagem. Daqui para a frente, só quero carregar a minha, meu próprio peso já me é quase insuportável. Queria uma bagagem com poucas coisas, seletas memórias, nenhuma mágoa, assim seria leve, leve.

Mas um lindo título de romance, lindo de poder fingir-se verso, já diz sobre *a insustentável leveza do ser*.

Armários esvaziados, abertas todas as portas e janelas, o odor da morte ainda se faz perceptível entre uma gaveta e outra. Foram tantas as noites em que lentamente ele se instalou aqui, a cada uma delas eu perdia um pouco mais a esperança de que um dia ela morresse, parecia que Deus lhe teria negado a benesse do fim, nos teria lançado a um torturante vir a ser, um eterno purgatório de espera. Nós, que nunca nos amamos, Dona Lurdes, mas nutríamos uma admiração pela nossa inteireza, nossa gana em discordar, na sempre precária aceitação nervosa das absurdas ideias da outra. Quando veio o segundo AVC e a senhora perdeu a fala, não mais a ouvi contar de novo e de novo as mesmas histórias terríveis nem discordar de mim. Eu lamentei, acredite, que a senhora não pudesse mais dizer tudo o que fervilhava na sua cabeça — sei que ela fervilhava, eu podia sentir nos seus olhos ansiosos. Antes, sentada a esperar qualquer coisa, a senhora balançava as pernas e movimentava compulsivamente os pés, batendo-os no chão, o que eu considerava bem irritante. Mas então sua imobilidade me parecia tanto pior, às vezes, eu podia, em meu desespero, quase ansiar por ouvir aquela batida dos seus pés no chão. A senhora nunca foi calma como dizia ser e se acrescenta a esse nervosismo a pressão de escondê-lo. Foi por isso que a senhora implodiu, Dona Lurdes, por que não se permitia explodir?

Sua bagagem já está pronta. Por que ainda sinto sua presença

nessa casa? Por que ainda me lembro do dia em que eu disse ao Alberto: “A gente precisa tomar uma decisão, acho melhor desligar os aparelhos”? Eu disse muito baixo, quase engolindo as palavras, com medo de que a senhora voltasse do coma e me acusasse de estar te matando. O olhar de Alberto foi tão doloroso: “Que assim seja, então...”, disse ele, e se levantou para procurar o médico responsável. Eu fiquei ali, olhando a senhora nas suas últimas horas de vida, embora pareça sarcasmo chamar aquilo de vida. Vi seu rosto contraído, passei os dedos por sua pele inexpressiva e soube que a senhora me agradeceria, se pudesse. E que faria o mesmo por mim, por nossa controversa mútua admiração. Sei que a senhora me ajudaria a terminar de morrer, Dona Lurdes, porque a senhora também era do tipo que preferia o inferno a esse estado de latência, essa espera enlouquecedora. Então nos perdoemos mutuamente por tudo, inclusive por não termos sido mais sinceras quanto à nossa falta de amor recíproco, por termos fingido gostar uma da outra, por fingir que não sabíamos. Tudo agora são cinzas que não se tornarão pássaro.

Falei pra Malu que ela não precisava arrumar as suas coisas, mãe. Mas vi que ela já começou. As malas estão em cima da cama; sobre uma delas, seu atestado de óbito, que não deveria estar aqui, não sei por que ela colocou. Estranho ler o documento. A medicina traduz em termos incomuns a única experiência comum a todos os seres humanos. “Lurdes Aparecida da Silva, 64 anos. *Causa mortis*: acidente vascular cerebral hemorrágico”. Não sinto nada, só um vazio um pouco mais profundo que o vazio de sempre. Duas malas sobre a cama, Malu já ajeitou tudo; mesmo assim, abro as portas dos armários, para conferir se resta algo. Não esperava abraçar uma peça de roupa esquecida, mas fico emocionado com um objeto. É uma caixa de madeira que te acompanhou a vida toda, mãe, eu lembro, você dizia que era a única herança que minha avó te deixou.

Como é estranho abrir essa caixa e ver ali o que você considerou um tesouro a ser guardado. Uma foto da sua mãe quando jovem. Não há fotos do meu avô. Estranho como a senhora nunca falava dele. Uma vez perguntei e a senhora só disse um lacônico “sumiu no mundo”. Aprendi contigo a lição de dizer frases genéricas para encerrar um assunto. Tem uma foto sua, ainda menina, olhos assustados, com a vó e a Tiana, acho que em Aparecida do Norte. Todas sérias em foto posada, um biombo com uma Nossa Senhora e a basílica atrás. Nenhuma carta, respiro aliviado. Sempre soube que a senhora não era de segredos, Dona Lurdes.

Apenas uma foto minha de quando eu era menino. Do dia do

batizado, Tiana com seu tronco farto e “braços de biscoiteira”, como ela dizia, segurando um bebê com roupas brancas. É minha única foto de infância, além das 3x4 que tirávamos para as carteirinhas escolares. Não tem nenhum objeto meu: nenhuma manta, roupinha, brinquedo — coisas que as mães guardam de lembrança de seus bebês, que crescem depressa demais.

O porta-retrato. Eu me lembro bem do dia em que vi essa foto pela primeira vez, eu devia ter uns dez anos. Eu tinha vontade de saber sobre o meu pai, você nunca falava sobre ele, e eu tinha vergonha de perguntar. Já entendia que tinha sido abandonado. Que a senhora tinha sido abandonada. Isso me doía. Nunca fui de pensar muito, a vida é o que é, não dá para escolher no cardápio e prever a hora da entrega.

Perguntei para Tiana, ela ficou séria e se calou — coisa rara, ela sempre tinha alguma coisa na ponta da língua para dizer, até quando a gente queria silêncio. Então ela me disse, como quem escolhia as palavras: “Olha, Beto, eu não sei de nada. É melhor você perguntar isso pra sua mãe”. Fiquei na mesma, eu não teria coragem de perguntar. Acabei encontrando esse porta-retrato numa gaveta, a senhora não me escondeu mais, contou quem era meu pai. Um homem casado que se aproveitou de uma menina. Não vou esquecer sua cabeça baixa, as poucas palavras saindo com esforço, a senhora envergonhada, pedindo perdão. Não era ele quem deveria pedir perdão? Ele que te seduziu e te abandonou com um filho! Mas eu não pensava assim, ainda era uma criança, senti tristeza de te ver daquele jeito e de não ter pai. Já adolescente, eu sentia raiva dele; hoje não sinto mais nada.

Só não entendo por que você guardou essa foto. Não posso acreditar que a senhora amava esse homem. Não consigo imaginar a senhora apaixonada, mãe. Talvez eu não te conhecesse. Agora, vendo esse porta-retrato, me pergunto o que fazer com ele. Colocar

numa estante como se esse homem fosse um ente querido? Nem pela sua memória, mãe, nem se você tivesse me pedido antes de morrer... Guardar, como se esse estranho significasse alguma coisa? Ele sempre significou pela ausência. Nunca chamei ninguém de pai e não é agora que vou chamar assim um homem numa foto.

Decido simplesmente jogar no lixo. Antes, vou rasgar a foto. Ela está meio colada no vidro empoeirado. Abro os pinos enferrujados no verso do porta-retrato. Encontro uma dedicatória: *Para Teresa, com amor. José Francisco, 20.07.65*

Claro que me doeu quando você disse que queria ir embora sem olhar para trás. “Mas você não expressou qualquer objeção, quase abriu a porta para eu ir embora”. Isso não é verdade, meu bem... Que eu não fiz objeção, sim, é verdade, mas também não te incentivei. Só disse que, se era essa a sua vontade, devia ir. Simples assim.

Quem vê cara não vê coração, Malu. Claro que eu sofri. Mas quem sou eu para te impedir de fazer o que quer? Eu simplesmente detesto quando alguém me diz o que eu tenho que fazer da minha vida, então, tem cabimento eu fazer isso com os outros? Quero que fique, mas você tem que querer. E não adianta ficar nessa casa pensando no que deixou de viver, frustrada porque eu não posso te dar o que você espera. Você diz que a minha reação foi de indiferença, agora eu entendo. Eu não expressei o que eu senti. Sempre prezei sua liberdade, não te obriguei a satisfazer minhas vontades. Parece que não se lembra disso. Ou talvez sua dor tomou tanto espaço que te cegou para enxergar o resto. Lamento, só quero que seja feliz, Malu.

Você espera que eu te diga coisas, mas não consegue ler meus gestos. Apesar de não compartilharmos mais a mesma cama, o

mesmo quarto, você continua sendo minha mulher. Por isso ainda uso aliança. Percebi quando tirou a sua. “Sei que nem deve ter percebido, mas não uso mais aliança. Por que não tira a sua? Não faz o menor sentido você continuar usando”. Por que acha que sabe o que eu percebo ou não percebo? O que eu sinto ou deixo de sentir? Porque ainda somos casados, você ainda é minha mulher, respondi. Você interpretou isso apenas no aspecto jurídico, disse que não era necessário usar a aliança até sair o divórcio; que, como advogado, eu sabia que seria rápido, já que era consensual. Não era disso que eu estava falando, Malu. Mas diante do que você disse, perdi a vontade de explicar.

Quem é Teresa, mãe? Quem daria uma foto para uma amante dedicada à outra mulher? Mesmo o mais cafajeste dos homens não faria isso. Não sei o que pensar, parece que tudo ficou branco na minha cabeça.

Quem é Lurdes? Talvez essa seja a pergunta certa. Somos velhos desconhecidos, essa é a verdade. Olho a sua lápide e reconheço seu nome, sua foto, mas não sei quem você foi. E como minha vida não é um filme, não vou encontrar um diário nem cartas que expliquem nada. Você viveu a vida sem rastro dos insignificantes.

Por que eu fico aqui, olhando a sua lápide? Não há mistério que possa ser revelado nesse pedaço de concreto. Embaixo da terra, só há vermes e um corpo em decomposição, então não estou mais nem menos sozinho do que sempre estive. Olho o túmulo ao lado. Enterro recente, coroas frescas. “Saudade eterna da esposa, filhos e netos”. Quanto exagero. Até parece que existe algo eterno. Existe sempre? Não, não existe. Mas existe o nunca.

Sou o filho de uma mãe que não nasceu. Ouvi uma vez uma colega de trabalho dizer que, no parto, não é só uma criança que

nasce, uma mãe também nasce. Nunca te ouvi falar do parto, era como se eu não tivesse nascido, mas existisse desde sempre. Ou não existisse, mais provável. Nunca te ouvi comparar sua vida antes de eu nascer com sua vida depois da minha chegada. Casos engraçados da minha infância, um elogio, um abraço inesperado, nunca...

Se sou o filho de uma mãe que nunca nasceu, por que me sinto órfão? Talvez eu tenha sido sempre órfão. Eu era um órfão de mãe viva? Ou talvez a senhora tenha morrido antes de eu ter nascido, mãe? A minha sensação, com a tua morte, não é o do torturante “nunca mais” que acompanha a maioria dos lutos, é o do “sempre nunca”...

Tudo isso me soa muito confuso, nunca fui homem de muitas palavras, mas agora sou eu que me pego num delírio, sem ter passado por um AVC, sem diagnóstico de demência, sem efeito de medicação. As palavras vêm, não consigo parar de pensar. Mas não consigo falar.

As malas se enchem rapidamente. Não, não é fácil colocar nelas toda uma vida, *se na desordem do armário embutido, teu paletó enlaça meu vestido, e meu sapato ainda pisa no teu*. Tento em vão calar a memória e escolher as peças que vou levar. Aquela echarpe ainda se move ao vento de uma tarde de outono e de risos em Campos do Jordão. Uma saia escorrega do cabide (ou das minhas pernas?) ainda com o movimento ágil dos teus dedos desejosos. Uma jaqueta ainda enlaça meus braços na saída de um cinema qualquer, numa noite qualquer, em que a felicidade era tão fina e delicada quanto a garoa que se espalhava pela cidade.

Nos últimos anos, fiz malas algumas vezes. Você acompanhava impassível a arrumação das roupas sem que teus olhos denunciassem nenhuma dúvida sobre meu retorno. Nenhum resquício de revolta pela minha partida, nenhum desejo irrefreável de que eu ficasse. Assim também foi com a primeira vez que fiz a mala depois da morte de tua mãe. Você não disse qualquer palavra para me dissuadir. Não fez qualquer gesto para me impedir. A mala ficou pronta, por dois dias esperei uma reação. Nada. “Às vezes tenho ânsia de tomar uma estrada e caminhar sem trégua, sem olhar para trás”. Eu disse em voz baixa, a dor minando a força das palavras. “Se for tua vontade, acho que você deveria.” Foi tua resposta. Esperei mais um dia. Arrependimento de não ter partido logo. Mais ainda de ter voltado.

Chego ao baú que jaz mais fundo no armário. Lá está meu vestido de noiva. Puxo o baú acetinado com cuidado. O vestido é leve, nele estão apenas as flores, não o fardo. Atiro-o ao chão, desço a pequena escada que pegara para mexer no maleiro — onde guardamos tudo o que não tem serventia, mas não temos coragem de jogar fora.

Com esse vestido outrora também desci a escadaria de uma igreja, entre muitos sorrisos e grãos de arroz pelos ares. E agora, o vestido ali jaz. Esse verbo não tem passado. Os mortos jazem porque permanecem mortos.

O vestido ali jaz. Não os grãos. Não os sorrisos. Abro cuidadosamente o baú. O vestido permanece branco em sua imaculada imobilidade de décadas, embalado em plástico. Eu o desembalo. E num movimento amplo de braços, abro a saia que cobre o chão do quarto.

O passado é uma roupa que não nos serve mais. Seria ridículo que eu coubesse agora nesse vestido. Não se trata do peso do corpo, mas da vida. Não tive a tentação de vesti-lo, mas não resisti ao toque. Minhas mãos passeiam pelo tecido fino, e meus dedos desenhavam os contornos das flores de linha. As coloridas flores bordadas sobre o fino tecido branco, elas duraram tanto mais que o buquê de rosas amarelas, tão lindas quanto frágeis.

Não tive a tentação de vesti-las, mas não resisti à tentação de me deitar sobre elas — meu corpo se reclinava sobre esse campo de flores coloridas de linha. Elas resistiram às flores da igreja, tantas flores a decorar a manhã azul de maio.

Também as flores adornam os funerais. Resistirão essas ao meu peso, não o do corpo esparramado sobre o tecido, mas o da alma que não lhe cabe mais?

Essa lacuna na memória. Sua imagem é uma foto única. As imagens que tenho da senhora na minha infância são as mesmas. O uniforme cinza, o rosto inexpressivo, o olhar atento para não deixar mancha nem sujeira. A boca imóvel, o sorriso raro, o silêncio permanente. O coque, o lenço na cabeça — pra segurar o suor, você dizia —, mas sei que Dona Magnólia obrigava a senhora a cobrir a cabeça, para não encontrar nenhum fio de cabelo da empregada sobre suas almofadas.

Há uma variação dessa imagem, na qual o espanador, os panos, as vassouras, o uniforme são substituídos por uma Bíblia, um rosário, um vestido marrom, reto, mangas até os cotovelos, saia abaixo do joelho, botões até a gola, sobre a qual você deixava a medalhinha de Nossa Senhora de Lourdes. Saía cedo para a missa, eu nem te via acordar, pregado no colchão no meu cansaço de estudante-operário. Quando você voltava, deixava os sapatos na porta para não me acordar. “Bom dia, mãe, pode abrir a janela ou acender as luzes”. E a senhora sempre respondia: “Bom dia, meu filho, Deus te abençoe”. E mesmo sem crer nesse Deus eu dizia: “Amém!” A senhora trocava a roupa de domingo pelo uniforme, ia para a cozinha ajudar Tiana a preparar o café da manhã e o almoço dos Menezes. Mesmo no domingo, mesmo nos feriados e dias santos. Todos os seus dias eram iguais, mãe. E nunca perguntei como a senhora se sentia, se já tinha pensado em deixar aquela casa, buscar outro serviço, ou procurar nossa família nos “cafundós do Nordeste”, como a senhora dizia. Talvez me respondesse da

mesma forma: “Que bobagem é essa, meu filho? Bora trabalhar que não tamo com a vida ganha!”.

Por que eu nunca perguntei? Carrego um vazio de anos de conversas que nunca aconteceram. Estranho pensar que esse vazio me preenche, tão contraditório isso. A gente não diz que a falta de móveis preenche uma sala... Como posso estar cheio da nossa falta de palavras? Provavelmente a senhora diria: “eu te avisei, meu filho: quem lê livro demais fica louco”.

Penso na sua vida, mãe, nesse retrato desbotado que aparece na minha lembrança. Parece que a senhora parou no tempo. Não existe aquela sensação clichê de “passar um filme pela cabeça” quando penso no tempo em que a gente vivia na mansão. Não é filme, não há movimento, não há sucessão de imagem, não há diálogos — é só um retrato de contornos desbotados e cores apagadas.

Não dei muita atenção para o que a senhora falava quando estava doente, mãe. Passamos pouco tempo juntos nos últimos anos. Desde que te levei para morar na minha casa, eu passava ainda mais horas no escritório. Aqui, ao lado do seu túmulo, não posso mentir para mim mesmo. Era um incômodo ficar com a senhora. Quando começou a falar compulsivamente, era torturante ficar ali sentado do seu lado. Sua fala sem fim me irritava, me angustiava perceber sua demência pelos palavões, pelas coisas indecorosas ou absurdas que você contava.

Admito que não me sentia culpado por me ausentar. Quem mais ouvia suas histórias eram Malu e as cuidadoras. Elas me contavam e diziam que você falava comigo, mesmo quando eu não estava lá. O “filho exemplar” que o padre elogiou não sentia remorso quando elas me falavam isso. A senhora nunca demandou minha atenção, compartilhou seu passado, seus sentimentos. Eu só pensava que isso era apenas mais um sinal da demência.

Foi um alívio quando a senhora perdeu a fala. O que diria o

padre ao “filho exemplar” sobre isso? Há coisas que tem o seu tempo. Por isso talvez eu goste tanto de relógios: para lembrar que o tempo passa e não volta. O que adiantava eu ficar do seu lado, se quase não conversamos quando ainda era saudável e lúcida? Quando sua fala era voluntária e coerente, a senhora escolheu quase não conversar comigo. Perdemos tempo. Poderíamos ter construído o tal laço entre mãe e filho, um cordão umbilical invisível e que não se corta? Tenho a sensação de que esse cordão nunca existiu, que não estive nas suas entranhas, que a senhora nunca me alimentou com seu sangue, sua placenta, seu leite. Não fui apresentado pela senhora ao amor inato e ao instinto materno que existe, de alguma forma, em todas as mulheres.

Por isso, o seu corpo na cama hospitalar que instalamos em casa, ou no caixão que desceu nesse tumulto não foi mais estranho para mim do que sempre foi. O que me é estranho e novo é vir nesse cemitério repetidas vezes e ficar aqui parado, olhando essa lápide e pensando, quando você não está mais aqui. E não faria diferença, se estivesse. O silêncio entre nós continuaria intacto. O silêncio era a única coisa que nos unia.

As caixas de papelão estão sobre o chão como caixões à espera dos corpos. Ainda não consigo decidir o que enterrar e o que manter para reconstruir um museu que agora será meu, apenas meu.

Mas não será. Quero me enganar com esse “apenas meu”. Sei que não conseguirei apagar tua presença. Tudo ainda é muito contraditório em mim.

Como juntar todas as minudências do passado? Essa casa possui tantos sons gravados em cada armário, tantos sabores na memória dos pratos lascados, tantos passos como pegadas invisíveis no assoalho.

É uma música de Belchior que canto baixo enquanto cozinho, uma risada tua entre as almofadas enquanto digo tolices, tantas lágrimas minhas nos banheiros e soluços já secos entre os lençóis.

Haverá um ritual até para que nos percamos um do outro, Beto. Você poderia me responder que já nos perdemos, que não há mais um nós. Mas o rito ainda não se fez, então não está consumado. Mesmo colocando toda a nossa vida em caixas, ainda me pergunto se haverá o enterro do que velamos, ou se permaneceremos eternamente na Unidade de Terapia Intensiva, mantendo por aparelhos um relacionamento do qual não conseguimos nos despedir.

Começo pela cozinha — o coração da casa, de onde pulsam o

calor, os aromas, o desejo de nutrir, confortar. Abro armários repletos de panelas, travessas, talheres, pratos e copos, em número muito maior do que usávamos no dia a dia. É preciso, pensávamos. Um utensílio para cada coisa. Tudo tem sua utilidade na hora certa, você dizia.

Lentamente vou tirando copos, um a um, envolvendo-os em jornais. Minhas mãos ficam sujas das letras cinzas que se sobrepõem ao vidro transparente. Delicadamente pego minhas taças preferidas. Dentro de cada uma, ainda os sons da felicidade — bolhas de *champagne*, risos, sussurros de amor, brindes. As lembranças de tantos jantares tomam o espaço entre a mesa e o fogão, nessa cozinha-palco onde vejo ainda o primeiro ato, em que construímos nossa intimidade, a mesa antecedendo a cama em uma promessa de contínuos deleites. Eu te surpreendia com banquetes inesperados para noites comuns, terças ou quintas festivas sem aniversários ou efemérides, te seduzindo, assim, a cada semana, te conquistando ao longo de anos, *servindo a quem vence o vencedor* — o amor e suas bélicas metáforas.

Hoje a pia vazia, azulejos asseados e a bancada de granito reluzente me dizem em sua frieza que todo e qualquer fogo se apaga. Basta interromper o trabalho incessante de alimentar a fogueira. Basta um segundo esquecer-se da lenha. *O fumo vem, a chama passa*

“Leve o que quiser, não me importo... Afinal, foi você quem escolheu os móveis, a decoração e, antes disso, o projeto da casa, o lugar das portas, das janelas e as cores das paredes.” Sem saber, me disse uma verdade: que eu fizera tanta coisa sozinha com você ao meu lado, pensando que estava ali, tomando as decisões comigo. Eu mal percebia sua cômoda concordância, a preferência pelo silêncio,

que a princípio me era confortável, mas depois me frustrava, pois tudo o que eu ouvia como resposta era o eco do meu próprio grito e, cansada, um dia também me calei.

Mais uma vez sozinha, olho para os armários, estantes e gavetas que foram se preenchendo, ao longo dos anos, com o que ficou ali, sem uso, mas não tivemos coragem de dispor. Metáfora de nossas vidas, que já sem sermos o casal que fomos continuamos aqui, sem saber o que fazer de nós.

No fundo eu sabia, mas o peso de todos os votos, certidões e obrigações tolhiam-me as pernas, as três, que o casamento era a *terceira perna que me fazia um tripé estável*. Olho com avidez as portas e janelas, e abro, uma a uma. A luz e o movimento lá fora me chamam com sua força de vida, contrastam com o ar de morte que sufoca. Eu não posso caminhar na direção delas sem cortar a terceira perna. Por tanto tempo comigo, já parece meu corpo, nem lembrava mais que eu já vivera com duas pernas. É difícil reaprender a andar quando se esteve estático por tanto tempo. Mas o sol e o vento me chamam.

Caminho devagar, dolorosamente. Você observa o corte nada cirúrgico que fiz, o rastro que eu deixo, acompanhando os curativos que tento fazer. Vê a cada dia que eu me aproximo da saída. Eu saio da sua vida pela porta da frente e você se mantém impassível — só queria saber se o lamento morreu antes de chegar na garganta, ou se ele nunca existiu.

Quem é Teresa, mãe? Às vezes, fico horas calado, embora não encontre mais no silêncio o conforto de antes. Por dentro, sou só ruído. Eu sou só essa pergunta: quem é Teresa? Malu inventaria um enredo: “Teresa é sua mãe biológica, Beto. Lurdes era amante de José Francisco, como ela te contou. Ele amava ambas, não conseguia se separar de Teresa nem terminar com Lurdes. Teresa não suportou esse golpe da vida. Suicidou-se, mas antes deixou você aos cuidados de Lurdes, que o criou como um filho”. Um enredo digno de novela mexicana, Alberto. Nem Malu faria melhor. Você devia mudar de ramo, mas, antes, procure um psiquiatra, seu cretino.

Não tenho me sentido bem, mãe. Muitas vezes me desconcentro do que estou fazendo. Parecem ser apenas alguns minutos em que não penso. Quando percebo, já se passou uma hora ou mais. Tenho tido náuseas, falta de ar, sensação de sufocamento, às vezes. Fiquei assustado, já marquei uma consulta médica. Estou preocupado, nunca tive nada assim. A senhora louvava dizendo que a saúde de ferro dos pobres era a prova da misericórdia de Deus, pois aí daqueles que não têm saúde nem dinheiro, mas têm fome.

As pessoas têm me olhado diferente, no escritório. Um olhar de estranhamento, às vezes, de piedade. Qual motivo para terem dó de mim? Esse é o tipo de sentimento que eu não admito, ser digno da pena de alguém. “Engole o choro e continua”. Você me ensinou e

nem precisou dizer muitas vezes, porque chegou um momento em que eu já não chorava mais. “Todo mundo vai morrer um dia, mas a gente vai morrer de pé, meu filho”. Que ironia da vida a senhora ter morrido numa cama, depois de ter passado tanto tempo deitada, sem mexer nem sentir as pernas. Sarcasmo, eu diria. Se existir aí esse Deus em quem a senhora tanto acreditava, só posso pensar que ele é um cara bem sarcástico.

Não tenho conseguido trabalhar. Perdi prazos. Perdi algumas causas, dinheiro e reputação. Dei prejuízo para a empresa. Tenho evitado encontrar com o Dr. Augusto, invento compromissos na rua, quando ele se aproxima da minha sala. Cheguei a ir embora antes do horário de uma reunião que ele marcou comigo. Mal suporto olhar para ele.

Hoje não teve jeito: ele entrou na minha sala e se sentou, me olhou sério e disse que, daquele jeito, eu não podia continuar. Falou que entendia eu estar num momento delicado, que o luto é mesmo difícil, que ele já tinha passado por isso quando seu pai faleceu — embora com mais autocontrole e serenidade do que eu aparentava — ele frisou, com as sobrancelhas levantadas. Assim, ele me sugeriu um afastamento temporário. De jeito nenhum, respondi.

Não sei como a senhora, que sempre valorizou tanto meu emprego, reagiria a isso. Não sei o que Malu vai pensar. Minha vontade é não contar a ninguém.

Pedi demissão da Albuquerque & Menezes Advogados Associados.

Difícil parar quando ainda não se esgotaram as palavras nem os objetos. Guardamos demais — objetos e palavras. Não sei se você concorda, mas quanto maior o tempo que se está junto, mais um casal começa a comprar coisas das quais não precisa; mais as caixas, os embrulhos, a felicidade de celofane encobrem problemas não resolvidos. O brilho dos objetos novos põe no fundo das estantes as frustrações acumuladas e assim seguimos.

Olho as tantas caixas já preenchidas. Há poucas restantes e tantos objetos ainda nas gavetas, estantes, armários, paredes, guarda-roupas. Sorte não haver um guarda-palavras, um baú de sonhos vencidos, pois palavras e sonhos ocupam cada cômodo dessa casa.

Amadurecer seria, pelo dicionário, tornar-se maduro, mas talvez, referindo-se a pessoas, melhor definição seria tornar-se amargo. Vê-se nas prateleiras os sonhos vencidos, as ilusões enfileiradas, uma a uma, sorrindo ironicamente da nossa ingenuidade. “Não enlouqueça, são apenas os discos, os livros, os filmes, os quadros, os objetos das nossas coleções” — você diria, Alberto! “Ah, esse pendor para o trágico: já pensou em escrever óperas, Maria Lúcia?”

Mas não são todas essas coisas que compramos, arranjamos e conservamos a própria ilusão da nossa permanência? Uma tentativa de fixar nossa história, de criar um refúgio de conforto, uma aparência de segurança e ordenação no caos que somos?

Chega inevitavelmente o dia em que nossa vida nos parece uma tragicomédia a se assistir — o tempo constrói o enquadramento e coloca em tela tudo o que aflige, emociona, excita, diverte ou preocupa. Tudo ali se passa naquela sucessão de eventos de filme hollywoodiano — tudo na mais perfeita mediocridade, exposta com orgulho nos álbuns de família, nas vitrines, nos desfiles dos carros do ano e coisas cotidianas.

Tudo perde sua passada descabida importância.

“A vista desta casa é formidável”, diz a corretora de imóveis. Ela também usa adjetivos genéricos como “amplo living”, “estilo tradicional”, “ótima localização” e outros que, provavelmente, comporão o previsível anúncio de venda que ela (ou o estagiário) irá redigir. Da sacada olhamos a vista “formidável” e me perco em lembranças. O vento levantando meu vestido enquanto eu acenava para você que, da rua, gritava que, se continuasse a ventar, não sairia mais. Nós dois sentados no chão, olhando a rua, em uma véspera de Natal que passamos sozinhos, tomando vinho, tranquilos, longe das compras e embrulhos e ceias e outros preparativos estafantes. Nós dois deitados ali, num sol morno de inverno, lendo juntos o mesmo livro ou ouvindo discos recém-comprados, a sala e a sacada misturando-se em portas-janelas abertas e cortinas esvoaçantes. A alegria sem limites de quando o amor mora numa casa.

Acaricio meus pensamentos antes que se desvançam com o lamento da corretora: “Pena que não é uma varanda gourmet. Mas fazer o quê? Casa antiga, né? Edícula e churrasqueira no quintal, isso não se usa mais! Olha, vai ter que baixar o preço porque vai precisar de bastante reforma!”.

Entre o que não se usa mais, a edícula com churrasqueira no quintal é dos nossos menores problemas, minha senhora... Mas me contenho. Sorrio o sorriso falso dos negócios. Sigo mostrando a

casa, em cada cômodo ela aponta algo que o proprietário novo poderá quebrar, reconstruir, repaginar. Nada do que foi ainda serve, Alberto, nem a nós nem a ninguém.

“As escadas são lindas; é granito, né? Daqui a 200 anos essa escada vai estar aqui. Pedra é pedra, não vê as pirâmides do Egito?”

A corretora prossegue em seus infinitos comentários, mas não escuto mais. Por que eu iria querer uma escada que durasse 200 anos, se provavelmente nem no próximo mês estarei aqui, minha senhora?

“Piso de madeira é clássico e aconchegante, principalmente no inverno, mas tem muita gente hoje trocando por porcelanato. Além de mais moderno, é mais fácil de cuidar, hoje em dia está cada vez mais difícil manter boas empregadas domésticas, a senhora deve saber.”

Abro a porta do primeiro quarto, onde entramos devagar. Curiosamente, ela se cala. Terá ela sentido o cheiro da morte às prestações? Pressentido os instantes fora do tempo, num limbo que não é vida nem morte, mas amorfa espera?

A atmosfera do quarto incita ao silêncio. E assim prosseguimos caladas pelos outros dois quartos. Sem comentários sobre madeiras, porcelanatos, golas de gesso ou janelas com controle remoto.



Ainda não consegui contar para Malu que pedi demissão. Continuo saindo todos os dias, no mesmo horário. Sem ter o que fazer, às vezes, venho para cá. Fico observando o movimento do cemitério, o cortejo dos enterros, o trabalho dos coveiros. Há dias movimentados, outros menos.

Olho sua foto e sua lápide, sem esperar resposta. Nunca fui de procurar um sentido para a vida nem acreditar que isso possa existir. A maioria do mundo é gado que segue na marcha, até sem aboio. Mas eu tinha, pelo menos, algumas certezas. Eu sabia quem eu era, quem era minha mãe, quem era a minha esposa. Agora não mais.

A senhora nunca soube de nenhuma Teresa, nunca a conheceu. É claro que nunca houve um José Francisco na sua vida. Antes eu tinha um pai, ainda que ausente, ainda que para odiar por ter me abandonado. Antes eu tinha uma mãe distante, mas que eu julgava boa e honesta, mas agora não sei mais quem foi. Uma mitomaníaca? Para inventar uma mentira tão bem e sustentar por tantos anos?

Se aquela história que Malu me relatou, que a senhora contou várias vezes, pensando estar falando comigo, de que tinha comprado aquele porta-retratos, inventado que aquele homem era meu pai, para eu não fazer perguntas sobre ele... Se eu admitir que essa história é verdade, e não um delírio, um sintoma da demência, então teria que acreditar nas outras histórias?

É tudo surreal demais. Como acreditar nessas histórias? Como acreditar que aquilo tudo possa ter acontecido dentro da casa dos

Menezes? Embaixo do nariz de todos? Como acreditar que o Dr. Augusto... que ele fez... aquelas coisas com a senhora dentro da casa e ninguém viu? Que ele ia ao quarto de uma menina, no meio da noite — os quartos dos empregados grudados um no outro — e ninguém percebia?

É improvável demais. Queria não pensar mais nisso. Já rasguei aquela foto, Teresa e José Francisco já foram para o lixo. Já doeï suas roupas, mãe. Só não consegui me desfazer daquela caixa, onde ainda estão sua foto e a de Tiana.

Não, Malu, eu gosto do silêncio, mas não está nada confortável para mim. A casa perdeu seu movimento. Você não vem mais falar comigo logo que eu chego do trabalho, como fazia. Nem que fosse para dar boa noite, dar o “boletim médico da Dona Lurdes”, como você dizia, comentar uma ou outra notícia no jantar. Isso era tudo o que tínhamos nos últimos tempos. Ainda jantamos juntos, mas as frases se resumem a perguntas pragmáticas e respostas monossilábicas. “Passe o queijo, por favor”, “Você quer mais salada?” ou “Paguei a última parcela da funerária, o comprovante está em cima da sua mesa” e “Obrigado” não são exatamente o que se pode chamar de diálogo.

Mesmo assim, me surpreendi quando você disse que era melhor a gente assumir para o resto do mundo que estávamos separados há mais de um ano, porque casados mesmo a gente não era mais, apenas dividíamos moradia e boletos. Casamento para você é só transar e dormir na mesma cama? Achei que dividir a casa e as contas também. Por que eu não te respondi isso naquela hora? Você já tinha insinuado algumas vezes que queria o divórcio, mas de forma hesitante, chorando muito. Dessa vez, eu estava na biblioteca, tomando um café às pressas e ao mesmo tempo

recolhendo papéis numa pasta, antes de sair. Você entrou e me disse aquilo, de forma tão segura, tão tranquila, logo cedo. Eu só consegui pôr a xícara na mesa e te olhar, eu não sabia o que dizer, menos ainda o que fazer quando você se aproximou de mim. O que esperar dessa mulher com quem eu tinha dormido por mais de 20 anos e não conhecia mais? Talvez não tivesse conhecido nunca. Realmente não sabia se me daria um beijo ou um tapa. Você não cai em clichês, Malu: pegou minhas mãos, segurou por um tempo, me olhou nos olhos. Cheguei a achar que nos beijaríamos, suspirei como não fazia há tempos, como se todo esse silêncio, esse cansaço, essa distância entre a gente fosse acabar. Sua expressão comovida, eu tive vontade de beijar seus olhos úmidos, mas continuei ali, sem reação. Então você levantou minha mão esquerda e beijou minha aliança, reconheci o gesto típico das cerimônias de casamento. Só que, ao contrário, você tirou minha aliança, ficou com ela na palma da mão direita. Eu não aguentava mais ficar ali sem saber o que fazer. Deixei o café, a pasta, os papéis. E você.

A gente se ilude que vai tomar a melhor decisão, pensa, repensa e pondera e hesita, na esperança vã de pesar prós e contras, de que equilíbrio exista na balança da vida, mas a verdade é que não há decisão que não crie sua cicatriz — *há barcos para muitos portos, mas nenhum para a vida não doer.*

Quando você estava aqui, sua ausência me doía — seu silêncio, a falta do partilhar de si. Éramos sozinhos juntos, com a diferença de que sua solidão me parecia cômoda, quase contente, enquanto eu mergulhava em dor e frustração.

Ainda assim, depois que você saiu de casa, sua presença permaneceu. A solidão acompanhada em que vivíamos talvez fosse menos ruim do que esse vazio, a casa engrandecida sem seu corpo, sem os ruídos da sua permanência, cada cômodo um conjunto de coisas a me lembrar de tudo o que fomos. Iniciei a ladainha das memórias, lembranças cantadas em frases longas e agudas, a louvar o que de bom restou de nós. Estaria mentindo se não admitisse que chorei sua partida, que quase pedi para que você voltasse, que questionei onde me tinha levado abrir todas as gavetas, que sonhei por um instante que fosse possível voltar atrás e fechá-las, ser de novo uma mulher que se conformava com aquela meia-felicidade, com a mornidão dos beijos protocolares de despedida, os únicos que trocávamos nos últimos tempos.

Por um momento tive medo, como os passarinhos que, abertas as gaiolas, continuam nelas, pois as asas se desacostumaram ao voo; as minhas, então, estavam quebradas. Foi preciso repetir, como um

mantra: *Take these broken wings and learn to fly.*

Na biblioteca, os tantos livros que excedem as estantes, fileiras se amontoando em frente a outras perfeitamente arrumadas. No início, você organizou por autor e ordem alfabética, que eu acabava bagunçando em caóticas consultas ou conversas com vários autores ao mesmo tempo.

Olho nossas mesas de trabalho lado a lado. Na sua, livros e códigos e pastas repousam serenos e em ordem; na minha, estão abertos, sobrepostos, cadernos com textos incompletos, o fio do computador como uma serpente entre canetas, folhas, marcadores de livros. Há uma secreta e sinuosa beleza no meio do aparente caos, com versos anotados em papeizinhos dispersos.

Começo a olhar as estantes e selecionar alguns volumes, que empilho para colocar nas caixas. Mas logo se mostra impossível selecionar esse ou aquele, que todos são meus e seus. Aqui o limite, não consigo saber quais palavras alheias são minhas ou suas. Aqui misturamos nossas vidas e *o que sobrou de nós dois, não dá nem pra repartir*

As fotografias dispostas nas paredes e porta-retratos me olham sorrindo, me interrogam sobre essas lágrimas: “Por que toda essa tristeza, Malu? Não te basta esse marido limpo e alinhado? Esse companheiro que não te trai nem te bate? Essa casa própria e decorada a teu gosto, essa perspectiva de dias sem sobressaltos? O que mais você quer?”

Essas são as vozes dos retratos, das mulheres em seus vestidos de festa, muitas ao lado dos seus também limpos e alinhados maridos, com taças de *champagne* e sorrisos, não planejadamente falsos. Difícil explicar que enganaram a si mesmas com tanta eficácia que

acabaram acreditando, que eu mesma, por muito tempo, menti para mim com tanta força que criei verdades.

As fotos nas paredes me contam uma história, narrativa que construímos por anos. Em muitas dessas imagens estou abraçada às minhas amigas. Abraços que cessaram não quando revelei as dores, mas a consciência da narrativa, do tecer o fio que une os dias, um tecer incansável do sentido para estarmos juntos até que a morte nos separe. Não as condeno. Não é falta de amor, mas temor de que a consciência do outro nos contamine, de que não consigamos viver mais a mentira paliativa que construímos, o placebo que torna suportável a ausência de alma nos gestos e nas palavras. É só o medo de que a dúvida do outro nos leve, fatalmente, a interrogarmos a nós mesmos.

“Nossa, tenho medo de que o João comece a pensar essas coisas que você está dizendo”, disse a mim uma delas, olhando para baixo, como que para dentro de si. “Não quero nem pensar nisso, eu não suportaria um divórcio”, seguiu, ainda olhando para baixo. E como se acordasse de um pesadelo, passou a qualificar a comida do restaurante, falou de outros, emendou dicas dos melhores cardápios da cidade, as melhores cartas de vinho, enveredou pelas viagens gastronômicas — “...estão super na moda, você sabia? No ano passado, fomos ao Peru...” Eu ouvia atenta, enquanto ela tecia, alongava os fios com destreza, receosa de que por um instante eu colocasse à mostra de novo os fios que eu puxava, o tecido que eu rasgava.

Separo roupas para doar e as que mantereí. Abro os armários e olho interrogativa para cada peça: quero levar poucas, partir leve. De repente meus olhos miram no pequeno baú com motivos florais. Lá está meu vestido de noiva. Eu abro a caixa devagar, como a

repetir a solenidade de 20 anos atrás, como se eu não o tivesse tirado da caixa há algumas semanas. No dia do casamento, a emoção de usá-lo uma única vez me movia; agora, a gravidade diante de uma peça de museu. Coloco-o em uma capa plástica, provavelmente pertencente a um travesseiro, no passado, e pelo plástico transparente sinto a textura das flores coloridas com linha, bordadas sobre o tecido alvo.

Saio à rua decidida a deixá-lo em um brechó, junto com outras roupas. A vendedora me olha admirada: “É seu? Você se casou com ele?” Respondo que sim, ela sorri e diz: “Adoro essas peças *vintage*, olha a delicadeza dessa barra, os bordados no gazar!”.

Agora velho mudou de nome, sou *vintage*! A vendedora pendura o vestido em um cabide numa parede que contém ainda espelhos, chapéus e outros objetos *vintage*. Vê-lo ali, como um corpo suspenso, as flores flutuando como se esforçadas em não cair, me causa estranhamento. A vendedora percebe meu olhar demorado e diz: “Tem certeza de que quer vender? Olha, pelo seu jeito, talvez você se arrependa depois...”.

Não há espaço para arrependimentos a essa altura, eu penso, enquanto devagar passo os dedos sobre as flores e retiro o vestido do cabide. Ela sorri, compreensiva. Deixo-a com a capa plástica nas mãos, não me dou ao trabalho de dobrá-lo e guardá-lo, deixando-o estendido no banco do carro, ao meu lado.

Passeamos pela cidade, até que eu estaciono às margens de uma avenida qualquer, com um jardim no canteiro central. Os carros no semáforo olham essa mulher que anda com um vestido de noiva nas mãos, a cauda tocando levemente o asfalto. Chego ao canteiro e o estendo no gramado. Ali, no fundo verde, ele me parece mais bonito, as flores coloridas descansam do esforço de se manterem na parede *vintage*, onde em breve pareceriam flores murchas. “É como se eu as plantasse aqui”, disse para mim mesma, minha voz quase

encoberta pelo barulho do trânsito. Duas mulheres maltrapilhas me observam, curiosas.

Antes de voltar ao carro, um olhar de despedida. Os veículos parados, impacientes, antes do semáforo; do outro lado da avenida livre, vejo as duas mulheres se aproximando do vestido, uma delas o segura em frente ao corpo, como se a conferir que lhe servia, o tecido alvo contrastando com a pele suja. Elas riem, aquela que o segura dá passos vagarosos como se entrasse por uma aleia ladeada de flores, olhando embevecida o noivo imaginário a esperá-la. Num relance me vê, interrompe o passo e acena, sorrindo. Eu aceno de volta. O sinal verde.

Entro no carro e, no fluxo do trânsito, vejo a noiva pelo retrovisor, que rodopia pelo gramado, as flores coloridas dançantes sobre o fundo verde.

Sobre sua mesa do escritório repousa ainda sua última xícara de café. Na sua organização mais que internalizada, em condições normais de raciocínio, temperatura e pressão, você jamais a deixaria ali. Diante das minhas poucas palavras, sem desculpas ou versos ou linguagem figurada, o susto foi grande. Perante meus olhos sem lágrimas, você não conseguiu mais qualquer recurso que me fizesse parecer exagerada, confusa, hesitante ou outro adjetivo que costumava usar. Ficou parado, a xícara em suas mãos. Antes de sair, em silêncio, você a pousou sobre a mesa. Eu a deixei exatamente ali, como um verso que finda um poema de amor.

Sobre a minha mesa, deixei o penúltimo verso — um dístico perfeito, eu diria. Ali está, entre cadernos e textos e bilhetes, o livro de colorir. Eu me lembro bem daquela noite, duvido que tenha esquecido.

Em silêncio, abro o livro na página com a pintura incompleta como nossa conversa. Depois de mais uma noite em nossa frustrada tentativa de reencontrarmos os amantes que fomos, meu corpo,

antes inflado de palavras tristes, em ritmo lento, foi tomado por um peso já sem palavras.

Naquela noite, não me demorei na cama. Levantei, me vesti rápido e desci as escadas. Sobre a mesa da sala de jantar, vi o livro de colorir. “Antiestresse”, a capa advertia; ao lado, os lápis de cor espalhados na pintura feita na véspera, bagunça da qual você tinha reclamado. Sentei-me e comecei a pintar, concentrada. Depois de muitos minutos, você desceu as escadas. Creio que se surpreendeu comigo ali, a pintar como uma menina de pré-escola, escolhendo cuidadosa cada cor, apontando com esmero cada lápis, organizando-os pela gradação de cores.

Quanto tempo permaneci nesse minucioso trabalho, não sei quantificar. O homem dos relógios é você, Alberto. Mas me lembro de você sentado no sofá da sala de estar, seu olhar de expectativa de que eu dissesse algo ao levantar a cabeça do livro para escolher mais um lápis. Passou-se tempo suficiente para que eu pintasse boa parte do desenho, um silêncio denso se espalhou pela sala, até que você resolveu quebrá-lo: “Não quer conversar?”. De pronto levantei meus olhos do livro, encarei os seus, e vi neles sua confusão. Onde estava a mulher que com mil palavras tentava se explicar, te persuadir, te mover de qualquer forma na sua inabalável estabilidade?

“Para que falar daquilo que não estamos dispostos a resolver?” Não esperava que te respondesse com outra pergunta, Alberto. Você não falou mais nem pediu que eu falasse — reconhecemos que há coisas indizíveis, a insuficiência das palavras diante do que não sabemos de nós. Continuamos em silêncio, apenas ao som do lápis sobre o papel e, às vezes, o ruído do teu corpo a mudar de posição no sofá.

Rituais de divórcio? Que ideia estapafúrdia, alguns diriam, não se celebra o fim do sonho de um amor eterno, a falência de um

projeto de vida comum. Mas rituais não são apenas para comemorações, quiçá os rituais da dor sejam tão mais importantes. Os cantos fúnebres se sobrepõem em quantidade e beleza às canções natalícias, e até essas provavelmente têm muito de alegria inventada, pois nascer deve ser tão assustador quanto morrer.

Não existem rituais de divórcio, então tive que inventá-los. Não de forma premeditada: foi algo que me ocorreu ao te observar com a xícara de café. “É melhor pararmos de fingir para o resto do mundo que ainda estamos casados. Faz mais de um ano que não dormimos juntos, apenas dividimos a casa e as contas”, eu disse. Você ficou perplexo, mudo, colocou a xícara sobre a mesa, sem tirar os olhos dos meus. Devagar me aproximei e ficamos próximos como há meses não ficávamos, Beto, e você não fez nenhum gesto. Segurei sua mão, você deu um suspiro profundo; então te olhei nos olhos e, em sacramento às avessas, desfiz nossos votos. Mudas despromessas: palavras há para jurar amor na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, mas não para o momento em que a vida, não a morte, nos separa.

Senti sua aliança com a ponta dos dedos, o círculo metálico, sem começo nem fim, perfeita metáfora-objeto do que se quer o amor. Levantei sua mão esquerda e não pude resistir: beijei-a, o mesmo gesto de quando nos casamos sendo agora um mesmo-outro, o beijo da gratidão que sela a despedida. Tirei lentamente sua aliança. Você não fez nada, apenas a deixou em minha mão, e a xícara de café pela metade sobre a mesa.

Antes que eu me vá, preciso dançar nos cômodos vazios. Senti quando levaram os móveis, senti como se me cortassem os cabelos, os dedos, eram partes da minha vida que saíam pela porta. E ficou o vazio, eloquente. O eco das nossas próprias palavras repete o que

não queremos ouvir.

Quando se foi a raiva, quando a exaustão me tomou, eu tombei e deixei a dor invadir cada músculo, como se parasse de tentar nadar num mar tempestuoso e me deixasse afundar. Desisti de me salvar da tempestade e senti as águas pesadas sobre mim, ora me afundando, ora uma nova onda me jogando e me trazendo de volta ao mesmo lugar.

Adormeci no chão do nosso antigo quarto, sentindo na boca a amargura dos naufragos. Eu tinha sobrevivido. O corpo pesava sobre o assoalho duro, mas me levantei de lado. Sentada, olhava as paredes vazias, a marca da cabeceira da cama em uma delas, a marca da mesa de canto no chão. Nada intacto, há vestígios da nossa passagem nos mínimos lugares, até na fenda entre uma tábua e outra do assoalho talvez encontremos um fio de cabelo, a linha de uma blusa, a tarraxa de um brinco. *Os escafandristas virão explorar tua casa e tentarão decifrar o eco de antigas palavras, fragmentos de alguma coisa nossa que ficou, porque sabemos, nada ficou ileso, nem meu corpo, nem o teu, nenhuma matéria ao nosso redor escapou à energia poderosa de um amor cuja semente germinou algo que não esperávamos, sem a previsibilidade dos jardins de que você tanto gosta.*

Não conseguia dizer, só lembrar versos já tão conhecidos. Minhas palavras mesmo, elas todas se esconderam, não conseguia encontrá-las. Levantei engolindo a vastidão do quarto, me pus a andar por todo o espaço, como se meus passos medissem o vazio. Demorei para perceber que havia um ritmo, era como uma dança sem música, feita só da descoberta do ar, braços desenhavam pássaros imaginários, promessa de liberdade.

Preciso dançar nos cômodos, não preencher seu vazio, mas senti-lo como um presente.

Desistir de nós foi tão difícil, Beto, não é simples deixar morrer o que ainda tem algum sopro de vida, mesmo débil, quase inaudível respiração. Eu sabia que não existiam mais chances, embora todos os dias alguém tentava me convencer, no repetitivo vale-tudo-para-salvar-a-relação, inconsciente de que qualquer gesto só daria uma sobrevida ao que está moribundo. “Por que não fazem uma viagem?” “Puxa, vocês passaram por tanta coisa, agora que poderiam aproveitar...” “Vocês já tentaram uma terapia de casal?” “Dê tempo ao tempo, vocês só estão muito cansados.” “O quê? Agora que ele precisa tanto de você?” “Olha, casamento é assim mesmo, tem fases...” “Amiga, você precisa apimentar a relação, por que você não faz um *strip*, compra uns óleos aromáticos?”

O que todos diziam era que *eu* encontraria um jeito de resolver isso. Eu encontraria. Porque afinal, “homens são assim mesmo, emocionalmente imaturos” — mulher que é fortaleza, esteio, “a rocha sobre a qual se constrói o edifício matrimonial” — difícil esquecer essa pérola do padre que nos casou.

Nunca me permiti desistir. Trabalhos, cursos, projetos, relacionamentos, sempre fui a garota que levou tudo até o fim. Mesmo com as mãos sangrando de tanto remar, toquei o barco. Não por ser “a guerreira”, como dizem, mas por incapacidade de soltar, de deixar um dever não cumprido, as coisas fora do lugar, sentir a derrota da desistência.

Agora, *desistir é minha vitória, desistir sem qualquer desespero*. Soltei os remos e beijei minhas mãos cansadas. Elas pulsam dolorosamente do esforço de anos e embora eu saiba que não consegui chegar à margem, que sem remar não controlo a direção do barco, beijo minhas mãos como as de uma sacerdotisa. Eu me abençoo com essas mãos cansadas, como uma peregrina que pede a bênção antes da partida.

Antes de sair, olho sobre a mesa de granito da cozinha: duas

fotos 3x4, do ano em que nos conhecemos, que eu guardava na caixa de anéis. E sobre cada uma delas, deixei nossas alianças, lado a lado.

O barulho do trem me recorda que tenho coragem. E que eu vou partir.

Coleção de versos de Maria Lúcia

A carne é triste. Stephane Mallarmé, “Brisa Marinha”.

Razão, de que me serve o teu socorro? Manuel Maria Barbosa du Bocage, “Sobre estas duras, cavernosas fragas”.

Meu verso é minha cachaça. Carlos Drummond de Andrade, “Explicação”.

O esforço pra lembrar é a vontade de esquecer. Rodrigo Amarante, “O Vento”.

Se te dera apenas um anel de vidro/ irias com ele por sombra e perigo? Cecília Meireles, “Confessor Medieval”.

Por que não tentas esse poço de dentro/ O incomensurável, um passeio veemente pela vida? Hilda Hilst, “Poemas aos homens do nosso tempo, XIII”.

Sem amores, nem ódios, nem paixões que levantam a voz,/ Nem invejas que dão movimento demais aos olhos. Ricardo Reis [Fernando Pessoa], “Vem sentar-te comigo, Lúcia, à beira do rio”.

O amor é um grande laço, um passo pra uma armadilha. Djavan, “Faltando um pedaço”.

É estar-se preso por vontade. Luís de Camões, “O amor é um fogo que arde sem se ver”.

O poeta é um fingidor/ Finge tão completamente/ Que chega a fingir que é dor/ A dor que deveras sente. Fernando Pessoa, “Autopsicografia”.

De repente, não mais que de repente/ Fez-se de triste o que se fez amante.

Vinícius de Moraes, “Soneto de Separação”.

Volver a los diecisiete, después de vivir um siglo [Voltar aos dezessete, depois de viver um século]. Violeta Parra, “Volver a los diecisiete”.

Eu não sei dançar tão devagar pra te acompanhar. Alvin L, “Eu não sei dançar”.

A mão que afaga é a mesma que apedreja. Augusto dos Anjos, “Versos Íntimos”.

Tempo, tempo, tempo, tempo,/ és um dos deuses mais lindos. Caetano Veloso, “Oração ao tempo”.

Entrar na máquina do tempo e de novo encontrar você (...) Quero viver o mesmo sonho e de novo encontrar você. Aggeu Marques, “Máquina do tempo”.

If I could save time in a bottle/ the first thing that I'd like to do/ is to save every day 'til eternity passes away/ just to spend them with you [Se eu pudesse salvar o tempo em uma garrafa,/ a primeira coisa que eu gostaria de fazer/ seria salvar cada dia, até morrer a eternidade,/ apenas para gastá-los com você]. Jim Croce, “Time in a Bottle”.

Pretendo descobrir /No último momento/ Um tempo que refaz o que desfez/ Que recolhe todo o sentimento/ E bota no corpo uma outra vez. (...) Depois de te perder, te encontro com certeza/ Talvez no tempo da delicadeza. Chico Buarque, “Todo o sentimento”.

Mas eis sucumbe a Natureza escrava / Ao mal, que a vida em sua origem dana. Manuel Maria Barbosa du Bocage, “Meu ser evaporei na lida insana”.

A insustentável leveza do ser. Título de romance de Milan Kundera.

Como, se na desordem do armário embutido,/ teu paletó enlaça meu vestido,/ e meu sapato ainda pisa no teu. Chico Buarque, “Eu te amo”.

O passado é uma roupa que não nos serve mais. Belchior, “Velha roupa

colorida”.

É servir a quem vence, o vencedor. Luís de Camões, “O amor é um fogo que arde sem se ver”.

O fumo vem, a chama passa. Manuel Bandeira, “Chama e fumo”.

Perdi alguma coisa que me era essencial, e que já não é mais. Não me é necessária, assim como se eu tivesse perdido uma terceira perna que até então me impossibilitava de andar, mas que fazia de mim um tripé estável. Clarice Lispector, “A paixão segundo G.H.”.

Há barcos para muitos portos, mas nenhum para a vida não doer. Fernando Pessoa, carta para Mário de Sá Carneiro, 14 de março de 1916.

Take these broken wings and learn to fly [Pegue essas asas quebradas e aprenda a voar]. Paul McCartney, “Blackbird”.

O que sobrou de nós dois, não dá nem pra repartir. Djavan, “História de cantador”.

Os escafandristas virão/ explorar sua casa/ (...) sábios em vão/ tentarão decifrar/ o eco de antigas palavras, fragmentos de cartas, poemas. Chico Buarque, “Futuros Amantes”.

Desistir é minha vitória/ desistir sem qualquer desespero. Lia d’Assis, “Revelação”.

Agradecimentos

À Michelle Strzoda, cuja leitura crítica das primeiras versões deste livro foi muito importante na ampliação da estrutura narrativa. Também agradeço sua interlocução durante o processo de escrita e da procura por editoras.

A Fábio Telles Rodriguez, Emília Souza e Odirley Topan, pelas leituras generosas e todas as conversas, comentários e sugestões.

À profissional da saúde Denise Cunha Saadi, pelas sugestões sobre o diagnóstico de Lurdes e à Prof.^a Dr.^a Alana Xavier Batista, pelas indicações de leitura sobre demência e ajuda preciosa na elaboração dos prontuários médicos da personagem.

A Marcelo Nocelli, pelo cuidado no processo de edição e publicação.

Ao PROAC — Programa de Ação Cultural da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, cuja contribuição material foi fundamental para esta publicação.

